REVISTA DA SEMANA

N. 36 5-9-1953 Cr$ 5,00



MORREU DIACUÍ

•

Berlim pergunta: Depois disso que virá?

•

A "OUTRA" EDA CIANO

Sempre melhorando...

a BANDEIRANTES

entrega ao Brasil

suas

ONDAS CURTAS

25 MTS. 11.925 KLCS.

49 MTS. 6.185 KLCS.

INAUGURAÇÃO EM SETEMBRO



RADIO BANDEIRANTES 

a mais popular emissora paulista

PRH-9 - 840 KLCS.

Diacuí e Aires viveram momentos felizes no Rio, por ocasião de seu casamento e também na solidão das selvas, já como marido e mulher. E' falso que Aires haja abandonado a índia.

DIACUÍ VIVEU E MORREU FELIZ

DESFECHO EMOCIONANTE DE UM ROMANCE DE AMOR QUE EMPOLGOU MULTIDÕES ★ COMO SE DEU A MORTE DA FAMOSA ÍNDIA KALAPALO, ÀS MARGENS DO RIO KULUENE ★ O ESPÔSO DA ÍNDIA, O SERTANISTA AIRES DA CUNHA, RELATA O SEU DRAMA ÍNTIMO, VIVENDO EM TODOS OS DETALHES OS MOMENTOS FELIZES QUE PASSOU COM DIACUÍ ★ LUTO NA TRIBO E HOMENAGENS QUE SÓ A CACIQUES SÃO PRESTADAS ★ DIACUIZINHA, O RETRATO DA MÃE ★ ESTÁ PASSANDO BEM A FILHINHA DO FUNCIONÁRIO DA FUNDAÇÃO BRASIL CENTRAL ★ SERÁ INTERNADA NUM COLÉGIO DE FREIRAS ★ FOI REGISTRADA EM MATO GROSSO E SERÁ BATIZADA NO RIO DE JANEIRO ★ UM TRABALHO DE AIRES DA CUNHA, SOB O TÍTULO "SUPREMA DESVENTURA", DE EXCLUSIVIDADE DESTA REVISTA.

Reportagem de JOSÉ MARIA NEVES



DIACUÍ VIVEU E MORREU FELIZ



Diacuizinha foi registrada na cidade de Barra do Garça, Mato Grosso, por coincidência por um oficial do Registro Civil do sexo feminino. O assentamento foi tomado no livro 5-A, fôlha 78 e tomou o nº 3001. Foram testemunhas do ato o sr. Arquimedes P. Lima e o autor desta reportagem.

O destino perseguiu o sertanista Aires da Cunha até o momento em que morreu a sua querida Diacuí, entre os seus irmãos kalapalos, às margens do rio Kuluene, nas selvas de Mato Grosso. Parece, até, que tudo estava escrito. Dias antes do infausto acontecimento, o moço gaúcho, que para se unir pelos laços sagrados do matrimônio religioso e perante as leis de seu país, teve que enfrentar uma série de contratempos, contrariedades que por vêzes o deixaram desanimado de realizar o seu maior sonho, fato que é do amplo domínio público, afastara-se da tribo onde vivia feliz ao lado daquela que era tôda a razão de sua existência. Obrigações de trabalho forçaram-no a realizar uma viagem de 4 dias até Aragarças onde trataria de interêsses do pôsto do Kuluene, por êle chefiado, junto ao presidente da Fundação Brasil Central, sr. Arquimedes Pereira Lima. Nesse ínterim, eis que Diacuí sucumbiu vitimada por uma hemorragia em conseqüência da imperícia das «parteiras» e «médicos» indígenas que a assistiram durante o parto.

E ainda há um detalhe que é dos mais chocantes: a delivrance da famosa índia não estava prevista senão para dentro de 15 dias mais. Por essa mesma razão foi que Aires ousou afastar-se da espôsa, até para aproveitar a sua estada na cidade de Aragarças para adquirir medicamentos e alimentos próprios para a criancinha que teria Diacuí.

— Eu sou a mais infeliz criatura que o sol cobre na face da terra — disse-me Aires da Cunha, em Aragarças, onde fui encontrá-lo encerrado em seu quarto no Hotel da Fundação Brasil Central. Aires, que já me conhecia, pois tivéramos ensejo de palestrar algumas vêzes, no Rio, por ocasião de seu casamento com Diacuí, sem levantar a cabeça, confessou que narraria os acontecimentos para mim mas que eu não reparasse a sua emoção. Procurei confortá-lo. Sem conseguir disfarçar a umidade nos olhos, provocada por duas lágrimas que rolaram sem que êle esperasse, Aires iniciou a narrativa de seu drama íntimo.

Diacuí filha nasceu com 2 quilos, 350 gramas. A recém-nascida tem muita semelhança com sua falecida mãe, a índia Diacuí. A criança alimenta-se muito bem e está engordando normalmente.





«ALGUMA COISA ME DIZIA QUE EU NÃO SERIA TOTALMENTE FELIZ...»

— Desde que viemos do Rio de Janeiro, meu amigo, senti que não seria totalmente feliz. Alguma coisa me dizia que algo estava para acontecer. Depois de tudo aquilo, da má vontade dos homens, da maldade de alguns, da curiosidade do público, pareceu-me que a minha felicidade seria interrompida. Sempre procurei afastar êsses pensamentos maus e Diacuí, que longe estava de imaginar o que me torturava, era um dos alentos que sempre me davam fôrças para resistir.

— Vivíamos em perfeita harmonia — prossegue — e jamais ocorreram fatos desagradáveis como procuraram fazer crer os meus inimigos gratuitos. Diacuí revelava-se uma espôsa digna de qualquer homem civilizado. Procurava adaptar-se aos meus costumes e



«Close-up» da filhinha de Diacuí e do sertani- ta Aires da Cunha. Diacuizinha está s... cuidados da sra. Raimunda de Barr... espôsa do Superintendente da F... sil Central em Aragarças. Es...

hábitos e jamais reclamava quando eu a observava sôbre qualquer coisa que não era do meu agrado. Muito inteligente, a pobrezinha desde logo assimilou os hábitos da civilização. Pela manhã, levantava-se e tratava logo do asseio da casa. É bom que se diga que não morávamos em maloca, como os índios da região, mas numa casinha de taipa idêntica a qualquer outra. Ela, porém, não se havia acostumado ainda a dormir de cama. Preferia a rêde. Só quando fazia frio, pela madrugada, é que vinha para o meu lado. De resto, cozinhava muito bem e já não andava despida. Nem sequer em presença de sua madrasta se despojava da roupa. Também se precavinha quando ia ao banho, no rio. Fazia questão de não ser vista nua e, para isso, solicitava o auxílio de seus irmãos índios, que ficavam pelas imediações, vigiando, para evitar a aproximação de alguém. Isto demonstra que o sentimento de pudor já influenciava fortemente Diacuí.

O ENCONTRO COM A ESPÔSA MORTA

O sertanista prossegue em sua narrativa ao repórter, que com êle estêve em contacto cêrca de 5 dias. Nessa oportunidade, podemos afirmar que nenhum outro profissional da imprensa relatará com mais precisão, do que nós, o drama dêsse moço que o destino tão impiedoso tem perseguido e desferido os mais rudes golpes que um homem pode sofrer.

— Quando desci do avião, antes mesmo de saber o que havia acontecido, senti como que um apêrto em meu coração. De repente fiquei transmudado. Da alegria que estava possuído, o meu coração começou a sangrar. A tribo, formada ao lado do avião, de cabeça baixa, veio receber-me. Vi que no alto de um mastro, que fica no centro da taba, tremulava a bandeira em sinal de luto. Nesse instante a inquietação que me dominava atingiu o seu ponto máximo. Foi quando, em resposta à minha pergunta sôbre o que havia acontecido à tribo, durante a minha ausência, o cacique deu-me a informação de que a minha Diacuí havia morrido. Não sei mais o que aconteceu. Senti as pernas fraquejarem e entrei num estado de torpor. Foi uma sensação estranha, forte, como se eu próprio estivesse sentindo a aproximação da morte. Depois de algum tempo levaram-me ao túmulo de Diacuí. Ela foi enterrada com tôdas as honras que só aos caciques e «chefes de casa» são prestadas: repousa na quadra central da tribo, ao lado de chefes guerreiros. Os rituais indígenas haviam terminado e só se reiniciaram quando me deram o «banho da purificação». Segundo a crença dos kalapalos, eu estava apto a desposar outra



A curiosidade em tôrno da filha de Diacuí e Aires não cessou ainda. Em Aragarças centenas de pessoas a visitam para acariciá-la.

índia. No mesmo instante foram-me apresentadas três indiazinhas, inclusive uma filha do próprio cacique. Declinei do oferecimento. Não poderia viver com outra mulher ao lado do túmulo de minha querida espôsa.

Aires, segundo me contou, está disposto a abandonar as selvas. A lembrança de sua Diacuí impossibilita-o de viver na longínqua região do Kuluene.

— Estou desiludido da vida, José Maria. Vou ao Rio Grande do Sul visitar minha velha mãe e depois não sei bem o que fazer. Provàvelmente ficarei em Uruguaiana, minha terra natal, vivendo exclusivamente para cuidar de minha Diacuízinha. Quero fazer dela uma mulher em tudo parecida com a minha querida espôsa, para que eu possa ver em sua fisionomia a bondade e a dedicação de minha Diacuí.

O abatimento do sertanista é total. Visível à primeira vista. Desde que se afastou do Kuluene, muito a contra-gôsto dos kalapalos, conforme soubemos, não mais teve um momento de alegria. Cabeça sempre baixa, não fala com ninguém. Em sinal de luto, traz sôbre o pescoço um lenço prêto. Não abandona um só instante os óculos escuros. Reparamos que Aires escrevia qualquer coisa numa máquina portátil, de sua propriedade. Não contivemos a curiosidade e perguntamos o que era.

— Estou fazendo um modesto trabalho em homenagem à minha Diacuí — disse. Lemos o que estava escrito e solicitamos sua permissão para a necessária divulgação. Êsse trabalho vai publicado em outro local e, do original, que está em nosso poder, providenciamos uma cópia fotoestática, que reproduzimos. Foi nessa ocasião que solicitamos a Aires da Cunha relacionaram com o nascimento do rebento do casal. Certamente, Diacuí, com êle, teria discutido sôbre o futuro da criança, o seu nome e a questão da educação.

— Realmente isto nos preocupava. O nosso filho, se fôsse homem, chamar-se-ia Diamany, que em kalapalo quer dizer «Flor dos Lagos». Se, entretanto, fôsse uma menina, já havíamos escolhido o nome de Moema. Como sobreveio o desenlace, resolvi que a menina teria o nome de sua mãe. Assim, pelo menos, terei presente a todo o instante a sua lembrança.

A questão da educação, perguntamos:

— Quando a criança estivesse em idade escolar, depois de conhecer as primeiras letras, trataríamos de trazê-la para Aragarças a fim de que recebesse os ensinamentos necessários. Sem dúvida que também deveria aprender a língua dos kalapalos, mesmo porque eu não poderia me opor. Não havia nada de mal nisso. O nosso filho seria o traço de união entre a raça de Diacuí e a minha. E quem sabe os serviços que mais tarde viria a prestar à civilização?

Em certo trecho de sua narrativa, Aires da Cunha revelou, emocionado, que no avião que o transportara de regresso ao Kuluene viajava o cinegrafista William Gericke, que estava interessado em filmar a sua vida com Diacuí.

— O destino — frisou o sertanista — quis que ao invés dêsse profissional filmar a minha Diacuí em vida, o fizesse já depois de morta. Em tudo tenho sido vítima da crueldade do destino ingrato.

DIACUIZINHA, O RETRATO DA MÃE

Diacuízinha, quando esta reportagem chegar às mãos dos nossos leitores, estará com 19 dias de vida. Passa perfeitamente bem e já engordou cêrca de 800 gramas. Está sob os cuidados da sra. Raimunda de Barros Souza, espôsa do Superintendente da Fundação Brasil Central, em Aragarças, sr. José de Barros Souza. Essa senhora tem desempenhado o papel de verdadeira mãe no tratamento à filhinha de

O trabalho literário de Aires da Cunha, em homenagem à sua espôsa, que êle intitulou «Suprema Desventura». Ao lado transcrevemos, na íntegra, êsse documento, que publicamos com exclusividade. O papel em que o mesmo foi escrito está manchado de saudosas lágrimas.

FUNDAÇÃO BRASIL CENTRAL

S U P R E M A   D E S V E N T U R A

Em memoria de minha querida espôsa Diacuí, falecida à margem do rio Kuluene, em 10 de agôsto de 1953.

Morreu Diacuí, a indiazinha Kalapálo das selvas do Xingu, que eu escolhera para minha companheira inseparável durante a tremenda jornada da existência.

Como foi triste e desapontante o final do meu romance com essa criaturinha, filha da Natureza, a quem me dediquei de alma e coração durante a nossa tão curta convivencia nêste mundo miserável.

Que contraste e que dolorosa ironia do Destino: há bem poucos dias, eu chorava de alegria e de felicidades, nos braços de Diacuí; hoje, porém, choro de profunda tristeza pela perda irremediável desta indiazinha que foi o grande amor de minha vida.

Sim, Diacuí era a razão de minha vida, porquanto foi a unica mulher que conseguiu subjugar todas as vontades do meu ser.

Para realizar [illegible] com Diacuí e fui viver com ela [illegible] das maldades humanas. Vivíamos completamente felizes, às margens do Kuluene, na taba dos Kalapálos. Diacuí tinha verdadeira loucura por mim, e eu amava-a como se deve amar na vida. Tudo sorria para nós, e nenhuma sombra jamais vinha perturbar a nossa felicidade conjugal. E a nossa ventura ia completar-se muito em breve, pois que dentro de poucos dias Diacuí ia ser mãe de uma criancinha — o fruto do nosso ideal realizado — que seria o orgulho do nosso lar.

Mas, infelizmente, o Destino foi cruel, muito cruel para conosco. Porque, pelos misteriosos desígnios da Providência, Diacuí feneceu para todo o sempre, deixando-me tão só nêste mundo e amarfanhado de amarguras e de tristezas. Oh! meu Deus, por que a levaste? por que a levaste?! Se a tua sabedoria infinita assim o quiz, pois então seja feita a tua vontade em todas as coisas.

A morte de Diacuí causou também profunda consternação entre os Kalapálos. Toda a tribo chorou amargamente. E o sepultamento de minha espôsa foi o mais belo e comovente como nunca se vira nas selvas brasileiras. Dedicaram a Diacuí todas as honras e todos os rituais que sòmente são prestados aos grandes caciques do Xingu.

Depois disso, acabou-se-me toda a alegria de viver, toda a felicidade terrena. Sim, porque Diacuí era um anjo de ternura, a única para mim e, por isso, jamais consentirei em meu espírito a tentação de substituí-la por outra.

Agora, a única razão de meu ser, o único [redacted] que me prende à vida, é a minha [redacted] filhinha, a nova "Flor dos Campos" por quem zelarei religiosamente, dando-lhe a melhor educação cristã possível.

E enquanto eu subo sòzinho o meu Calvário, desolado e aflito, rógo a Deus Onipotente que, com sua bondade infinita, receba em seu Reino de Gloria a alma de minha inesquecível Diacuí que tanto amei n[illegible] mundo.

Ayres Câmara Cunha

Em 15-8-1953

«SUPREMA DESVENTURA

Em memória de minha querida espôsa Diacuí, falecida à margem do rio Kuluene, em 10 de agôsto de 1953.

Morreu Diacuí, a indiazinha kalapalo das selvas do Xingu, que eu escolhera para minha companheira inseparável durante a tremenda jornada da existência.

Como foi triste e desapontante o final do meu romance com essa criaturinha, filha da Natureza, a quem me dediquei de alma e coração durante a nossa tão curta convivência neste mundo miserável.

Que contraste e que dolorosa ironia do Destino: há bem poucos dias, eu chorava de alegria e de felicidades, nos braços de Diacuí; hoje, porém, choro de profunda tristeza pela perda irremediável desta indiazinha que foi o grande amor de minha vida.

Sim, Diacuí era a razão de minha vida, porquanto foi a única mulher que conseguiu subjugar tôdas as vontades do meu ser.

Para realizar o meu grande sonho de sertanista, casei-me com Diacuí e fui viver com ela na solidão das matas e dos rios, longe da civilização e das maldades humanas. Vivíamos completamente felizes, às margens do Kuluene, na taba dos kalapalos. Diacuí tinha verdadeira loucura por mim, e eu amava-a como se deve amar na vida. Tudo sorria para nós, e nenhuma sombra jamais vinha perturbar a nossa felicidade conjugal. E a nossa ventura ia completar-se muito em breve, pois que dentro de poucos dias Diacuí ia ser mãe de uma criancinha — o fruto do nosso ideal realizado — que seria o orgulho do nosso lar.

Mas, infelizmente, o Destino foi cruel, muito cruel para conosco. Porque, pelos misteriosos desígnios da Providência, Diacuí feneceu para todo o sempre, deixando-me tão só neste mundo e amarfanhado de amarguras e de tristezas. Oh! meu Deus, por que a levaste?! por que a levaste?! Se a tua sabedoria infinita assim o quis, pois então seja feita a tua vontade em tôdas as coisas.

A morte de Diacuí causou também profunda consternação entre os kalapalos. Tôda a tribo chorou amargamente. E o sepultamento de minha espôsa foi o mais belo e comovente como nunca se vira nas selvas brasileiras. Dedicaram a Diacuí tôdas as honras e todos os rituais que sòmente são prestados aos grandes caciques do Xingu.

Depois disso, acabou-se-me tôda a alegria de viver, tôda a felicidade terrena. Sim, porque Diacuí era um anjo de ternura, a única para mim, e por isso, jamais consentirei em meu espírito a tentação de substituí-la por outra.

Agora, a única razão de meu ser, o único anelo que me prende à vida, é a minha filhinha, a nova «Flor dos Campos», por quem zelarei religiosamente, dando-lhe a melhor educação cristã possível.

E enquanto eu subo sòzinho o meu Calvário, desolado e aflito, rogo a Deus Onipotente que, com sua bondade infinita, receba em seu Reino de Glória a alma de minha inesquecível Diacuí que tanto amei neste mundo.»

AYRES CAMARA CUNHA
Em 15-8-1953





As cenas dos rituais kalapalos de Diacuí constituíram a parte mais emocionante da morte da índia. Tôda a tribo chorou. Nas fotos, que são do filme «Funeral Kalapalo de Diacuí», em exibição nos cinemas Cineac Trianon e Capitólio, Aires colocando uma cruz no túmulo da espôsa, que era cristã; embarcando no avião, com a filhinha, rumo à civilização; recebendo as armas dos guerreiros, como demonstração de confiança dos índios e, finalmente, tomando o «banho da purificação», ritual comum entre os índios, quando alguém fica viúvo.





Diacuí. Aliás, a índia era da intimidade da espôsa do sr. José de Barros Souza, pois foi ela, inclusive, quem preparou Diacuí para o seu casamento, ministrando-lhe, ainda, ensinamentos sôbre a vida no lar. Olhando-se para a indiazinha, principalmente quando ela está acordada, notam-se os fortes traços fisionômicos de Diacuí predominando em seu rostinho. Ainda assim, a raça do sertanista ressalta também à primeira vista. A menina é clara, tem os olhos rasgados e os cabelos escorridos, bastos, notando-se a particularidade dos pelos chegarem bem próximo às sobrancelhas, à maneira dos índios.

De acôrdo com a vontade de seu pai, será educada em colégio de freiras, no Rio Grande do Sul. Herdou as poucas jóias deixadas por sua mãe, que, aliás, constituíam o seu enlêvo, nas selvas. De quando em quando, Diacuí, sentindo como que a realidade do ambiente selvagem em que vivia, abria as malas e usava todos os anéis, braceletes e colares de uma só vez, exibindo-os, com ar vitorioso, ao espôso e às demais índias da taba. Nesse particular, Aires da Cunha declarou-nos que a sua espôsa era vaidosa. O seu cuidado de mulher, que em tudo vê motivo para feminilizar-se cada vez mais, estava sendo imitado por quase tôdas as índias da tribo kalapalo.

Diacuìzinha foi registrada na civilização. O ato teve como local o 1º Ofício do Registro Civil, na cidade de Barra do Garça, jurisdição que abrange o município de Kuluene. O registro tomou o número 3.001 e foi feito pela escrivã e oficial do Registro Civil, sra. Zilda Morbeck Ávila, no livro nº 5-A, fôlhas 78. Foram testemunhas, a convite de Aires da Cunha, o presidente da Fundação Brasil Central, sr. Arquimedes Pereira Lima e o autor desta reportagem. Aliás, o primeiro ato civil de que participou a filhinha de Diacuí só foi fixado pela objetiva dêste repórter, com a coincidência de ter sido o oficial registrante uma mulher, coisa que não é tão comum assim.

Nesta altura, o sertanista Aires da Cunha deve estar de malas prontas para viajar para o Rio Grande do Sul. Ali permanecerá cêrca de dois meses, quando, então, retornará a Aragarças a fim de trazer Diacuìzinha para o Rio de Janeiro, onde será batizada na igreja católica.

NOTA: — As fotografias das cenas dos rituais indígenas em homenagem à índia Diacuí, são do filme «Funeral Kalapalo de Diacuí», de autoria do cinegrafista William Gericke, que está em exibição nos cinemas Cineac Trianon e Capitólio. A sua publicação nesta revista é feita com absoluta exclusividade em todo o Brasil, numa homenagem daquele cinegrafista ao sertanista Aires da Cunha e à memória de sua espôsa. Aliás, William Gericke, que pretendia filmar a vida de Diacuí com Aires, quando chegou à tribo dos kalapalos, no Kuluene, encontrou a índia morta. Por êsse motivo, doou à filhinha de Diacuí e Aires da Cunha tôda a renda do seu trabalho.

J. M. N

Homens que trabalham

Se V. S. sofre de prisão de ventre e esqueceu-se de tomar Ventre-Livre ontem à noite, antes de dormir, não esqueça hoje.

Tome uma dose de Ventre-Livre hoje à noite, antes de ir para a cama, que amanhã passará o dia bem e trabalhará com prazer.

Os homens ativos, que trabalham com afinco, devem cuidar especialmente da saúde, pois precisam ter o estômago, os intestinos, o fígado, enfim todos os órgãos, e também os nervos, em bom estado, para conservar as suas energias.

A prisão de ventre intoxica o organismo, abate as forças e, por conseguinte, diminui a capacidade de trabalho.

Combata a prisão de ventre sem perda de tempo, usando Ventre-Livre.

Ventre-Livre tonifica as camadas musculares do estômago e intestinos e limpa os das substâncias infectadas e fermentações tóxicas, verdadeiros venenos, que perturbam as funções de todos os órgãos e causam tão grande mal aos nervos.

Tome Ventre-Livre hoje, à noite

• • •

Lembre se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

• • •

Tenha sempre em casa alguns vidros de Ventre-Livre



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS E DEMAIS AFECÇÕES DO COURO CABELUDO

a REVISTA há 50 anos

Domingo, 6 de Setembro de 1903

CHRONICA

ENTRE os que se apressaram a accorrer ao appello do «Jornal do Brasil», para ser offerecido a Santos Dumont um mimo, por occasião do seu regresso á Patria, figura um offertante singular. Trata-se de um preso que, na Casa de Detenção, cumpre a sentença com que o puniu o jury. Mandou mil reis, o detento, e, acompanhando-os, uma carta em que diz a sua admiração imensa pelo dominador dos espaços julgados invenciveis.

Não sei de cousa mais justa, mais natural do que essa admiração. Deve ser desejo incessante d'esse homem, seu mais ardente sonho, sua mais querida esperança, a liberdade. Encarcerado nos limites infimos de quatro paredes crueis, enxergando os livres ares, o céo infinito, apenas atravez de grades que lhe maculam com vincos negros o azul purissimo, ha de por força, essa triste creatura comprehender, melhor que ninguem, a superioridade, o poder estupendo do aeronauta, a quem, não bastando para expansão da sua alma fantasista a terra grandissima; o planeta colossal, atirou-se a conquistar o espaço intermino, e ora o passeia, quando lhe apraz, em revoadas seguras que só ás aguias eram d'antes dadas.

Realmente, a victoria de Santos Dumont representa a idéia mais lata, mais grandiosa de liberdade que se pode conceber.

● Quando o mundo o aborrece, alça o vôo e lá vae pelos ares afóra, a correr na «nacelle» do seu dirigivel e d'ahi, o que o seu olhar poderoso alcança é o mais largo horizonte que já conseguiu fitar alguem, é a immensidade que elle encara e domina, a immensidade que nada peia ou limita, nem mesmo aquelle azul que além se arqueia, a immensidade onde astros sem conta rolam, passeiam, galopam, vivem. Razão tem o desventurado preso para admirar Santos Dumont, para o invejar.

E então, fica a gente a pensar com que mixto de prazer e dor, de ventura e magua, não terá sido a intenção do captivo, ao enviar a sua dadiva, para que ao homem liberrimo seja offerecido um mimo.

JOSÉ VARIO

O BATEL E AS OCEÂNIAS

(A Eponina)

★ *Ouves?*

— Sim; oiço um ruido lá longe, para o lado daquelle negro rochedo.

E no mar, vagarosamente, um batel se movia, assim de noite, cercado de luz, da luz fria e pallida da Lua.

— Sim, vem. Quem nos quererá perturbar a alegre jornada das noites?

— Não sei, não sei; corramos!

As lindas Oceânias, á semelhança de Iris na flor de Lotus, baloiçaram-se nas ondas esverdeadas e escumosas, depois fugiram, deslisando pelo mar, como sombras brancas, enroladas de gazes...

Fugiram, deslisando pelo mar... Mas, ao moverem-se, deixaram ver as suas lindas formas, os corpos e as faces brancas, os cabellos negros cahidos em cachos pelos hombros esculpturaes...

Em seus rostos, tão lindos, tinham sorrisos, e a Lua, no meio de um Có de Azur, mostrava a pureza e a innocencia naquellas faces candidas, celestiaes. Mas no mar, assim de noite, cercado de luz, da luz fria e pallida da Lua, movia-se um batel, lenta, vagarosamente...

Cortava a agua suavemente... ao alto, sublimes, maravilhosos, um Céo de estrellas e um véo branco de luz; no caminho, só a vaga, a onda, forte, rija...

(Do Proepes Deus) — *Fausto Maldonado.*

ALTURA D'ALGUNS MONUMENTOS

★ Torre Eiffel, 300 metros; Cathedral de Colonia, 159; Cathedral de Roma, 152; Pyramide de Cheops, 146; Cathedral de Strasburgo, 142; Zimborio de S. Pedro, em Roma, 138; Egreja de Santo Estevão de Vienna, 136; Ermida de Chephrun, 133; Cathedral de Friburgo, 116; Zimborio de S. Paulo, de Londres, 110; Zimborio de Milão, 109; Camara Municipal de Bruxellas, 108; Torre Quadrada de Asinelli (Italia), 107; Zimborio dos Invalidos, 105; Zimborio do Pantheon, 94 e Nossa Senhora de Paris, 66.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 36 ★ 5-9-1953

SUMÁRIO

Diacuí viveu e morreu feliz 3/ 7
Os donos do fundo do mar 11/13
A dança na tela 14/15
Muié Macho, sim sinhô 20/21
Depois disso, o que virá? 27/31
Êle se distrai com sapos 36/37
No Jubileu de Lagoa Santa 44/47
A outra Eda Ciano 51/53
Terremotos na Grécia 54/55
Tenório escapa à morte 56/57

O destino da Santa Casa 9
As três irmãs (conto) 19
A Bem-Amada 22/23
A semana literária 24
Francesca da Rimini 34/35

A Revista há 50 anos 8
Semana em Revista 10
De Rádio 16
De Cinema 17
Janela sôbre o mundo 32/33
Arabelle 49
Último Flash 58

Conta-me teus sonhos 18
Milão dita a moda 38/39
Sugestões para o lar 40
Um baile do outro século 41
Um pouco de beleza 41
Week-end na cozinha 42

CAPA: Elaine Stewart (MGM)

Diretor: GRATULIANO BRITO - Paginação VICTOR TAPAJÓS — Desenhos: ALBERTO LIMA - Publicidade: J. M. COSTA JÚNIOR.

●

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA — Rua Visc. de Maranguape, 15 - Rio de Janeiro.

REPRESENTANTES

Nos Estados Unidos da América do Norte: Dulce Damasceno de Brito, 1818 N. Whitley Ave., apto. 202, Hollywood 28, California. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spânos, C. Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia, Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.
Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.
Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 60 páginas.

TELEFONES

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS.

Porte simples — Um ano ... Cr$ 250,00
Seis meses .... Cr$ 125,00
Registrada — Um ano ...... Cr$ 280,00
Seis meses .... Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano ...... Cr$ 400,00
Seis meses .... Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00

EM SÃO PAULO

Distribuição e venda: A. Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

O DESTINO DA SANTA CASA

PEDRO CALMON (Da Academia Brasileira)



É um problema urbanístico, que toca na sensibilidade mais delicada dos cariocas, o da conservação ou da eliminação, ali, no centro da cidade, da velha e vasta Santa Casa da Misericórdia. Que fazer dêsse hospital histórico, cuja massa arquitetônica, de sóbria linha clássica, estende pela praia de Santa Luzia (que já não existe) o volume venerável? Demoli-lo, seria demasiadamente simples; e estúpido. Quando os povos que progridem se metem a destruir inconsideradamente os seus monumentos de arte, é que perderam o senso dos valores permanentes; barbarizam-se, fingindo-se civilizados. Preservá-lo, é evidentemente um dever do Estado. Mas não basta impedir que a picareta dos melhoramentos públicos alua aquelas paredes seculares. O essencial é poupar o edifício para um fim nobre; aproveitá-lo; dar-lhe, no panorama social da cidade, o relêvo próprio; salvá-lo com vantagem para a coletividade. A restauração do antigo hospício de D. Pedro II à Praia Vermelha, hoje Universidade do Brasil, está a aconselhar a solução adequada. Porque ambos os prédios são de uma época inconfundível; pertencem à mesma família estilística; foram concebidos e realizados pela mesma «escola»; e, destinados a um objetivo análogo — um, hospital geral, o outro, hospital de alienados — significaram a majestosa aliança da pompa e da piedade. Trabalhados pelos mesmos arquitetos, são em tudo parentes. Há nêles o mesmo traçado desenvolvido por igual requinte de gôsto, austeridade e higiene; principalmente essa grandiosa preocupação da suntuosidade exterior em harmonia com o confôrto interno, que há cem anos dava ao Rio de Janeiro a idéia de que só se justificam os palácios quando êles são enfermarias. O da Praia Vermelha, quando de lá foram retirados os insanos, também ia ser derrubado. Hoje, porém, é, autênticamente, um palácio. O da Santa Luzia poderá ter sorte idêntica. Contanto que se construa alhures um verdadeiro hospital para a pobreza, com a perfeição, as comodidades, a amplitude que os seus serviços exigem, e a administração municipal, nesta hipótese, lance as suas vistas para o imenso solar desocupado.

Somos uma capital sem mansões oficiais que correspondam à sua importância e à sua tradição.

O govêrno federal reside mediocremente, em casas acanhados. Na sua modéstia, D. João VI se contentou, quando aqui estêve, com uma chácara em São Cristóvão. Na sua severidade, D. Pedro II desprezou os vários projetos para a reforma do acaçapado Paço da Cidade, cujo desenho colonial, intacto durante o Império, a república não alterou, limitando-se a substituir-lhe o fausto interior da côrte pelo torvelinho burocrático da repartição dos telégrafos. A prefeitura não tem morada certa. Vive de empréstimo nas Laranjeiras, desde que o sobradão que para ela fêz o prefeito Passos ruiu com as demolições da avenida Getúlio Vargas. Fiquemos nisto. Que palácio da Prefeitura mais ajeitado às conveniências administrativas, na sua área, na sua excelente localização, no esplendor da sua fachada formidável, na solidez do seu conjunto enorme, no seu realce artístico e na sua evidência cívica, do que a Santa Casa — no dia em que, compensadamente, dali mudasse para melhores instalações?

O negócio afigurava-se favorável à pia instituição, que precisa dar assistência intensiva a quantos, aflitamente, lhe batem à porta — a essa generosa porta que, há mais de três séculos e meio, nunca se fechou aos desafortunados. Um hospital, para merecer os seus créditos científicos, tem de ser moderno, racional, completo, abundante: e quanto mais novo, mais eficiente. Mas o reputamos ótimo para a cidade, se lhe dignificar a sede do govêrno, que, em tôda parte, é um edifício de equilibradas e ambiciosas proporções, resguardando para a cultura nacional — o que não é menos valioso — um dos padrões da bela e boa construção de outrora. Falamos muito da comemoração do quarto centenário do Rio de Janeiro. Para ela se esboçam desde já — não é sem tempo — medidas preliminares de tôda ordem. Porque entre elas não se incluirá essa benemérita metamorfose? Porque não se apreciará a possibilidade dêsse discreto milagre de caridade — a atualidade de um hospital — numa proeza estética — a descoberta de um palácio municipal?

Foi o provedor José Clemente Pereira que, ao assumir em 1838 a direção da Santa Misericórdia, decidiu fazer êsse casario. Encomendou a planta ao arquiteto português Domingos Monteiro. José Maria Jacinto Rebêlo — discípulo de Grandjean de Montigny, cuja «academia» ressalta da graça imperial da composição — embelezou-a. O provedor marquês de Abrantes enobreceu a frontaria com o tímpano de mármore em que resplandece o soberbo relêvo de Giusti, representando a divina misericórdia. E' um monumento que honra o país; e realmente o enaltece e consola. Vibra nas suas frias pedras o coração bonissimo do povo que o levantou com a sua esmola, com a sua súplica, com a sua religião, com a sua dor.

A PERSONAGEM DA SEMANA



Hospeda o Brasil o Presidente da República do Peru, General Manuel A. Odria, chegado ao Rio a 25 de agôsto, convidado especial do govêrno brasileiro. Soldado por vocação, é natural de Taram, distrito do Departamento de Junin, região central do Peru, fêz seu curso de armas na Escola Militar de Crorrillos, obtendo a «Espada de Honra» em 1919, ocupando o pôsto de professor e instrutor no mesmo estabelecimento até ao pôsto de capitão. Em 1927 ingressou na Escola Superior de Guerra, onde se diplomou como oficial do Estado Maior, e, em 1931, obteve o diploma da Escola Superior e Guerra Naval. No pôsto de tenente-coronel em 1936, desempenhou cargos importantes, culminando com sua atuação no conflito entre sua pátria e o Equador, sendo promovido ao pôsto de coronel pelo Congresso. Estêve nos Estados Unidos e no Canal do Panamá, onde fêz estágios a convite dos governos dêsses países. Em 1946 foi promovido ao pôsto de general e nomeado chefe do Estado Maior, cargo que ocupou até 1947. Com os acontecimentos políticos de 1948, assumiu a direção do país, e, com as eleições de 2 de julho de 1950, eleito Presidente Constitucional. E' a primeira vez que um chefe de Estado do Peru visita o Brasil, esperando-se que dessa harmonia de visitas, resultem benefícios reais para as duas nações irmãs.



SÊLO DE NATAL DO TUBERCULOSO

Realizou-se, em meados de agôsto, o julgamento dos desenhos que concorreram para a escolha do modêlo para a edição do sêlo postal, denominado «Sêlo de Natal do Tuberculoso». Dez desenhos chegaram às eliminatórias, alcançando o primeiro lugar o sr. Salvador S. Ferraz (pseudônimo Loren), e o segundo, o sr. Enerino M. Ferreira (Gisa). Vemos os desenhos aprovados e a comissão julgadora, na Secretaria da Federação Brasileira das Sociedades de Tuberculose, entidade que promoveu o certame: Quirino Campofiorito, Armando Paiva, Reginaldo Fernandes, C. Mendes, Alberto Lima e Barros Vidal.

A SEMANA EM REVISTA



O NOME DE CAXIAS

Tendo ocorrido a 25 de agôsto o 150º ano do nascimento do bravo militar e pacificador das lutas políticas do Brasil no segundo reinado, quando Liberais e Conservadores se combatiam ferozmente pela tribuna, pela imprensa e pelas armas, muitas foram as solenidades levadas a efeito no Rio. Aqui vemos uma das mais sugestivas, quando grande concentração escolar reunida na Praça Duque de Caxias, ouvia a oração do general Jonas Correia, que dissertou sôbre a vida e os feitos heróicos do imortal Luís Alves de Lima e Silva, tanto no terreno militar, como nos meios civis do seu tempo.



COMUNHÃO DO GOVERNADOR

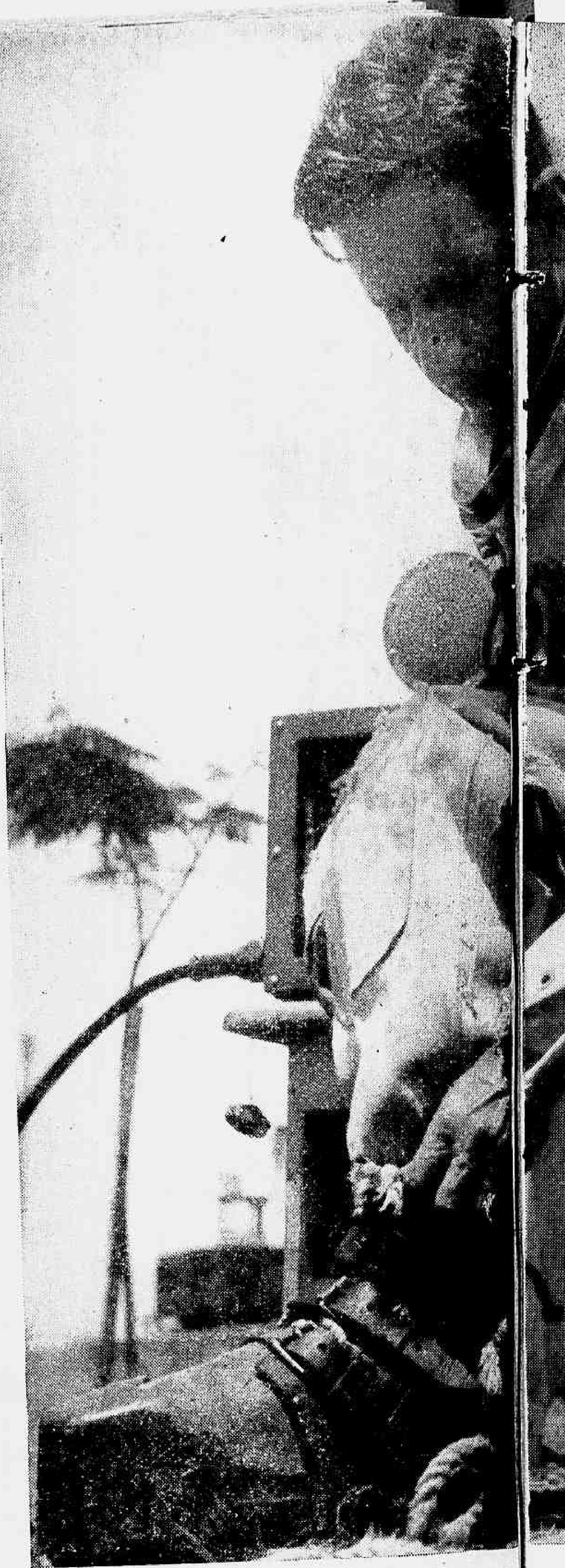
Uma das mais fortes características de religiosidade observada, quando das festividades do VI Congresso Eucarístico Nacional, realizado em Belém do Pará, foi o grande movimento de comunhões entre tôdas as classes e idades. Mais de 400 mil pessoas receberam a sagrada comunhão. Nesta foto apresentamos o Governador do Estado, General Zacarias de Assunção, no instante em que recebia a «Jesus-Hóstia», dando belo exemplo de fé nos preceitos da Igreja Católica. Como o Governador, o seu secretariado e altas autoridades civis e militares, ajoelharam-se para receber a comunhão.

Só nos sentimos bem dentro dágua, aqui em cima o calor é forte demais para essas roupas, diz o sargento Vieira, antes de um mergulho.

OS DONOS DO FUNDO DO MAR



O sgto. Vieira observa e dá instruções para o atarrachamento de sua vestimenta. Para êsse trabalho há necessidade de uma chave especial. Para rapidez do serviço são precisos 2 auxiliares.



O material está um pouco gasto, mas ainda dá los e a roupa é de lona impermeável. O difícil é



Para baixo! Mais uma perigosa aventura na vida de um escafandrista. Nunca se sabe qual será o próximo perigo a enfrentar no mergulho.

EXISTE no Brasil um grupo de abnegados homens que levam uma vida arriscada e são quase que desconhecidos do público. São os escafandristas.

Quando se fala em escafandrismo, pensa-se logo nos filmes que os americanos produzem em larga escala, nas ilhas dos mares do Sul, onde se encontra numa incrível mistura, tesouros fabulosos de antigas galeras espanholas, muitos tiros de metralhadora e, geralmente, aquêles cabarés onde existe uma mulher fatal, que põe a perder a cabeça do mergulhador do filme... Tudo acaba quase sempre com a morte de alguns e o tesouro volta ao fundo do mar.

Os escafandristas ainda hoje morrem em seu perigoso serviço, mas não é por causa dos baús cheios de ouro até as bordas. Hoje os tesouros são outros. São as máquinas dos navios submersos que podem ser aproveitadas em grande parte. O salvamento da maquinaria de um navio é qualquer coisa de dificílimo, pois uma das coisas que mais mortes têm causado é a desorientação do escafandrista na «praça de máquinas».

Outro fator que tem dado grandes baixas entre êstes homens, é a má distribuição do ar, isto quase sempre proveniente de algum defeito das válvulas do próprio capacete.

Para um indivíduo fazer parte dêste grupo de corajosos, antes de mais nada precisa ter uma saúde de ferro e o coração no mais per-

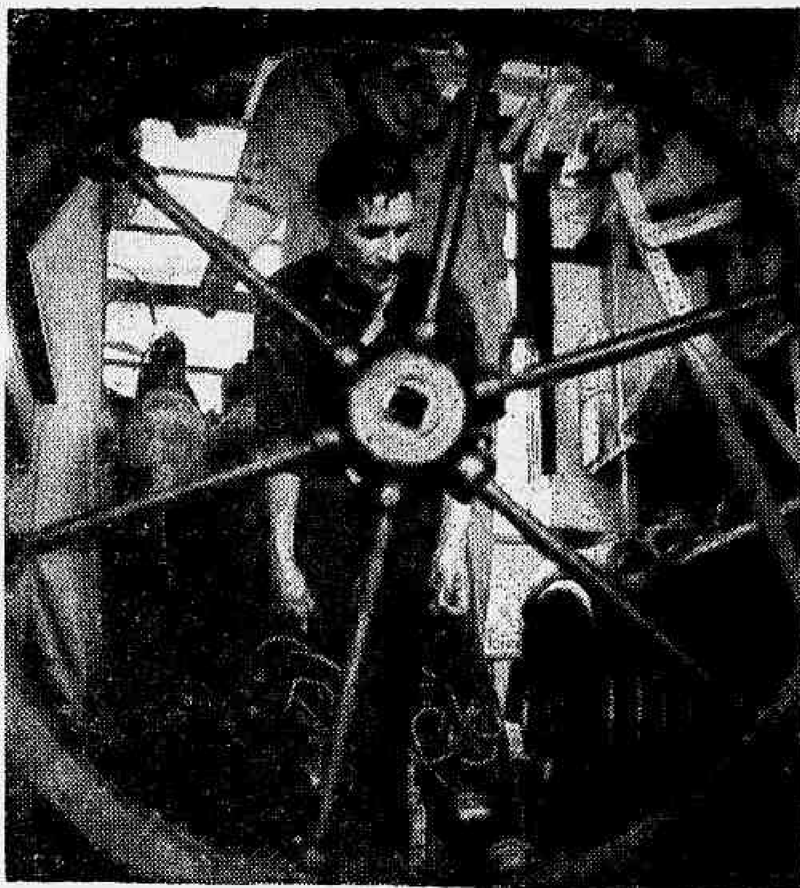
a dá
fícil é
dos
os
dos
das
qui-
difi-
rtes
fan-
ixas
o ar,
feito
rupo
a ter
per-

para umas descidas. Cada sapatão pesa 30 qui-
ficar 1/2 hora com o equipamento em terra firme.

feito estado, pois existem casos em que é necessário descer até 45 metros de profundidade, onde só se pode ficar durante meia hora no máximo. O tempo de permanência dentro dágua vai aumentando à medida que a profundidade vai diminuindo, tanto que, até os 15 metros, pode-se passar 3 horas dentro dágua. A melhor época para se entrar nesta profissão é dos 20 aos 25 anos.

Um escafandrista ganha, em média, de quatro a seis mil cruzeiros mensais, isto com os prováveis extraordinários que venha a fazer. Como se vê, é uma miséria para quem arrisca a vida a todo instante. E, coisa interessante, nunca se ouviu falar, numa greve dêsses homens, pedindo aumento de salário. Caso houvesse, seria «sui-generis», pois a classe tôda não tem mais de 80 pessoas em todo o Brasil.

OS DONOS DO FUNDO DO MAR



Arsenal dos homens submarinos, onde todo o material é guardado com todo o cuidado. A arrumação das peças é feita pelo mergulhador.



Artérias de borracha! Do bom estado dêstes tubos é que depende o êxito da perigosa missão. Qualquer falha na vistória pode ser fatal.

DE TESOUROS ÀS MODERNAS MÁQUINAS DOS NAVIOS ★ TRÊS HORAS DEBAIXO DÁGUA ★ SAPATOS DE 30 QUILOS

Texto de MÁRIO MOREL — **Fotos de ADIR VIEIRA**



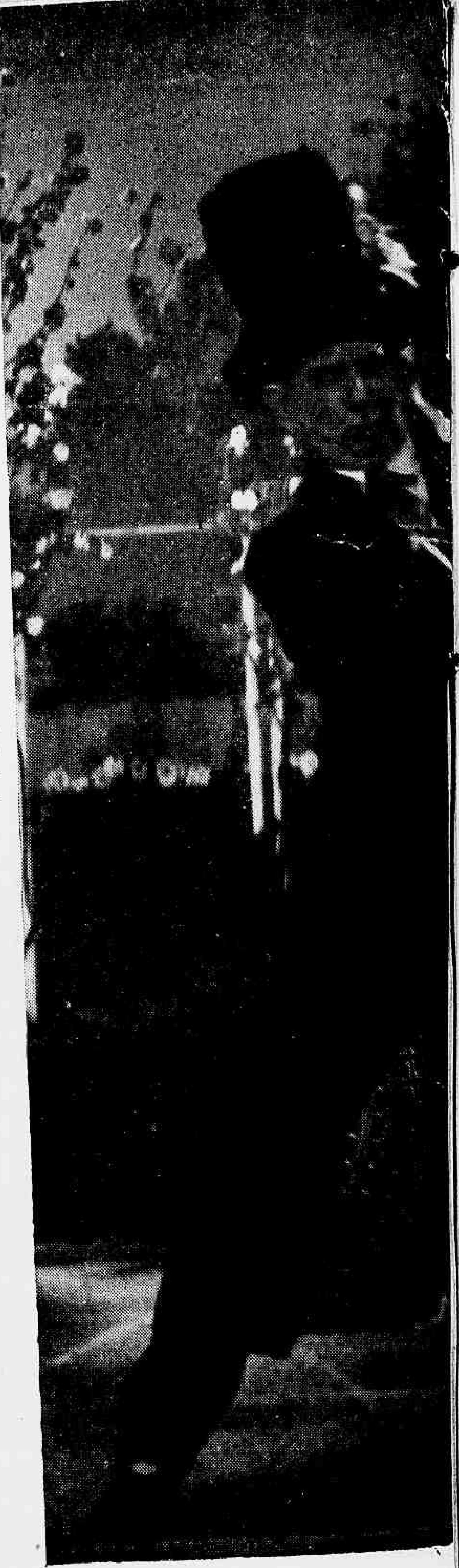
Mais uma etapa da preparação para o mergulho. Êste serviço é feito por um auxiliar de inteira confiança

A DANÇA NA TELA

O MUSEU DE ARTE MODERNA, DE SÃO PAULO, O SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO E O DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE DIFUSÃO CULTURAL DA PREFEITURA, OS PATROCINADORES DO NOTÁVEL EMPREENDIMENTO ★ OS FILMES DO SEGUNDO FESTIVAL MUNDIAL DE "BALLET" ★ A INAUGURAÇÃO, NO TEATRO MUNICIPAL ★ O SENSACIONAL AMPLEXO DE IMAGENS COM BAILADOS NO PALCO.

CABE a glória ao Brasil — devassar o bailado nas imagens. Foi o primeiro país do mundo a efetuar um festival cinematográfico de «ballet» e dança folclórica. E está, no presente momento, tendo a primazia de efetuar o segundo. «A dança através dos povos» foi a denominação do primeiro e «A dança e a imagem» é o título do segundo. Com o alto patrocínio dos senhores Roberto Accioli e Murilo Almeida dos Reis, respectivamente, secretário de Educação e diretor de Difusão Cultural da Prefeitura e com a organização afeta no Rio a Osvaldo de Oliveira e, em São Paulo, ao Museu de Arte Moderna, vem obtendo um extraordinário êxito.

Pela segunda vez, na história artística do Rio de Janeiro, o Teatro Municipal funcionou em espetáculo misto de «ballet» e cinema. Alcançou um impressionante resultado esta alternância de imagens com bailados. E as seguintes projeções se estão realizando na A. B.I., com êxito muito grande. Diàriamente, na secretaria da A.B.I., afluem centenas de pessoas ávidas de efetuarem as suas inscrições a fim de presenciar êste raro amplexo. De tôdas as partes do mundo, do Oriente ao Ocidente, os mais estranhos e belos ritmos estão sendo desvendados ao público culto, sempre ansioso por novidades de méritos, em matéria de arte.





A "estrêla" Marika Rokk, num alegre momento da movimentada "Dança do Caucaso".

OS FILMES DE LONGA METRAGEM

Surpreendente foi o surto dos filmes de longa metragem que apresentou trechos de bailados. Da lista seguinte, em que o público terá a curiosidade de julgar as possibilidades dêste novo «ciclo» do cinema, foram selecionados



A lendária Áustria das valsas se fará representar, mostrando um curioso «ballet» em «Kind Der Donau», do qual vemos o flagrante acima.

muitos filmes para «A dança e a imagem», presentemente logrando grande sucesso na A.B.I.

UMA NOTÁVEL SELEÇÃO!

«Eterna Sinfonia» (20th C. Fox), a vida de Pavlova no cinema. Tamara Toumanova interpreta, em coreografia de Lichini, e ao lado de Serge Perrault, «O cisne negro», «Les Sylphides», «The Dragon Fly», «Gavotte», etc.; «Luzes da ribalta» (United), onde há um bailado de Charles Chaplin, «A morte da Colombina», com Melissa Hayden e André Eglevsky; «A história de três amôres» (Metro), a estréia de Moira Shearer em Hollywood. Coreografia de Frederick Ashton e música de Rachmaninoff: «Variações sôbre um tema de Paganini»; «Ballerina» (Swiss Film), com Galina Ulanova, a maior bailarina russa, em «A bela adormecida» e «Lago do cisne»; «Hans Christian Andersen» (RKO), com um bailado de 15 minutos, intitulado «The Little Mermaid», coreografia do genial Roland Petit. Alcançou grande êxito a recente estréia dêste filme, que tem Renée Jeanmaire como protagonista. A música é de Franz Liszt e a produção de Samuel Goldwyn, em tecnirolor. «Invitation to the Dance» (de Gene Kelly), filmado em Londres, em tecnicolor, com Ygor Youskevitch, Tamara Toumanova, Claire Sombert (bailarina e recente atração do elenco da Ópera de Paris), as inglêsas Belita e Daphne Dale, do British Festival Ballet e o americano Tommy Rall. «Moulin Rouge» (Shepperton Studios, filme inglês), com a famosa bailarina francesa Colette Marehand, Suzanne Flon e Katherine Kath. Dirigido por John Huston, revive a trajetória de Tolouse Lautres. A coreografia de William Champpel tem sido muito elogiada. «Salomé — A dança dos sete véus» (The Dance of tho seven veils?) Columbia, com uma série de bailados: «Oriental dance», com Sujata e Asoka. «A dança das espadas», com John Wood e Letuli. «A rosa e a espada», uma rememoração de um festival de dança na côrte de Henrique VIII, em que dança Natasha Sokolova, filha da emérita Natasha Sokolova. «Nunca me abandones» (Metro, em filmagem). Êste filme apresenta o «Festival Ballet» que foi visto em «A dança através dos povos», em 1952, no filme de Markova «Giselle». Anton Dolin e a sua nova companheira, Felicity Gray dançam, com o «Festival Ballet» «Scheherazade», de Rimski Korsakov e «Lago do cisne», «Once Upon A Time», London Filme, Inglaterra, em que a grande bailarina Violeta Elvyn, da Sadlers Wells Covent Garden, de Londres, interpreta três bailados. «Pássaro azul» (Suécia), com o «Real Ballet de Estocolmo» e a maior bailarina dêste país, Ellen Rash, inclusive na variação título do filme. «A Bailarina» (França), com uma recente atração do ballet, em Paris, Viollete Verdie em uma realização conduzida por Ludwig Berger. «A Promessa» (Itália), aliás, tendo no elenco a estrêla italiana que filmou «Estrêla da Manhã», com uma série de bailados italianos característicos, inclusive a «tarantela». «Destino em apuros», a contribuição do Brasil, com a melhor bailarina do país, Beatriz Consuelo, no filme em «anscocolor» da Multifilms.

OS FILMES CURTOS

Da gloriosa França, que venceu o 1º Festival (setor de curta metragem) vieram: «O caminho da dança», com Jean Babilée, «Le Ball des Cadets», com o famoso «ballet» russo de Basil; dos Estados Unidos: «O cisne negro», com a fa-

DE RÁDIO

GUARACY

O QUE HÁ COM A JORNAL DO BRASIL?

COM a entrada de Nascimento Brito na direção da Rádio Jornal do Brasil, vão se afastar daquela emissora vários elementos, entre os quais Fausto Serpa, cuja saída anunciamos a semana passada, juntamente com Teófilo de Vasconcelos, que, parece, irá para a Emissora Continental. Os outros que deixaram a PRF-4 são: Névio Macedo, José Evaldo Peixoto, Jorge da Silva, Walter Leal e os operadores Wanderley Cabral e Fernando Otávio (Pinguinho). Pelo que vemos, a PRF-4 perderá uma grande parte de seus valores, principalmente a sua equipe de turfe, um dos pontos básicos de sua parte financeira.

Com o afastamento dêstes integrantes do seu quadro de profissionais, terá, certamente, a Jornal do Brasil que contar com a colaboração de novos contratados. Entre êstes, fala-se com insistência no nome de Geraldo Luís, que, provàvelmente, irá dirigir a equipe de turfe da PRF-4. Embora muito jovem e com apenas dois anos de atividades profissionais, vem comandando com acêrto as irradiações turfísticas da Emissora Continental, demonstrando possuir um estilo todo seu e comprovada experiência, cremos pois, que Geraldo Luís será, sem dúvida, um substituto à altura do "velho" Téo



SUZY KIRBY, da Rádio Nacional e também do cinema brasileiro.

● A Rádio Eldorado está contratando artistas para o seu elenco de rádio-teatro, que irá inaugurar muito breve, assim que os seus estúdios ficarem prontos. Enquanto isso, a ZYZ-22 continua as suas programações costumeiras.

● A Rádio Olinda, de Pernambuco, conforme informou seu diretor Edmo do Vale, estará no ar no próximo mês, em caráter experimental. Edmo do Vale estêve no Rio a negócio.

● Estreou no programa «Clube das Quintas-feiras», que é transmitido pela Rádio Tupi às 14,30 horas, emissora a que agora pertence o locutor e animador José Augusto, que antes fazia parte do «cast» da Rádio Mauá.

EUNICE GUIGON DE ARAÚJO é o nome verdadeiro de Suzy Kirby, que faz parte do «cast» da Rádio Nacional, onde trabalha como excelente imitadora e criadora de tipos. Suzy, que fêz anos no dia 19 de agôsto, começou a sua carreira no rádio em 1944, trabalhando na PRE-3 Rádio Clube do Brasil. Em 1948, estêve na Companhia de Procópio Ferreira, tendo aparecido em quatro filmes, como «O Preço de um Desejo», «O Milagre de Amor», «Pecadora Imaculada» e «Balança Mas Não Cai», inédito no Brasil. Foi correspondente da revista «Jornal das Moças», em Hollywood, tirando um curso de televisão em Nova York, sendo o primeiro diploma desta especialidade conferido a uma sul-americana. Foi chefe de publicidade da Warner Bros., fazendo 135 imitações, entre animais e pessoas, inclusive artistas de fama mundial, além de ter atuado como «crooner» de uma orquestra.

● José Arimathéa nasceu na cidade de Caxias, no Maranhão, no dia 1 de fevereiro de 1924, começando a sua carreira artística, em 1949, na Rádio Nacional, onde permanece até hoje. É rádio-ator e compositor de algumas músicas, já do domínio público, sendo o narrador das novelas «Colar de Lágrimas» e «Aventuras do Anjo». Faz o «Baiano» de «O Preço da Liberdade» e outro personagem em «Apenas uma Palavra». Contracena com Gordurinha em «Piada do Dia» no «Programa César de Alencar».

● Renato Murce empreendeu uma excurção artística por algumas cidades do Triângulo Mineiro, tendo estado no dia 25 em Uberlândia, no Cine-Teatro do mesmo nome. O animador de «Papel Carbono» organizou para acompanhá-lo, o seguinte conjunto: a estrêla do cinema nacional Eliana, o cantor José Carlos Rodrigues, a cantora e acordeonista Ana Lúcia, o cômico Walter Quintero e o violinista Baden Powell de Aquino.

QUEM JÁ ASSISTIU os complementos cinematográficos brasileiros «Notícias da Semana», «Atualidades Atlântida» e «Jornal da Tela», deve ter observado a voz do narrador, sóbria e agradável, descrevendo as notícias que foram filmadas com uma dicção muito boa e fàcilmente perceptível para o espectador. Êste locutor é Waldemar Galvão, que fêz anos no dia 17 de agôsto e que pertence ao elenco da Rádio Nacional, onde é o locutor dos programas «Obrigado, Doutor!», «Trancredo e Trancado», «Gente que Brilha», «Noite de Estrêlas», «Nossa Família», «Canta, Brasil», e outros.

● O programa «Rádio-Almanaque Kolynos», que está sendo muito elogiado pela crítica radiofônica, é redigido por Haroldo Barbosa e Lourival Marques, revezando-se, um, uma vez, outra vez outro.

● Paulo Roberto, êsse magnífico valor que desponta no nosso rádio, apresenta ao microfone da Rádio Nacional, o programa «Gente que Brilha», onde, entre outras atrações, focaliza a carreira e sucessos de um artista.

ALFREDO MORETTI, que venceu entre cento e cinqüenta concorrentes ao concurso para «a voz mais parecida com a de Francisco Alves», é a nova sensação do Estado de São Paulo, tendo a voz semelhante a do cantor falecido, sem no entretanto imitá-lo. Está atuando ao microfone da PRG-9 Rádio Nacional, no programa «Galeria do Nelson», com o «slogan» de «Cantor da Saudade».

● «Carroussel» é um novo programa sôbre cinema, rádio, teatro, «boite» e televisão, redigido e apresentado pelo nosso confrade de «A Noite», Ney Machado, ao microfone da PRF-4 Rádio Jornal do Brasil, no horário de 19,05.



A genial Alicia Alonso aparece ainda como solista nos números «La fille mal gardée» e «O Lago do Cisne», com o afamado Ballet Theatre.

mosa Maria Talchieff e A. Eglevesky e «A bela adormecida». Da Inglaterra: «Entre dois mundos», um valioso filme sôbre «ballet experimental», realizado pela Oxford University Experimental Film, uma série de filmes sôbre a temporada do «Sadler's Wells Convent Garden», em Londres, e «O cisne negro», com Beryl Grey. Da Polônia, «A juventude de Chopin», com uma série de ballets» com músicas do genial pianista. Da Rússia, Galina Ulanova, em «A morte do cisne» e «Romeu e Julieta». Êste último bailado, parte integrante da película «Gala Festival», que mostra também «O Príncipe Igor», o bailado «Tarrasbouba»; «Quadriatre», «La fille Mal Gardée», «Alha» e «Festa de Boda» (folclóricos). Estados Unidos, com o «Ballet Theatre», Alicia Alonso, Rosella Hightower, Irina Baronova e Anton Dolin em «La fille mal gardée», «A bela adormecida» e «Lago do cisne».

A INAUGURAÇÃO, NO MUNICIPAL

Inestimável colaboração foi resolvida para «A Dança e a Ima-



Nos velhos tempos o «Can-Can» fazia furor. No filme «Moulin Rouge», revive-se o «Can-Can», que fixa a biografia de Toulose Lautrec.



Sonia Arova, do Ballet da Ópera de Paris, grande atração do Festival, é outra figura de grande projeção, empolgando os numerosos fãs.

gem»: a volta do «Ballet Society». O conjunto dirigido por Tatiana Leskova e que, agora tem V. Veltcheck como coreógrafo convidado, representa o Brasil, no Municipal, na referida noite, antes da projeção do 1º programa de filmes de «A Dança e a Imagem».

Além da atração de filmes do espetáculo de filmes de «ballet», exibidos no nosso Teatro Municipal com, aliás, algumas estréias mundiais, Tatiana Leskova organizou um programa exclusivamente de novidades para «A Dança e a Imagem». Reconstituiu a coreografia de David Lichine, «Prothée», música de Debussy e também o célebre «Pássaro de Fogo», de Fokine, música de Stravinsky que a própria Tatiana dançará com Artur Ferreira. Outra novidade foi «Pedro e o Lôbo», coreografia de Leskova, música de Prokofieff. A contribuição de V. Velcheck será «Composição Abstrata», música de Bach Vivaldi. Quanto as seguintes sessões dos filmes, a inscrição continua sendo feita, diàriamente, na A.B.I., 7º andar, das 10 às 18 horas.



Um belo salto de Erick Bruhn, no filme «Hans Christian Andersen», com a jovem, bela e já famosa bailarina francesa Renée Jeanmaire.

DE CINEMA

NEWTON COUTO

JEANMAIRE NO CINEMA

DEPOIS de lançar várias bailarinas, entre as quais Vera Zorina, Leslie Caron, Moira Shearer, Ludmilia Tcherina, e outras, o cinema prepara-se para apresentar outra encantadora criatura através de «Hans Christian Andersen». Trata se de Renée Jeanmaire, do «Ballet de Paris», companhia formada pelo grande bailarino e coreógrafo Roland Petit. Jeanmaire nasceu no dia 29 de abril de 1924, em Paris, filha de um industrial francês. Com a idade de 10 anos começou a dançar no Teatro Nacional da Ópera, onde recebeu lições de dança clássica, ali permanecendo até aos 18 anos de idade. Juntou-se em seguida à primeira companhia formada por Roland Petit — «Les Ballet Champs Elisèes» — e lá foi colega da atual estrêla da Metro Goldwyn Mayer, Leslie Caron. Ingressou logo após no «Ballet de Paris», também formado por Roland Petit, tendo sido a sua «partenaire» em ambas as companhias. Sua maior atuação foi em «Carmen», que foi alvo dos maiores elogios da crítica, começando a sua «tournée» artística com êste «ballet», em 1948, na cidade de Londres, apresentando-se Jeanmaire durante seis meses. Em Paris também ficou em cartaz no mesmo espaço de tempo e igualmente na Broadway, viajando por todo êste país, para voltar mais tarde a Paris, completando três anos sem interrupção. Sua nova aparição na Broadway foi no «ballet» de Roland Petit «O Comedor de Diamantes».



A notável bailarina francesa Renée Jeanmaire e Farley Granger, «astros» do filme «Hans Christian Andersen», dirigido por Samuel Goldwyn, para a R.K.O.

★ Jeanmaire, como sua conterrânea Leslie Caron, é uma jovem miúda, com 1,60 de altura, de cabelos castanhos escuros e olhos negros e longos cílios, possuindo uma personalidade irradiante. Seu papel em «Hans Christian Andersen» estava reservado a Moira Shearer, a «estrêla» de «Os Sapatinhos Vermelhos» e «Os Contos de Hoffman», dirigidos por Michael Powell e Emeric Pressburger. Jeanmaire nos mostra em «Hans Christian Andersen» a sua extraordinária técnica, dançando o «ballet» «A Pequena Sereia» (The Little Mermaid), escrito por Roland Petit, seu «partenaire» no mencionado «ballet». Êste bailado tem a música tirada das obras de Franz Liszt e cada episódio tem o seu próprio fundo musical, sendo usadas nada menos de nove composições: «Gnomenreigen», «Os Prelúdios», «Tasso, Lamento e Tronjo», «Mephisto Waltz» e «Pass d'Amour». Jeanmaire, que pelos íntimos é chamada Zizi, foi contratada pelo produtor Howard Hughes em 1951, tendo sido solicitada pelo produtor Samuel Goldwyn para trabalhar ao lado de Danny Kaye e Farley Granger em «Hans Christian Andersen», executando um solo acompanhada de mais 28 bailarinas, durando o mesmo 12 minutos de projeção. O «ballet» é a interpretação coreográfica de Roland Petit, de uma das histórias do escritor dinamarquês Hans Christian Andersen.

★ Foram empregados cem homens na preparação de «A Pequena Sereia», tendo início êste «ballet» em pleno oceano, onde a sereia vê o seu príncipe pela primeira vez, terminando com o suicídio da mesma. Em conseqüência da mudança dos cenários, cada episódio é dançado dentro de um cenário especialmente desenhado. Desta maneira foram construídos seis cenários para os diversos episódios, ou seja, no òceano, na praia, no lar da sereia, sob as águas, no castelo, na caverna e no quarto do castelo. Para o «set» do oceano utilizaram maquinismos hidráulicos que simularam exatamente o arfar do oceano, bem como outros artifícios. Samuel Goldwyn, que levou 14 anos preparando a rodagem desta película e gastou 4.000.000 de dólares, soube realizar com muito carinho êste «ballet», que constituirá uma das atrações de «Hans Christian Andersen», a exemplo daquele outro «ballet» apresentado no celulóide da Metro Goldwyn Mayer intitulado «Sinfonia de Paris» (A American In Paris) e que consumia de projeção 17 minutos, fotografado pelo magnífico «cameraman» húngaro John Alton, o maior fotógrafo do mundo, e um conhecedor profundo do claro e escuro, que revolucionou o tecnicolor a ponto de ser premiado pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, com o seu outro colega Alfred Gilks, que se encarregou da fotografia do restante do filme.

● Charles Vanel, que no filme «Em Nome da Lei» vive um dos principais papéis, nasceu em 1894 e tem uma carreira cinematográfica há uns bons trinta anos. Do teatro de amadores passou ao profissionalismo. Em 1920 apareceu pela primeira vez em um filme, «L'Altro», onde ganhou nome. Entre os seus sucessos mais notáveis figuram «Pecheurs d'Islande», «Waterloo», «Chiqué», «Les Miserables», «A Lei do Norte», «Grand Jeu» e outras produções francesas. Vanel é especialista em papéis de vilão. Pessoalmente é discreto e modesto. Gosta das coisas simples da vida: a vida do campo, pescaria, passeios. É um tanto taciturno e gosta da solidão. Sua película «Em Nome da Lei», começa com as seguintes palavras, que calam profundamente no espírito do público: «Esta terra de ilimitada solidão, calcinada pelo sol, é a Sicília. Uma terra que não é apenas o risonho paraíso das laranjas e dos laranjais, oliveiras e flores — que alguns conhecem ou pensam conhecer. É também, em grande parte, uma terra árida e estática na superfície, refletindo em suas pradarias os raios solares — onde os homens vivem como anacoretas de acôrdo com costumes antigos, tradicionais. É uma terra que o forasteiro de outro continente dificilmente compreende — misteriosa, esplêndida e possuída de uma paixão de uma ternura trágica, primitiva»

DÊ À SUA CUTIS O TRATAMENTO QUE ELA MERECE

ANTISARDINA



ANTISARDINA N.º 1

O CREME PERFEITO PARA UMA «MAQUILLAGE» PERFEITA

ANTISARDINA renova as células gastas da epiderme, protege as células novas, restitui à pele cansada, ou prematuramente envelhecida, sua normal elasticidade, limpando-a de sardas, espinhas, manchas, rugas, panos, etc. ANTISARDINA é um creme de beleza CIENTIFICAMENTE preparado com ingredientes rigorosamente selecionados.

N — ANTISARDINA — LISOBARBA — CABELOSAN — ANTI



CONTA-ME teus Sonhos

MARIA PAULA

ALICE — (Rio)

SONHO — Ia para uma sessão espiritualista, puxando meu irmão pela mão. Quando chegamos a uma praça, o bonde não conseguiu passar, apesar de estar vasio. Ponderei então: — Não tem importância. Tomaremos outra condução para chegar à hora certa. Tomamos um lotação, mas, ao chegar a uma praça calma, tranqüila e ornada de bonitas árvores, o motorista meteu o carro por uma gruta. Os estalactites, sôbre nossas cabeças, eram moles e, à medida que o lotação ia entrando, as arestas iam cedendo. Ao chegar ao interior da gruta, vimos que era um antro de piratas, jogadores da pior espécie. Sempre dando a mão a meu irmão, puxei-o para fora, com a maior calma possível, como se nada houvesse. Os homens não perceberam nossa saída. Nada nos aconteceu, mas eu sofria, inconformada por ter abandonado os outros passageiros na gruta com os malfeitores. Mas, como nada mais podia fazer, continuei meu caminho e cheguei à minha sessão.

INTERPRETAÇÃO — Você tem bons propósitos e os melhores desejos de ajudar o próximo (conduzir seu irmão, sofrimento pelos outros passageiros) mas, nem sempre consegue o seu objetivo (bonde que não passava) e muitas vêzes suas boas intenções (motorista) não são bem compreendidas porque você faz uma mistura de espiritualidade, sexo, deveres a cumprir, que a deixam, às vêzes, desorientada (gruta, piratas, pressa de chegar, respectivamente). Porém, todo êsse mistifório sentimental e espiritual passam desapercebido (praça tranqüila) porque você não possui a faculdade de interpretar seus próprios pensamentos e seus mais íntimos desejos. Entretanto é persistente e leva suas pretensões até o fim (chegar à sessão). Procure observar-se melhor, Alice, para conhecer sua própria vocação.

MEDROSA — (Rio)

SONHO — Estava minha patroa lavando roupa e a corda já estava cheia, quando fui ajudá-la a estender. Apanhei uma combinação muito clarinha e quando fui jogá-la na bacia, ela caiu no mar, num lugar muito fundo. A filha da patroa estava do outro lado e eu lhe pedi que fôsse buscar a combinação, pois eu não queria ir de jeito nenhum. A menina mergulhou e trouxe a combinação. Ela estava com um lindo vestido de fustão branco. Entregou-me a roupa e foi-se embora.

INTERPRETAÇÃO — É muito comum o fato de os mais idosos se sentirem amedrontados com circunstâncias que as crianças enfrentam sem o menor receio (menina que foi ao fundo do mar). De maneira que essa cena do seu sonho é uma simples dramatização de alguma passagem desagradável de sua vida. Seu sonho diz que você se sente frustrada em seus anseios maternais (água do mar, lavar roupa). Você sufocou seus anhelos de moça e os reduziu ao pequeno desejo de continuar a viver sem os sonhos que noutros tempos embalavam seu coração. Você hoje **lava** suas mágoas nas **águas** das árduas tarefas domésticas e pretende com isso **matar** o seu tempo, até o fim de sua existência, vendo a felicidade alheia (menina de vestido bonito) e sentindo-se contente por ser útil (ajudar a patroa).

LOURINHA — (Rio)

SONHO — Sonhei que estava no Centro Espírita que freqüento, no porão de uma casa com janelas de grade, porém o local era diferente, pois na rua só havia casas de um lado, do outro lado era uma mata muito cerrada, separada da rua por um rio, cercado de grade de madeira. Em lá chegando, começou a ameaçar um temporal muito forte, mas sem chuva. Olhei pelas grades e vi uma mata muito escura, o vento assobiando, então resolvi telefonar para minha mãe avisando-lhe que eu dormiria por lá, pois o temporal estava muito feio. Quando acabei de telefonar, fomos dormir. A presidente do Centro mandou-nos fazer as camas no chão, em uma sala pequena, contígua à sala dos trabalhos, dando-nos, nesta ocasião, lençóis, colchas e roupas brancas e nos ordenando lavássemos a cabeça antes de deitar. Então ela me trouxe uma bacia branca com uma infusão feita de ervas, e nela despejou uma bebida branca, que não sei o que era. Fiquei de lado, enojada de ter que lavar a cabeça na mesma água que as demais pessoas. Por minha sorte eu fui a segunda a lavar a cabeça. Em seguida abaixei a cabeça na bacia, molhando o cabelo de trás para frente, deixando que caísse, por cima da testa, dentro da bacia. Quando acabei de lavar a cabeça enxuguei com uma toalha branca e voltei para o Centro, a fim de apreciar o temporal, através das grades. Aí encontrei o marido da presidente do Centro muito nervoso, pois o cavalo dêle havia fugido; e, bom conhecedor do animal, sabia que êle não voltaria enquanto não passasse o temporal. Procurei acalmá-lo dizendo-lhe que o cavalo voltaria e, quando estávamos nesta teima, olhei pela janela e vi sair o cavalo branco, correndo. Quando chegou perto do rio, o cavalo entrou em uma espécie de cocheira formada por uma árvore e a grade. Então, o dono muito satisfeito, ficou esperando melhorar o temporal para ir apanhá-lo.

INTERPRETAÇÃO — Se o cavalo — fiel, laborioso e valente servidor — é a representação da personalidade que, divisando horizontes mais longínquos que os terrenos, já se abeirou da espiritualidade, é claro que, em momentos de desajustes morais (forte temporal) a fôrça anímica fique abalançada e sem direção (o cavalo havia fugido). Você deve estar algo impressionada com certas atitudes do marido da dona da **Sessão** (teima entre vocês), e receia ter que se afastar, temporàriamente (o cavalo só voltaria quando cessasse a tempestade), até que, êle se dominando (cavalo entrou na cocheira) não lhe venha prejudicar moralmente, fato do qual você já se apercebeu. Entretanto seu «Alter Ego» já deu o devido sinal de alerta (espiar pelas grades) e mostrou-lhe o perigo (nojo) e o caminho a seguir para se livrar de possíveis aborrecimentos (tempestade, sem chuvas). Você tem procurado estudar os freqüentadores da **Sessão** (espiar pela janela) e perscrutadora, como deve ser, já viu em quem pode confiar e a quem deve evitar (mata escura). Você tem facilidade de separar a personalidade (rua de casas) da individualidade (mata) e reconhecer que, embora as falhas humanas, todos caminham em busca de Deus e de sua própria felicidade (camas, lençóis e roupas brancas). É evidente que em seu sonho há lembranças claras das cenas comuns aos rituais de **Umbanda** (infusão de erva, lavagens de cabeças, bebidas brancas — **marafo,** quem sabe?) as quais ficam muito impressas no subconsciente, por fugirem ao ritmo dos rituais simples e menos curiosos das outras religiões. Para finalizar, aconselho-a a observar o que se passa em seu coração (o dono do cavalo ficou satisfeito) e verificar se não estará dando passagem a sentimentos afetivos um pouco exagerados... (passar o temporal e apanhar o cavalo).



AS TRÊS IRMÃS

LEMBREI-ME delas, com enternecida saudade, nesta tarde melancólica de agôsto, entre uma viagem de retôrno ao passado e o aspecto confrangedor que o velho casarão da fazenda se me ofereceu. Detive-me, entristecida, por alguns momentos, antes de abrir a pesada porteira que me reconduziria ao pátio da fazenda. Quantas e quantas vêzes, Angela, a mais velha das três, veio acompanhar-me, quando de volta a minha casa, até aquêle mesmo lugar. Quando não tínhamos grande pressa deixávamo-nos ficar ali a conversar coisas banais próprias da nossa idade. Angela dizia-me sempre que, se a tirassem daquela vida simples e encantadora da fazenda, morreria de tédio e de tristeza. Eu sorria incrédula. Frisava-lhe a possibilidade de um amor capaz de levá-la, de bom grado, para bem longe dali. Ficava séria alguns instantes e, logo mais, desfazendo-se em sorrisos respondia-me, — e eu percebia em suas palavras algo mais que uma simples convicção — que não trocaria a paz daqueles ermos pelo maior e mais sublime de todos os amôres. Quando haveríamos, porém, de supor tivesse muito cedo, de abandonar tudo aquilo para seguir diferentes caminhos rumo a outro destino. Foi preciso que seu nobre coração, ferido em cheio, escolhesse longe dos lugares de sua veneração um outro mundo onde pudesse, com a sua dor, asilar-se para sempre.

Sob a forte impressão que tais pensamentos me assaltavam empurrei a porteira e, vagarosamente, a transpus. Semelhante a um tapête de veludo verde, deparou-se-me a grama intensa, ladeando o largo caminho que conduzia à velha mansão pondo em relêvo, mais além, espalhado no terreiro, o verde-vermelho do café, a negrejar ao sol. Aqui e acolá, margaridinhas silvestres, como pequeninas sílfides, emergiam da grama e a brisa da tarde, ao perpassar, inclinava-lhes as graciosas corolas, pondo-as num contínuo vaivém, como que impelidas pelo ritmo de uma suave e embaladora melodia. Aquela hora a casa estava fechada e o sol batia-lhe em cheio. Subi, a mêdo, os três degraus que iam dar à varanda com suas grades de ferro, agora recobertas pelas trepadeiras, ao redor de cujas flores bailavam, numa orgia de côres, frágeis borboletas. O banco de pedra, que ali estava, parecia convidar-me ao repouso. Mais de descanso, porém, necessitava o meu espírito conturbado, a fim de poder rever d. Ana Rosa (mãe de Angela), cuja ausência enchera de mágoa o coração. Como se já não lhe bastasse a separação que o casamento de suas filhas, Eugênia e Maria Emília, lhe impingira, pois se haviam transferido para outros lugares, vinha-lhe agora como imposição divina, a maior de tôdas as separações — a entrada de Angela para o convento. Pobre Angela! Enclausurada, longe dos seus e de tudo quanto amara, como deveria ser grande a sua amargura! Conhecia-lhe a natureza altiva e, bem por isso, eu a sabia sofrendo dentro dessa renúncia e dêsse sublime sacrifício.

Recordei suas irmãs com destinos diferentes. Eugênia, de maneiras tranqüilas e distintas, fôra sempre muito reservada. Ia-lhe bem, no entanto, à fisionomia de traços suaves e puros essa encantadora reserva. Falava pouco e não se expandia em confidências. Parecia duvidar de todos, e por isso mesmo nunca tivera amigas. Eu a admirava muito; achava-a bonita, de uma beleza terna e suave. Quando casou, sua ausência se fêz sentida e o seu lugar ficou vazio. Foi para longe, pois o marido era fazendeiro em outras terras. Ela o seguiu com a mesma serenidade e reserva, tão próprias do seu temperamento; nenhum gesto diferente, nenhuma comoção a transformar-lhe a impassibilidade da fisionomia quando abraçou os seus para acompanhá-lo. Dir-se-ia confiante e segura do seu destino.

Maria Emília, de temperamento alegre e irrequieto, era a caçula. Enchia a casa com sua risada álacre e pura; era travêssa e buliçosa. Não lhe acreditavam muito, porque vivia a pregar ingênuas mentiras aos pais e aos irmãos, principalmente. As empregadas adoravam-na apesar das suas constantes travessuras. Bastante alta para os seus 15 anos, suas formas tinham, ainda, muito de menina. Possuía belos e irrequietos olhos azúis, como duas contas de vidro, a enfeitar-lhe o rosto que prometia vir a ser formoso. Duas grandes e pesadas tranças negras caíam-lhe sôbre os ombros flexíveis. Alguns anos depois quando voltei a vê-la era já mulher.

Tornara-se linda, de uma beleza fascinante. O que não mudara nela, porém, fôra o temperamento. Nessa ocasião namorava um primo do Rio, com quem veio a casar-se mais tarde. A casa ficou triste com a partida de Maria Emília e o silêncio dormiu, de vez, sôbre a mansão dos Nébias. Não mais foram ouvidas as suas sonoras gargalhadas e ninguém mais foi importunado com as suas travessuras. Até mesmo o velho perdigueiro, o bom Veludo, de quem Maria Emília era a senhora, entristeceu, pois embora molestado pelas suas constantes brincadeiras, das quais tomava parte com prazer, amava a sua dona porque esta, lhe tinha carinhos especiais. Viveu êle muito tempo pelos ermos da casa ou perdido no pomar como que à procura daquela que, aparentemente, o esquecera. Quantas vêzes, nós também, reunidos na sala de jantar, ao redor da grande mesa, ficávamos a rememorar cheios de saudade as suas passadas diabruras. Seu pai, de quem era a predileta, querendo fugir, por certo, à comoção que essas lembranças lhe traziam levantava-se da cadeira de balanço e, já se ia, pigarreando pela casa a dentro, sem destino.

D. Ana Rosa, tirava do bôlso o seu lenço branco e com êle limpava os olhos que as lágrimas embaciavam. Levamos muito tempo a nos habituar com a sua ausência. Era, porém, dia de festa quando nos chegava uma carta de Maria Emília contando-nos mil pequeninas coisas; embaralhando a saudade que sentia de todos e de tudo com as surprêsas que se lhe iam apresentando sua vida de recém-casada. Era um não acabar de confidências. Não se esquecia de ninguém, até mesmo Veludo era citado com ternura.

Depois . . . Para que recordar? Foi a vez de Angela, a minha companheira e amiga. Certo dia apareceu na Vila, vindo de S. Paulo, um moço, dizendo-se advogado. Fêz-se logo amigo de Tomás, irmão mais velho de Angela. Passou a freqüentar a casa da fazenda com muita assiduidade; tornou-se um íntimo. Era maneiroso, cheio de atenções e polidez. Encantava-nos, a todos, o seu modo eloqüente de falar. Angela teve-lhe paixão. Eu, porém, já havia adivinhado o segrêdo de sua alma, quando mais tarde mo revelou.

José Luís pareceu correspónder à dedicação que a moça lhe inspirava; foi quando o idílio principiou. Noivos mais tarde, passaram a ser vistos juntos, ora em passeios à Vila, em festas, reuniões; ora visitando os arredores da fazenda, cavalgando belos animais. Minha amiga foi feliz. Só a mim confiava os segredos de seu coração enamorado; e se alguma vez teve dúvidas a respeito da sinceridade do noivo, eu procurei desvanecê-las, encorajando-a a prosseguir nesse amor cheio de pureza e casta ingenuidade, porque nas atitudes do advogado eu também, ingênuamente, acreditara. Como nos iludíamos!

Lembro-me bem, foi numa tarde de domingo. Na mesma varanda coberta de trepadeiras floridas achávamo-nos, eu e Angela, sentadas no banco a conversar, quando José Luís chegou. Vinha correto, em seu impecável terno de linho branco, irradiando simpatia e bom-humor. Saudou-nos, tendo um olhar de mais demorada ternura à sua noiva. Começamos os três a conversar. Fui,

(Cont. na pág. 50)

Conto de MARIA DE LOURDES AMALFI

Ilustração de NEWTON



De pele morena, feições «delicadas», pestanas longas e cabelos bem penteados, a «sedutora» Ivana dá o seu «olhar nº um» para a camera.



De cinturinha bem fina e gestos tipicamente femininos, ela é ou não é muito «boa»? Que o digam os velhinhos da primeira fila do teatro.

"MUIÉ MACHO, SIM SINHÔ"

IVANA NÃO É IVANA: É IVAN ★ EM POUCOS MINUTOS, O RAPAZ ELEGANTE SE TRANSFORMA NUMA SEDUTORA MORENA ★ ATUOU NO "FOLLIES BERGÈRES" E FÊZ PARTE DO "CARROUSSEL" ★ COMO NASCEU A INVULGAR IDÉIA.

Reportagem de **SAMUEL AVERBACH**
Fotos de **ALBERTO FERREIRA**



Em trajes masculinos, Ivan Monteiro Damião mostra que se acostumou aos hábitos cariocas, tomando a sua média. Quem vê nêle a «vedette»?

ESTÁ no Rio mais uma «vedette» francesa. Mas esta é uma «vedette» diferente. Sim, porque, desde o início, quem a vê aparecer no palco tem logo a atenção atraída por aquêle corpo sinuoso, trajando vestidos luxuosos, que executa alguns passos de dança e canto número em francês, no qual se distinguem entre outras, as frases:

— «Je cheche um milionaire!» «Avez vous d'argent pour moi?»

Sua voz não é boa e soa um tanto roufenha. Mas é inegável que ninguém presta muita atenção ao que ela diz. Todos (e principalmente os homens) preferem apreciar as belas e morenas formas da sedutora francesa.

Mas, embora muitos não acreditem (como o próprio repórter não acreditou), **Ivana não é mulher: é homem.** E' homem de fato. Alto, elegante, bonitão, do tipo dos galãs cinematográficos da sua terra. E' incrível a metamorfose que se opera quando êle entra no seu camarim alguns minutos antes de ter início a apresentação da peça «E' Fogo na Jaca». Fazendo sua própria maquilagem, com rapidez e precisão, Ivan se transforma em Ivana e aparece diante dos olhos ávidos dos espectadores, entre os quais, muita mocinha passa a invejar a «possuidora» daquele corpo magnífico. Ela — ou melhor será chamar a «vedette» de êle? — se apresenta com bastante desembaraço, como uma veterana, exibindo um penteado magnífico e uma pose que só é peculiar às mulheres bem aquinhoadas pela natureza.

(Cont. na pág. 50)



«Je cherche un millionaire!» «Avez vous d'argent pour moi?» E Ivana vai desfilando suas frases parisienses. Niguém quer se habilitar?

A BEM AMADA

Romance de THOMAS HARDY

Tradução de RENATO DE ALENCAR

— Sim, eu estava ciente disso, pois sua mãe me falou. Mas, como já tinha dado o endereço lá do hotel, estou esperando alguns volumes, prefiro permanecer ali. Desta forma, desejo-lhe uma boa noite, embora ainda seja cedo para isso. Voltarei amanhã cedo, para saber como está sua mãe, e dar a você o meu bom dia. Voltará cedo dêsse encontro?

— Creio que sim.

— Quer que a acompanhe?

— Oh! Não. Muito agradecida. Não é longe.

Seguiu Pierston para a sua pousada e reconhecia que Avícia se portava exatamente como quem estava agindo mais por obediência do que por vontade própria. Logo que o noivo se foi, a moça apanhou de sôbre um aparador um pequeno pacote, pôs um chale e o chapéu, e, seguindo pelo mesmo caminho por onde fôra Pierston, chegou à porta do castelo de Sylvania, onde se deteve. Dali podia ouvir distintamente as pisadas de Pierston, que ia pela estrada das pedreiras até ao seu hotel. Mas Avícia não prosseguiu naquela direção; dando volta pela parte da esquerda, tão conhecida de Pierston, quando ali vivera, vinte anos passados, deixou atrás de si as últimas casas, entrou pelo desfiladeiro que ficava mais além, subiu pelas ruínas do castelo de «Red-King» ou de «Bow-and-Arrow» (Arco e Flecha), erguido como uma quadrado bloco em frente ao mar, e olhou a luz da lua refletida nas águas inquietas, naquela noite silenciosa.

CAPÍTULO XXVIII

A mãe de Avícia passara uma noite inquieta; mas não disse nada a ninguém. Nem mesmo a si própria quis confessar que sua prostração aumentara pela ansiedade e incerteza em que estava a respeito daquele casamento, no qual havia pôsto todo o afã de seu coração de mãe. Durante os ligeiros minutos em que sonhava acordada, entrou Avícia no aposento. Como não era estranho que a filha entrasse ali para ver como ia Avícia, esta procurou tranqüilizá-la:

— Estou passando bem, querida. Não se preocupe e vá dormir.

Avícia desejava ficar só. Entregando-se a seus pensamentos, preocupava-se cada vez mais com o casamento da filha com o escultor. Estava certa de que era o passo mais acertado que sua filha poderia dar. Tôdas as jovens da ilha a invejavam naquele momento, porque Pierston estava aparentemente muito loução para a idade que verdadeiramente tinha. Sua estampa era galharda, mantinha uma vida elegante e social, possuía sólida fortuna herdada do pai e seu nome era dos mais famosos na vida social e artística do país.

Mas a filha, segundo estava inteirada Avícia, costumava manter devaneios com jovens da ilha, embora sem maiores responsabilidades. Por isso, a mãe dava graças a Deus por ver que ela se submetera ao casamento com Pierston, apesar da tremenda diferença de idades. Entretanto, para todos, exceto, talvez para a noiva, era o escultor o mais romântico dos galãs. Com efeito, já se verificara na ilha uma novela como a que aquêle homem nutrira com a família Caro? Desfez o casamento com a primeira Avícia, não conseguiu desposar a segunda, e, ao propor matrimônio com a terceira, a coisa tinha tal caráter que comovia pela sua origem, empolgando a quantos disso tinham notícia.

A segunda Avícia pensava que, se não já estivesse casada, teria desposado o escultor, quando vivia em sua casa em Londres, há tantos anos passados; mas, como consôlo, via que, se ela não lograra tão grande felicidade, esta caberia à filha, apesar de tôdas as aparentes inconveniências entre uma união que enlaça uma jovem de vinte e poucos anos a um cidadão de setenta.

— Deus meu! — exclama ela, às vêzes, ao pensar na vida, noites seguidas. — Pensar que os meus desejos ao escrever-lhe se haviam de cumprir dêste modo!

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

DEPOIS de tentar casar-se com diversas moças, inclusive algumas suas conterrâneas, o escultor Jocelyn Pierston, residente em Londres, apaixona-se por Avícia, neta de uma de suas primeiras ex-noivas, Avícia Caro. A jovem, porém, que sentia a enorme diferença das idades, ela com vinte anos e êle com sessenta, não se mostrava disposta a desposá-lo, e só o fazia em virtude dos pedidos de sua mãe, naquele momento enfêrma, com ataques cardíacos. Pierston percebia o fato e, intimamente, estava com vontade de desistir do casamento.

Ilustração de RAMON

Quando tudo estivesse felizmente realizado, que triunfo sentiria durante todo o resto de sua vida! Havia começado a vida como filha modesta de um operário de pedreira; depois, para manter-se, foi lavadeira; em seguida desempenhara outras ocupações servis. Casou-se por amor, e foi infeliz em seu matrimônio. Graças, porém, à intervenção de Pierston, voltou a unir-se ao marido, o qual alcançou melhor vida econômica e financeira, com a ajuda do escultor. Viúva, herdara a própria casa em que Pierston nascera, e, como coroamento final de tôda a sua ventura, ia sua filha ser a dona do que de melhor lhe escapara na vida: a posse de Jocelyn Pierston, instalando-se num lar de refinada opulência.

Iam passando as horas e o pensamento de Avícia girava em tôrno dessas considerações. Em dado momento percebeu que havia vozes no quarto de sua filha. Sentia-se nervosa. Eram cinco horas da madrugada e a manhã estava ainda muito escura. A enfêrma começava a sentir-se mal, tremendo sob os lençóis. Havia dito que não precisava que ninguém ficasse ali a ajudá-la, uma vez que estava melhor; mas, naquele momento, agitou uma pequena sineta, acorrendo a enfermeira Ruth Stockwool, uma mulher da ilha, vizinha da doente, cuja amizade datava da primeira Avícia.

— Estou nervosa, — disse ela — e lamento não poder verificar, por mim mesma, se êsse rumor é a Rebeca a vestir Avícia para o casamento.

— Não! Não é nada. Todos dormem ainda. Vou trazer-lhe alguma coisa para você alimentar-se.

Logo que começou a comer, Avícia prosseguiu:

— Estou muito inquieta ao pensar que minha filha termine opondo-se ao casamento. Sabe você que êle tem muito mais idade do que ela.

— Realmente é assim, disse a vizinha. Mas não vejo nada agora que possa estorvar o casamento.

— Já sabe você que Avícia teve um romance com um jovem de vinte e cinco anos, e sempre se manteve muito reservada e discreta a tal respeito, evitando comentar o caso comigo. Eu preferia que o esquecesse, embora chorasse até passar tudo; mas Avícia fêz sempre o contrário, e sei, com fundados temores, que ela continua louca por êle.

— Ah! E' aquêle jovem francês, o senhor Leverre, de Sondbourne? Já ouvi falar dêle. Mas, pelo que sei, os dois não estão mais em harmonia, tendo-se dado episódios que os separaram.

— Qual, minha amiga! Não creio que tenha havido tão grande desavença entre êles. Pelo contrário... Tenho a desconfiança de que ela se encontrou com êle esta noite. De início pensei que fôra vê-lo apenas para despedir-se e devolver-lhe alguns livros que o rapaz lhe havia dado. Mas... prouvera a Deus que ela nunca o houvesse conhecido. E' um jovem irascível, impulsivo, capaz de cometer desatinos. Embora tenha vivido em França, não é francês. Seu pai era de Jersey, o qual, ao enviuvar, casou-se com uma mulher desta mesma ilha. Daí a particularidade de que o jovem se ache aqui, como se estivesse em sua própria pátria.

— Ah! Agora percebo. Sua madrasta era uma Beaucomb. Há muitos anos ouvi falar nela.

— Sim. Seu pai, por muito tempo, foi um dos mais poderosos comerciantes de cantaria da ilha. Mas hoje já ninguém se recorda de seu nome. Retirara-se do negócio alguns anos antes de que eu nascesse. Minha mãe me dizia que era uma jovem muito formosa e que se meteu com a vida do sr. Pierston, quando moço, chegando mesmo a causar certo escândalo com êle. Quando o pai acabou seus negócios nas pedreiras, seguiu com ela em viagem ao estrangeiro, levando grandes recursos; mas não sei como foi que perdeu tôda a fortuna em terras estranhas. Anos depois, casou ela com o sr. Leverre, de Jersey, que já estivera loucamente enamorado dela, quando ainda jovem, e criou o filho dêle como se fôra seu.

A mãe de Avícia suspendeu seu relato; mas, ao ver que Ruth nada lhe perguntava, retomou em seguida suas queixas, dizendo:



— Minha filha conheceu êsse jovem da maneira seguinte: ao falecer o marido da senhora Leverre, mudou-se ela de Jersey para Sanbourne. Um dia veio à ilha para saber notícias do sr. Jocelyn Pierston. Como o meu sobrenome é o mesmo, pois meu marido se chamava Isaac Pierston, visitou-me em companhia do filho, e assim se ficaram conhecendo, êle e minha filha. Quando esta voltou a Sandbourne para terminar os estudos no colégio, mantiveram êles suas relações, mas em segrêdo. Êle lecionava francês em algum curso por ali, e creio, que até agora, continua a ensinar essa língua.

— Bem espero que o esquecerá. Não é bastante para ela.

—Assim o espero... assim o espero... Agora vou ver se durmo um pouquinho.

Ruth Stockwool voltou ao seu dormitório, e, não crendo ser necessário manter-se em pé durante uma hora mais, deitou-se novamente e não tardou em ferrar no sono. Sua cama ficava sob o primeiro lanço da escada, sem outra separação que não um biombo de tela, e, sonhando ou não, ouviu ligeiros atritos na parte exterior do biombo, como de uma pessoa que estivesse a tatear na obscuridade em procura do outro lanço da escada. Cessado o ligeiro barulho, voltou Ruth a ouvir, sonhando ou não, um outro ruído como o de quem abre uma porta.

Quase ia mergulhando novamente em profundo sono, e o mesmo ruído se fizera ouvir: dedos que roçavam a superfície da fazenda do biombo, bem junto à sua cabeça, seguindo-se o suave abrir de portas. Depois, o mais completo silêncio.

Preocupada pelo que ouvira, ela despertou de uma vez. A repetição do fenômeno era sumamente estranha. Por ser ainda muito cedo, talvez que os primeiros ruídos houvessem sido feitos pela criada ao descer as escadas, embora não compreendesse Avícia, o motivo por que precisasse a empregada, descer assim furtivamente, como quem procura esconder-se, e, o que era ainda mais estranho, em plena escuridão. Entretanto, os segundos ruídos eram inexplicáveis. Ruth pulou da cama e descerrou as cortinas.

Já despontava a alvorada e as luzes da praia continuavam acesas. Distinguiam-se perfeitamente os arbustos que faziam contraste com a branca cêrca do jardim, bem como a reluzente superfície do caminho, que, como uma fita se estendia até à porta setentrional do castelo de Sylvania, dando uma volta para a aldeia, os alcantis e a enseada.

(Continua no próximo número)

Semana LITERÁRIA

EDMUNDO LYS

UM LIVRO:

"ENSAIOS DE CIRCUNSTÂNCIAS"

APARECENDO na coleção Cadernos de Cultura, basta essa indicação para recomendar a obra de Willy Lewin, «Ensaios de Circunstância», tal o critério pôsto por Semeão Leal na escolha dos livros apresentados pelo Serviço de Documentação do Ministério da Educação, onde seu chefe realiza um milagre de seleção e de equilíbrio. Realmente, êstes ensaios trazem um grande prazer espiritual ao leitor e, o que é mais, realizam exatamente essa função mais simpática da crítica, a de despertar o interêsse pelas obras e autores citados, provocando-nos a curiosidade de lê-los ou de reencontrá-los, para melhor saborear, com a orientação e o esclarecimento do ensaísta. Willy Lewin escreve muito bem, com estilo simples e agradável, conseguindo sempre a nota de simpatia e de encanto que suaviza o trato bibliográfico. Todos êstes ensaios que êle chama «de circunstâncias», como que lhes impondo uma limitação, isto é, a de terem sido escritos para o jornal — muito somam ao conhecimento dos autores e dos livros que êle menciona e estuda. Lewin tem essa qualidade particular do «book reviewer», a de focalizar o melhor ângulo e apresentar, assim, o seu assunto, no caso um livro ou um autor, sob a face mais nítida e, ao mesmo tempo, mais marcante, realçando-os pela projeção de luz ou pelo claro-escuro, demais fazendo com que a página ou o vulto se projetem da obra e se insiram em nosso aprêço, provocando, por um traço vivo, o nosso afeto, o desejo de conhecimento ou de verificação.

★ Todos êstes ensaios são nitidamente dêsse gênero que, nem por ser sintético, rápido, sob certos aspectos incapazes de perfeição — o que lhes aumenta o sabor e a vivacidade — revista de livros. Aliás, exatamente sôbre a revista de livros — «Angústias do Book Reviewer» — escreve o autor uma de suas páginas mais características, mais ágeis e mais sedutoras. Eis o que diz êle: «Contudo, o «book reviewer» é um pouco mais do que o simples noticiarista de livros. Êle deve julgar, apontar valores de essência, isolar características das obras que lhe são enviadas. Não se acha, porém, obrigado às análises minuciosas. Faz um misto de crítica e de jornalismo, em pequenas colunas diárias ou semanais. Um quadro feliz. Aqui lembra êle as «angústias» que George Orwell apontou no «book reviewer». E êsse é todo um capítulo pitoresco e exato. Onde, aliás, todos nos revemos, pois essas angústias são as de todos que escrevem semanal ou diàriamente sôbre livros, ficando entre o simples bibliógrafo e o ensaísta da crítica, habitual dos abundantes rodapés. Nossa competência para a função da crítica é marcada pela urgência da imprensa e pela exigüidade do espaço que nos creditam. Vencer essas duas dificuldades, sem cair no desinterêsse do leitor, é a melhor recompensa do «book reviewer». E que problema, poder exercer êsse mandato com dignidade, com um mínimo de injustiça, com um máximo de critério e de . . . assiduidade. Só compreenderão todos êsses problemas aquêles que um dia os enfrentaram, como o autor de «Ensaios de Circunstâncias», verdadeiro modêlo da «book review», nos quais cintilam os primores do escritor e a segurança das opiniões, com aquêles dotes de criar a simpatia, pelos livros revistos, e de fixar, em duas linhas, o centro de interêsse dos autores.

FORA DO PRELO

● POEMAS DE RAINER MARIA RILKE — Na coleção Rubáiyát, da Livraria José Olympio, aparece esta coleção de poemas de Rilke, admiràvelmente traduzidos por Geir Campos. Rilke está interessando particularmente a nova geração. Relegado, por um motivo qualquer, pela rapaziada de 22, veio encontrar profundo eco no afeto dos novos, como Geir Campos, que traduziu êstes poemas, nêles pondo o coração, como é fácil verificar pela felicidade da maioria dos trabalhos apresentados. Foi uma lembrança muito boa, esta, dar ao leitor de nossa língua êstes poemas que muito mostram do que de melhor tem Rilke.

● NORDESTE BRASILEIRO — Estudos e impressões de viagem, chama a êste livro o autor, A. Da Silva Mello, um dos mais notáveis cultores de letras científicas entre nós. Sôbre êste volume — «Nordeste Brasileiro», editado por José Olympio, na série Documentos Brasileiros, já falaram os nossos mais avisados críticos, de todos merecendo Silva Mello o mais justo louvor, por seu trabalho em que brilhantemente se associam o rigor científico, o valor do estilo e a documentação veraz.

● MANET NO BRASIL — Do Serviço de Documentação do Ministério da Educação é a edição dêste excelente trabalho do crítico Antônio Bento, enriquecido o belo volume com muitas reproduções e dando notícia circunstanciada, tanto da presença de Manet no Brasil, como de sua vida e de sua obra. Livro para artistas e estudiosos, já se vê, o que não impede que desperte curiosidade e consiga interessar o leitor comum, no geral mal informado sôbre o movimento artístico, suas grandes personalidades, evolução da pintura e das outras artes, o que conduz as nossas maiorias a um inteiro desprêzo pela arte moderna que não estão, de forma alguma, aptas a receber. Se aparecessem muitos volumes como êste, entre nós, muita discussão inútil e analfabeta seria evitada. Lembramo-nos aqui de um programa de rádio a que foram convocados críticos e artistas modernos para um debate, entre êles, e com o público, a respeito de arte moderna, de pintura em particular. O que os ouvintes mandaram perguntar a respeito do palácio da Educação, dos quadros de Portinari, do abstracionismo e de outros pontos, revelava, não a burrice congênita, mas o analfabetismo de pai e mãe da mesma maioria, sôbre as coisas mais rudimentares da arte plástica e da arte em geral. Grande exemplo, para a instrução do povo, em matéria de arte, livros como êste que, além do mais, tem figuras, para as devidas constatações do que diz o crítico.

CIPRIANO LAGE

A morte de Cipriano Lage foi uma triste surprêsa para seus amigos. Ainda dois ou três dias antes, andava êle pela Avenida, com o seu permanente sorriso e o seu invencível bom-humor. Aconteceu estùpidamente o fato. É possível que ao seu espírito «frondeur» tenha agradado essa morte à sua maneira, desprevenida, mal-criada, sem-cerimônia. Entretanto, se seu sentido de humor não se embotou nos últimos momentos, êle terá sorrido do desaponto dos amigos, não esquecendo porém, de misturar com êsse sorriso, que o acontecimento viria doer em nosso peito, como costumavam doer, no seu coração, as nossas aflições. Escritor de raça e de estilo, Cipriano foi, desde cedo, transviado no jornalismo que não permite nenhuma criação permanente. Há algumas páginas suas, sobretudo as dos últimos tempos, depois que êle se afastou da primeira linha da imprensa política que praticou tanto e tão brilhantemente em tôda a sua carreira. Ao lado dessas páginas que devem ser editadas em livro, para que se conserve um pouco de seu espírito, afeito à beleza da arte e da vida, conhecemos dêle, em esparsos, muitos momentos literários de valor e, principalmente, suas biografias, ensaios biográficos que recapitulam grandes vidas brasileiras, como a de Mariano Procópio e a de Francisco Bernardino da Silva, seu ilustre pai, honra da terra mineira e vulto inesquecível de nossa formação política. Cipriano Lage desaparece aos 64 anos de idade. Seu corpo foi sepultado em Juiz de Fora, sua cidade natal.

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

LUIS MARTINS, o poeta de «Cantigas da Rua Escura», acaba de ver publicado, pela Livraria Martins Editôra, o seu livro: «O Patriarca e o Bacharel», com prefácio de Gilberto Freyre. Êste sugestivo e inteligente estudo de Luís Martins representa mais uma conquista sociológica para a literatura brasileira.

ALIAS, a Livraria Martins Editôra promete para logo o aparecimento de «Fronteira de Vidro», romance de Lígia Junqueira. Promete igualmente «As Obras-Primas da Poesia Religiosa Brasileira», com prefácio, seleção e notas de Jamil Almansur Haddad.

UM AUTOR:

ASCENSO FERREIRA



ASCENSO Ferreira apareceu, vai já algum tempo, com uma brochura de versos, edição feita no Norte, com música e ilustrações e uns poemas extraordinários de fôrça, de novidade, de ritmo, de selvageria: «Catimbó». A coisa começava na estranheza do título — «Catimbó». Que seria isso? A palavra soava misteriosa e provocante. Atraía. E não era para menos, como depois ficava explicado pelo próprio autor: «Catimbó» é feitiço e feitiço de amor, mais particularmente.

O livro era todo êsse feitiço. Nos assuntos, nos versos, no vocabulário, na música. Poesia em bruto, dava idéia de que o poeta não era poeta, apenas transcrevia aquilo tudo, colhendo seus poemas na caatinga, como estranhos frutos silvestres amadurecidos na paisagem brava do Nordeste. Tinha-se a impressão de que «compadre» Ascenso andava pelos sertões e pelas ruas, grafando ritmos que experimentava na viola, pintando os quadros, as cenas e os tipos que encontrava. A virgindade do seu lirismo dominava de maneira definitiva. O homem era — continuou e continua sendo — uma fôrça da natureza. Nos seus versos, é a alma do povo que palpita e que canta, que assunta. Ascenso é dono de tôda a complicação psicológica do seu ambiente e os seus poemas exprimem aquilo com uma pujança, com um gigantismo que esmagam. O sertanejo de Euclides, os retirantes de José Américo, os flagelados de Portinari, os cantadores e violeiros de Catulo, a Luzia Homem, os jangadeiros de Juvenal Galeno e de Caymi, Padim Cícero, Lampião e seus cangaceiros, as mulatinhas do «Pás de Ouro», os dançadores de frevo que Augusto Rodrigues espalhou em traços ágeis pelo mundo, os demônios e os fantasmas de Lula, as iaras, as cobra-grandes, o bôto e o boi-bumbá — tudo vem confluir na poesia destorcida do «cabra» Ascenso que soca tudo isso num soca-pilão, no buraco da viola, faz uma chasada, bebe, bate no peito e começa a cantar, cantando uma poesia selvagem e lindíssima, poesia em bruto. Substancialmente telúrica, a poesia de Ascenso é, como no primitivo, comunicação com as fôrças cósmicas e com o mistério, sendo sempre um drama em versos, o «story poem» de um Edgard Poe brasileiro, cujas assombrações saem das genésicas selvas amazônicas, das águas do Rio-Mar, cheio de lendas e encantações, cujos duendes brotam do chão da caatinga. Sua poesia é uma fôrça elementar feita de música e de espantos.



O doutor Ariosto Pinto, Presidente da Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro, no momento em que discursava no ato da inauguração.

O elegante bairro de Copacabana dispõe agora de uma nova agência da Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro, cujas instalações, modernas, luxuosas e confortáveis, condizem perfeitamente com as exigências dos clientes daquele famoso bairro carioca. Localizada num dos pontos mais centrais e movimentados, à Av. Copacabana, 763, a Agência está aparelhada para operar nas diversas modalidades de depósitos, inclusive por meio de cheques e dispõe, ainda, de dependências especiais para penhôres, êstes abrangendo, apenas, jóias e de valor acima de mil cruzeiros. A cerimônia inaugural foi festiva e concorrida, estando presentes tôda a diretoria, funcionários e outras pessoas do mundo bancário e comercial; representante do Ministro da Fazenda; diretores do Conselho Superior das Caixas Econômicas e autoridades. Agradecendo a presença dessas pessoas, falou, inicialmente, o sr. Walter Fritsch, que foi indicado para gerente da nova agência. Em seguida, usaram da palavra os srs. Ariosto Pinto, presidente da Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro e o sr. Nogueira da Gama, em nome do sr. Osvaldo Aranha, Ministro da Fazenda.



O dr. Nogueira Gama, representante do Ministro da Fazenda, sr. Osvaldo Aranha, quando assinava a ata de inauguração.

A NOVA AGÊNCIA DA CAIXA ECONÔMICA DE COPACABANA





Êstes dois flagrantes foram colhidos quando os srs. Ariosto Pinto, presidente da Caixa Econômica (à esquerda), e dr. Bias Fortes, presidente do Conselho Superior das Caixas Econômicas (à direita), no momento em que assinavam a ata inaugural da Agência de Copacabana.

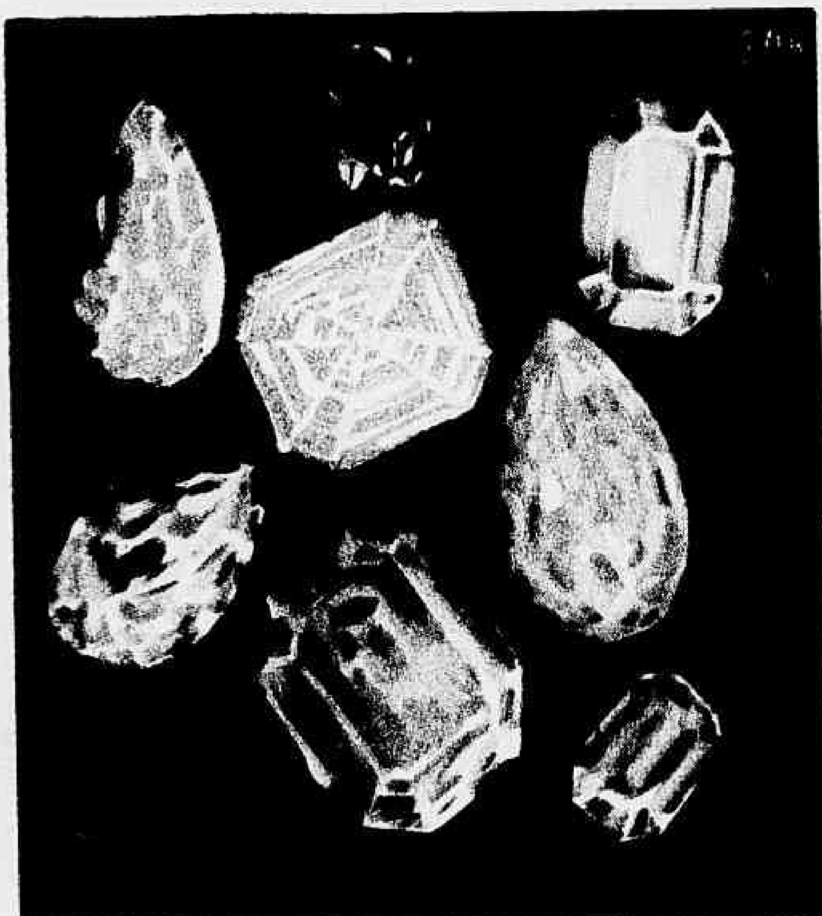
ÁLBUM — REVISTA DA SEMANA



A partir da edição da REVISTA DA SEMANA nº 27, de 4 de julho p.p., começou a segunda viagem turústica Rio-Salvador e Salvador-Rio, a encerrar-se com o cromo nº 312, até a última edição de dezembro próximo. Não se preocupem os colecionadores do ÁLBUM com a demora na publicação de algumas figurinhas que vão ficando atrasadas, enquanto outras surgem. Nosso desejo era o de seguirmos a ordem consecutiva; mas, nem sempre podemos obter gravuras ou fotografias que se prestem para os desenhos com a perfeição com que os estamos publicando, de maneira que nos vemos forçados a saltear os cromos. Mais uma vez avisamos que não há **figuras prêsas**. Tôda a coleção sairá, impreterìvelmente, até ao fim do mês do Natal dêste ano. Os que não colecionaram as figurinhas da primeira viagem podem fazê-lo nesta segunda, sem prejuízo para seus direitos aos prêmios do Natal.

Realização da BRAZILIA TURÍSTICA E COMERCIAL S. A. — Rua Visconde de Inhaúma nº 134 — Rio de Janeiro















Criança da zona soviética de Berlim, recebendo leite e batatas, oferta das autoridades norte-americanas da parte do ocidente



Um policial da zona ocidental observa o movimento na parte russa, da inquieta capital alemã.

BERLIM PERGUNTA:

DEPOIS DISSO, O QUE VIRÁ?

TANQUES SOVIÉTICOS RONCAM NO SETOR ORIENTAL, QUANDO A FOME E A TENSÃO SE CONFUNDEM ★ UMA REPORTAGEM VIVA DO QUE SE VEM PASSANDO NESTA BERLIM DE HOJE, QUE TANTO PARECE COM UMA VASTA RINHA DE GALOS DE BRIGA



Habitantes de Berlim ocidental, numa zona que ainda apresenta o estrago dos intensos e constantes bombardeios da RAF, em Kurfuerstendam.

É SEMPRE "AMANHÃ" N

EU conheci Otto Grotewohl, «Premier» da Alemanha Oriental, já havia alguns anos — escreveu Willi Firschauer — e, ao chegar a Berlim, escrevi-lhe: «Peço-lhe com esta que me conceda uma entrevista; mas, por minha vez, só a realizarei se o senhor me garantir permissão de fotografar coisas do setor do Leste . . .». E prosseguiu:

Prometo que não usarei de tais fotos como arma de propaganda, nem tão pouco tenho a intenção de fazer qualquer coisa que venha impedir a reaproximação entre o Leste e o Oeste. Feito o pedido, tratei de ir ao lado Oriental de Berlim e entregar a carta. Sempre ouvi dizer que «era muito perigoso atravessar a linha divisória do setor Leste». E levar uma câmara fotográfica é o mesmo que pedir que o prendam, acrescentavam. Não havia muito, Adlai Stevenson, candidato democrata em oposição a Eisenhower, para a presidência dos Estados Unidos, percorrera com amigos o setor oriental, mas fôra detido sob a mira das armas de soldados soviéticos, e, tanto êle como os seus companheiros de excursão, foram obrigados a entregar os filmes já rodados em suas máquinas fotográficas. Os esforços, para que Joseph McKeown tirasse fotografias na parte oriental de Berlim, foram inúteis. Julga-se ser uma temeridade viajar-se num carro da zona ocidental para a oriental; mas eu encontrei um motorista com todos os documentos necessários e com bastante coragem de transpor comigo a linha divisória. É conveniente esclarecer que, uns vinte ou mais veículos não voltaram de tais aventuras e foram confiscados pela «Polícia do Povo», que deteve os seus choferes para interrogatório. Ao chegarmos ao ponto de cruzamento das duas zonas, entrando na de ocupação soviética, foi o nosso automóvel revistado; mas, tivemos permissão de seguir para o Quartel General dos russos. Suas paredes e muros estavam cobertos de enormes retratos de Lenin, Stalin, Pieck, o presidente da Alemanha Oriental, mas não vimos nenhuma efígie de Malenkov. Expus minha vontade ao vir ali e entreguei a carta. Talvez que eu tivesse de voltar no dia seguinte, que era a data marcada para entrevistas aos jornais. «Ninguém ousa tomar uma decisão» — disseram-me os meus amigos da zona ocidental. «Nem mesmo Otto Grotewohl». Seguiram-se semanas



Eis aqui o armazém KA-DE-WE, instalado na Berlim ocidental e onde as senhoras mães de família podem abastecer-se de gêneros indispensáveis a uma boa copa: presunto, produtos enlatados, salsichas, lingüiças, carnes salgadas diversas, ovos e gulodices a preços bem baixos.

Ape
tes



NA BERLIM ORIENTAL

Às margens do lago Wannsee, milhares de berlinenses, da zona sob a guarda ocidental, se refrescam e esquecem as agruras da política.



Apesar da constante tensão Leste-Oeste na capital alemã, os habitantes da parte ocidental se divertem dançando felizes em «Night-Clubs».



Aspecto de uma loja de fazendas e artigos correlatos, na parte ocidental da capital da Alemanha, e os clientes examinando os preços.





Vovòzinhas de Treptow (zona de ocupação russa) chegam ao local de distribuição de pacotes com alimentos oferecidos pelos americanos.



Willi Kressman, prefeito da parte oeste de Berlim, a quem as famílias da zona russa devem a distribuição de víveres.

A FOME, EIS O NOVO DESAFIO À ADMINISTRAÇÃO RUSSA

Texto de WILLI FRISCHAUER

e, pelo que parecia, o govêrno da República Democrática Alemã se mantinha numa situação indecisa, cada oficial a ver no outro um suspeito, todos com mêdo de que viesse uma ordem dos Soviets e os chutassem de seus postos para a prisão. Não desanimei com os primeiros insucessos e repeti a ida à Berlim do Leste, com os mesmos objetivos. Não me garantiam nada de positivo, mas me deram esperanças. Meu pedido estava em mãos do Primeiro Ministro Grotewohl e amanhã, talvez... Êsse «amanhã», porém, nunca chegava, embora eu continuasse a ir constantemente, cheio de esperanças, repetindo minhas extremamente desconfortáveis excursões ao setor do Leste. Oficiais encolhiam os ombros; secretários gaguejavam desculpas visivelmente embaraçados. Diàriamente era esta a resposta: «O senhor deve ter paciência». Finalmente veio a agitação das greves e das manifestações de rua na Berlim soviética. Apesar das medidas repressivas tomadas a 17 de junho, com os tanques russos de canhões voltados para os famintos, pequenas rebeliões continuaram. As mulheres do setor russo enchiam as ruas, e se mostravam resignadas com as promessas dos açougueiros. Nas filas de fornecimento de gêneros alimentícios, ouvi acesas discussões. Depois, a velha atmosfera de covardia, imposta pela miséria e desesperanças, começou a ser substituída por uns ares de resistência. Veio-me então ao espírito aquela sentença filosófica de Marx: «Os trabalhadores nada têm a perder, senão as suas cadeias». Marx disse isso como um grito de guerra contra os capitalistas. Oito anos depois do domínio comunista na Alemanha Oriental, o «slogan» proletário se voltava, por uma ironia do destino, contra o govêrno soviético de Otto Grotewohl. Que infeliz povo é êsse! Por onde eu andava, na Berlim Oriental, seguiam-me os olhares de todos, admirados de minhas roupas, em contraste com o péssimo trajar dos habitantes dali. Bastava isso para mostrar a minha procedência ocidental. Indiscutìvelmente foi a fome que levou o povo de Berlim Oriental àquela crise impressionante. Segundo opinião de um comunista, a revolta rebentou ali em face da diferença de vida entre os alemães do Leste e os do Oeste. Enquanto os berlinenses do setor aliado podem viver sem restrições, os do lado russo sofrem as maiores deficiências. O prefeito do setor ocidental, Ernst Reuter, em face das aperturas de alimentação dos seus vizinhos da zona russa, preparou cuidadoso programa para socorrer o povo oriental, em combinação com o govêrno da Alemanha Ocidental, e imediatas e enérgicas medidas foram tomadas por Willi Kressman, com o fim de serem fornecidas tôdas as espécies de alimentos aos habitantes da zona soviética. Com os recursos obtidos de subscrições e dos cofres da comuna ocidental, êsse tipógrafo socialista de quarenta e cinco anos, famoso em Londres pelos seus trabalhos de desobstrução da capital inglêsa ao tempo dos bombardeios alemães, improvisou um mercado em Oranien Square, nas bordas das fronteiras entre as duas cidades, no qual os berlinenses orientais pudessem adquirir, a baixo custo, os gêneros alimentícios que não podiam



Embora seja desvalorizado o marco soviético, na situação atual, os do oeste aceitam ao par, quando se trata da aquisição de alimentos.



Caiu uma batatinha da rêde da velhinha, e ela, com esfôrço, abaixou-se, pôs o saquinho ao chão, e juntou o tubérculo.

ABUNDÂNCIA NA BERLIM OCIDENTAL E CONFIANÇA NO POVO

Fotos de JOSEPH MCKEOWN

comprar no setor russo, especialmente leite integral, de há muito fora do mercado oriental, frutas, batatas, etc. A exemplo do que fêz Kressman, outras organizações comunais da Berlim Ocidental também fizeram, e os dirigentes de Neukoelln e Treptow organizaram dêsses fornecimentos em pacotes, o que causou uma onda de emoção entre os alemães da zona oriental. Kressman fêz uma visita de inspeção às barracas de seu mercado de emergência, e sua presença foi saudada como se ali estivesse um herói e benfeitor. Mulheres do povo erguiam seus filhos, ou os levavam a êle para que o triunfante político os acariciasse e os garotos ficassem conhecendo o homem que estava alimentando o povo faminto da zona russa. Murmuravam as mulheres, que aquêle homem estava, realmente, cuidando da pobreza, muito diferentemente do que faziam os dirigentes do lado soviético. Enquanto isso se dava, a imprensa da parte oriental sugeria em linguagem violenta o assassínio do «bandido Kressman». Contudo, apesar de tal campanha, milhares de pessoas da banda oriental, empunhando seus cartões de identidade de moradores da parte russa, afluíam a Oranien Square e recebiam leite em pó e batatas com a maior alegria estampada no rosto. Nada mais eloqüente para mostrar a situação da Alemanha Oriental, do que essa batalha do povo faminto da zona russa, para adquirir pacotes com gêneros alimentícios. Uma velhinha de setenta anos, coxeando e andando de muletas, viajou três horas, com o maior sacrifício, até chegar a uma barraca para adquirir seu pacote de alimentos. Por que? E ela respondeu: «Tenho fome». Grotewohl procurou desfazer a má impressão do povo contra seu regime, desenvolvendo campanhas de descrédito e de exaltação ao sistema oriental, até em documentários cinematográficos. Mas, tudo resultou ineficiente. É que, para o povo necessitado, não bastam palavras. Os alemães da zona oriental de Berlim tinham normas de trabalho contra os sentimentos humanos; as quotas de produção eram excessivas; os salários estavam sendo pagos com irregularidade; os suprimentos de gêneros alimentícios irregularmente feitos. Não há palavras bonitas, de um govêrno a um povo faminto, que substitua o de que mais precisam as populações desamparadas: trabalho honesto, salários suficientes e alimentação abundante. Quando a onda estrugiu nas ruas da cidade faminta, com milhares e milhares de trabalhadores de ambos os sexos, Grotewohl se viu impotente para reprimir a tempestade com a atuação de sua «Polícia do Povo», e chamou as fôrças soviéticas. As tropas russas acudiram, mas estavam numa situação embaraçosa, sem dever ou poder chacinar as massas trabalhadoras nas suas explosões de desespêro. **(Cont. na pág. 48)**



Grandes multidões constantemente renovadas afluíram aos limites entre o leste e o oeste de Berlim, com o intuito de obter gêneros alimentícios oferecidos pelo presidente Eisenhower.



QUE SUSTO!

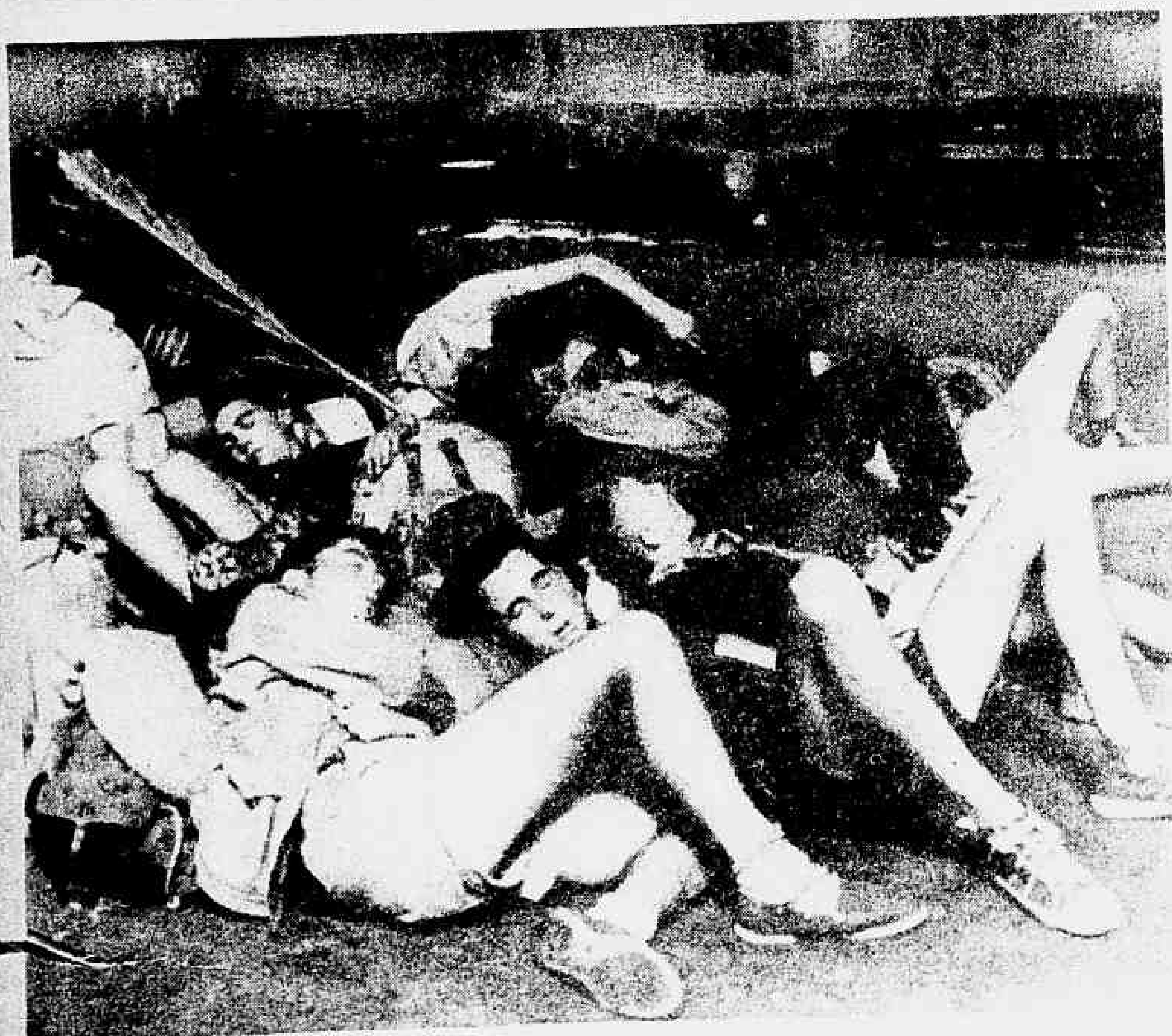
Miss Kim Griffin foi dar seus mergulhos e nadar na piscina de Kennington Park, Londres, em companhia de outros amigos e amigas, é claro. Fazia muito calor, e miss Griffin pediu uma limonada bem geladinha. Sentou-se calmamente e se dispôs a abrir a garrafa. Os que estavam ao seu lado também queriam saborear o líquido refrescante, mas... puin! a tampa partiu como uma bala expelida pelo acúmulo de gás, e a nossa simpática Griffin teve esta surprêsa.



BOA VIDA

A hora das comidas é para êste porquinho, chamado Charlieboy, um dos mais queridos momentos de sua existência de filho de porca. Mas, para dar mais poesia e encantamento ao ato, Susan e seu mano John Aldridge, fazem dêle um bebèzinho. As duas crianças já fizeram tudo para ver se o bacorinho aprende a servir-se à mesa, com todo o respeito; mas o animal é mesmo incapaz de domesticar-se e fazer as coisas como gente. Fica impaciente, grunhe e mete as patas incivilmente.

JANELA SÔBRE O MUNDO



A GREVE EM PARIS

Não, leitor; não são êstes rapazes que estão fazendo greve. Êles estão sofrendo com ela. Resolveram passar uns dias no campo. Dirigiram-se para a Gare du Nord, em Paris, a fim de tomar o trem que os levaria a uma região ameníssima no interior; mas, ao chegar à estação tiveram que decidir o destino: ou voltar aos lares e chorar as mágoas, ou ficar ali mesmo e aguardar a partida de algum comboio. Pelo que vemos escolheram uma terceira hipótese: «dormir sôbre os louros».



A CRIANÇA E OS JUMENTOS

Robertinho, um inglesinho de Bath, foi passar uns dias no campo, lá para Weston-super-Mare. Viu uns jumentos a comer algo em um balde e não teve dúvidas: afastou os dóceis animais e meteu a cabeça para ver o que tais bichos comiam. Robertinho tem apenas ano e meio de idade, mas já é senhor de muita vivacidade, e tudo o que vê quer saber como é mesmo. E os burricos estão com cara de quem pensa: «Mas que menino chato! Prejudicando a hora sagrada da nossa refeição!»





O Nº 160.000.000

Segundo informam do Commerce Department, em Washington, Estados Unidos, onde há um aparelho para calcular, automàticamente, a população daquele país, esta criança nas mãos da «nurce» Leila Levy, foi registrada a 14 de agôsto de 1953, como o americano nº 160.000.000 dos Estados Unidos. Nasceu no Hospital Judaico de Brooklyn, filha de Mrs. Hazel Mozley, espôsa de um biscateiro desempregado. O nome escolhido para a menina, será o mais significativo dêste mundo: **Millesixty...**

ESTA E' A MAIOR!

Renée Miller, artista de cabaré, não suportava também o enorme calor que atingiu Londres, em agôsto dêste ano. E foi banhar-se e nadar nas águas da «Oasis Swimming Pool», de Holborn. Seu «bikini», porém, causou sensação aos banhistas, e um fotógrafo aproveitou a pose da bela Miller para êste flagrante. Ao lado, um cidadão de responsabilidade, não suportou a plástica de Renée, e «caiu nágua» sem querer. Parece que a bela artista perturbou-lhe os sentidos e... tchbum!





SOCORRENDO OS GREGOS

Mrs. Bishop (à esquerda) e Mr. Moncur, ambas membros da W.V.S. da Inglaterra, conduzindo socorros em roupas destinados às vítimas do recente terremoto em várias ilhas gregas. Depois que os socorros chegam ao Quartel General dessa organização, em Regent Park, são colocados em aviões da RAF e imediatamente transportados para as ilhas devastadas pela comoção telúrica. A Inglaterra foi o primeiro país a providenciar ajuda e assistência às populações das ilhas gregas.

CURANDO O REUMATISMO

Todos os dias ela se senta na praia, protegendo a cabeça com um guarda-sol. Enterra as pernas na areia quente e ali fica durante longo tempo. Para quê? Para curar o seu reumatismo articular, pois, segundo lhe dissera o dr. Famagusta, de Cyprus, êsse processo tão simples e ao alcance de todos em qualquer praia, é ideal pára acabar as dores reumáticas. Se os nossos leitores não acreditarem, é muito fácil uma verificação: é só ir a qualquer praia nossa e fazer o mesmo...

AS GRANDES AMOROSAS DA HISTÓRIA

FRANCESCA DA RIMINI

Por MARIA CARETTI

Tradução de LÍGIA JUNQUEIRA

"UMA CRIATURINHA QUE NASCERA PARA A ALEGRIA E O AMOR, PORÉM, ENCONTROU NO AMOR A MORTE, E MORREU SEM TEMOR".

CAPÍTULO I

A lua empalidecia sob o manto de tonalidades cambiantes do céu, e as estrêlas ofereciam ao sol nascente o seu último e trêmulo palpitar.

Tudo era silêncio, um silêncio que, lentamente, se libertava do torpor da noite para entregar-se, vencido, ao despertar da manhã.

Ouve-se o primeiro canto do galo. Francesca, de um pulo, está fora da cama. Ràpidamente faz o sinal da cruz. Vestida com uma comprida camisola, que lhe envolvia o corpo delicado, com os longos cabelos livres dos grampos e fivelas, que lhe flutuavam macios e vaporosos até a cintura, com os olhos levemente entorpecidos, ainda pesados de sono, aproximou-se da janela, com os pés descalços. Respirou profundamente o ar ainda saturado do sabor noturno. Apoiou-se ao balcãozinho florido e olhou em tôrno de si, como tomada de inconsciente angústia, aquêles lugares tão caros e familiares. Tornou a entrar no quarto, deitou-se outra vez sôbre o leito, apertou o travesseiro nos braços delicados e bem modelados, e fechou de novo os olhos, mas não para dormir. Assim encontrou-a sua velha ama, quando entrou no quarto com as vasilhas de água, a toalha de mão, o pente, e a escova, para a primeira tualete do dia.

— Senhora, ouvi que abria a janela do balcão. Tão cedo assim? Está um pouco pálida e me parece triste. Também ontem à noite a senhora não disse uma palavra e não comeu nem uma garfada. Responda, diga alguma coisa! Tôdas as moças algum dia se casam. Desde que a prometeram em casamento parece que entrou-lhe algum mau espírito, que chupa-lhe o sangue. Está tão pálida! . . . A senhora não vai para um entêrro, mas para o seu casamento!

Francesca levantou a cabeça e sorriu para a ama que procurava, com o carinho da afeição, consolá-la. Com voz que denotava o pranto, perguntou:

— Diga-me, Ombretta, diga-me, já soube alguma coisa da família que será a minha? Sei apenas que são orgulhosos e guerreiros. Isso é muito pouco.

Obedeci-lhe, senhora, e informei-me, um pouco vendo e ouvindo, outro pouco perguntando. Sei que no castelo de Rimini não lhe faltarão distrações. Os Malatesta são soldados. São quatro irmãos e todos muito fortes.

— Conheci um dêles, lembra-te? O mais moço. Como era garboso e amável! Já se casou, porém. Queria saber alguma coisa dos outros . . . Preciso saber como é Giangiotto.

— Sei que êle será o seu espôso.

— Mas, como é êle? Perguntou como é êle?

— É um homem . . .

— Que respostas tolas; acabas me irritando!

— Disseram-me que não é nem bonito nem feio. A beleza, porém, não importa, é uma qualidade feminina. Para os homens, basta que sejam leais para com suas mulheres. Quando voltam de suas lutas devem saber compensá-las da forçada abstinência, com longas noites de amor . . . Não lhe parece que chega?

— Não acho, Ombretta. Não basta. Um cavalheiro bonito e amável que também tire do alaúde melodias que exprimam a delicadeza de seus sentimentos, e que diga em versos o seu amor, à jovem que escolheu, parece-me preferível àquele que só sabe manejar a espada e ter com a espôsa atitudes bruscas e arrogantes. Eu gostaria que êle fôsse como o irmão, Paulo Malatesta, que, dizem, maneja a balista com a mesma maestria com que toca o alaúde, e sabe dizer versos com a mesma perfeição com que comanda seus exércitos.

— Tudo isso são sonhos! Acredita, senhora, que seja fácil encontrar tantas qualidades num só homem? Acredita que os trovadores e menestréis quando se deitam com uma mulher tocam alaúde e falam-lhe em versos? Um marido que deseja ter filhos é muito melhor do que um amante de noite enluarada. Espera até experimentar, senhora, e depois me diga o que achou. Além disso, a verdade é que os soldados têm mais sorte no amor do que os menestréis.

— No entanto, tenho mêdo. Ainda não vi meu futuro marido e meu pai procura contornar tôdas as minhas perguntas. Nem mesmo me disse se é alto ou baixo, louro ou moreno.

— Não há de querer, senhora, que lhe dêem um marido exatamente de seu gôsto. Seria uma novidade, especialmente na sua família.

— Eu sei disso.

— Já que o sabe, prepare-se e case-se de bom-humor. Se não quer ter desilusões, mande apagar a luz do quarto pela criada antes de nêle entrar seu marido. Pode, assim, imaginá-lo como quiser . . . Todos os homens são iguais no escuro. Seu pai não era bonito como o caçula dos Malatesta, mas sua mãe o adorava.

★

Ombretta sabia muito mais do que dissera, ainda que não soubesse de tudo. Acreditava, porém, que era inútil amargurar sua patroa antes do tempo. Muito se havia falado dos Malatesta, senhores de Rimini, que cada dia conquistavam maior celebridade e estima com sua fama de valentia. Não se podia dizer, porém, qual dos quatro irmãos era o mais corajoso. Já que a coragem e o valor são, em geral, qualidades de homens fìsicamente bem dotados, Francesca imaginava o futuro marido um cavalheiro alto e esbelto, de gestos decididos, de falar um pouco rude, mas, no fundo, generoso e capaz de amá-la. Desde criança, habituada a freqüentar homens guerreiros, a acreditar no valor e na coragem, criara dentro de si um mito fantasista de beleza. Como tôdas as mulheres do castelo Polentano, de Ravenna, tinha o caráter indômito e altivo; não suportava limitações à sua vontade, nem qualquer espécie de coação. Aprendera com seu pai, Guido, o latim clássico e o latim vulgar, com os trovadores de Provença, hóspedes sempre bem recebidos no castelo, as canções suaves e sedutoras, e as histórias de ações heróicas, e de encantamento de amor. Fìsicamente fôra educada como um homem. Andava a cavalo sem sela, atirava flexas com a maestria de um arqueiro. Do alto das ameias da tôrre do castelo acertava em todos os pássaros que voassem ao alcance de suas flexas.

Não era lindíssima, mas tinha o rosto vivo e inteligente, longos cabelos castanhos, e os olhos brilhavam como faíscas no oval perfeito do rosto; a bôca parecia um coração entreaberto, deixando entrever dentes alvos; o queixo pequenino, firme, volitivo, dava-lhe um ar desembaraçado.

Alta e delgada, conhecia a fundo a arte de enfeitar-se e de agradar. Sentia-se feliz quando, entre os hóspedes do castelo, surpreendia um olhar de admiração. Uma de suas maiores atrações era o modo de andar. Era tão leve o seu passo que, uma vez, um cavalheiro olhando-a cheio de admiração lhe disse:

— A senhora poderia caminhar sôbre ovos sem quebrá-los, porém prefiro que caminhe sôbre meu coração, ainda que o despedasse.

Francesca rira, com sua bela risada que parecia o sino de prata de um companário, intimamente satisfeita com o elogio.

Dotada de caráter enérgico, soube dominar e vencer a exuberância de seu sangue, mas, metòdicamente, e disfarçadamente, conseguira, também, libertar-se da constrição que, na Idade Média, sob a aparência de um sistema de educação — extinguia na alma feminina a fé, as paixões, os desejos, os ímpetos. A alma de Francesca era uma chama que necessitava de espaço e de ar livre para viver, para envolver com seu calor pessoas e coisas. Não lhe faltara ocasião de fundir com os sonhos da juventude as primeiras ânsias de amor. Foi dos lábios de um pálido e louro cantor que ela colheu o primeiro beijo de amor. Aquêle beijo despertou-lhe o desejo de sentir muitos mais. Foi um capitão que, na vereda que conduzia ao mar, ajudou-a a descer do cavalo e apertou-a ao peito com tal ardor que ficou tôda dolorida. Mas, que dor suave! Foi um cavalheiro de Forli, vindo como embaixador ao castelo de seu pai, quem de dia fazia com que lhe enchessem os aposentos de flores e de noite cantava-lhe, sob o balcão, canções lânguidas de amor; e que, ao despedir-se, beijou-lhe as delicadas mãozinhas e depois o frágil pulso. Um estremecimento percorreu-lhe, então, todo o corpo.

★

Dessas primeiras escaramuças de amor, ficara-lhe no sangue um torpor dolente e um aflito desejo de sensações novas.

— Ombretta, esta noite não consegui dormir. Não está quente! mas minhas cobertas pareciam-me de chumbo.

— A culpa é minha. Ontem à noite esqueci de dar-lhe o chá quente.

— Acha mesmo que o chá me faz dormir?

— Naturalmente. Também para sua mãe, quando não tinha sono, o chá produzia ótimo efeito.

— Comigo é diferente, Ombretta. Minha mãe tinha perto de si o marido, e os filhos no quarto ao lado. Eu, porém, me sinto sòzinha, sòzinha. Fico triste por isso.

— Mas . . . tôdas as moças dormem sòzinhas e nenhuma se sente triste por essa causa.

— Não acredito, Ombretta. As outras também devem se sentir tristes. Talvez sejam menos sinceras do que eu e não o digam. E tu, já sentiste essa tristeza, essa solidão ? . . .

— Não me deixa em paz com suas perguntas? Digo-lhe, para consolá-la, que quando tiver um marido isso tudo passará sòzinho, como aconteceu quando me casei. Mas foi sòmente nas primeiras noites. Depois, foi pior que antes.

— Por quê?

— Porque meu marido roncava.

— Roncava porque não sabias fazê-lo ficar acordado. Mas, eu . . . compreendes, Ombretta?

— Compreendo-a demais e não desejaria compreendê-la . . .

— Por que, Ombretta?

— Faltou-lhe a mãe e eu não soube ser severa em sua educação. Com chá ou sem o chá, tudo é por minha culpa.

— Dá-me um beijo, Ombretta.

(CONT. NA PÁGINA 50)



PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES

1 **Com quantos anos Verdi compôs «Falstaff»:**

— Vinte e um?
— Oitenta?
— Quarenta e sete?

2 **Entre que países da Europa fica o estreito de Cattegat:**

— Suécia e Dinamarca?
— Finlândia e Rússia?
— Itália e Iugoslávia?

3 **Quanto custaram aos Estados Unidos, o Novo México e a Califórnia:**

— 15 milhões de dólares?
— 86?
— Mais de cem milhões?

4 **Quando é meio-dia no Rio, que horas são no México:**

— Duas da tarde?
— Dez da noite?
— Oito e 23 da manhã?

5 **Quantas pessoas morreram em conseqüência da segunda guerra mundial:**

— Cem milhões?
— Setenta e oito milhões?
— Vinte milhões e quinhentas mil?

6 **Por quanto foi vendido o casco do encouraçado «Minas Gerais»:**

— Cr$ 23.800.000,00?
— Cr$ 100.000.000,00?
— Cr$ 85.500.000,00?

7 **Que quer dizer «balipodo»:**

— Futebol?
— Bola ao cesto?
— Tiro ao alvo?

8 **Qual o ponto extremo da costa do Brasil ao norte:**

— A ilha de Marajó?
— O cabo Orange?
— O cabo Branco?

9 **Que nome tem o instrumento usado nas embarcações para fixá-las nos portos:**

— Ancora?
— Leme?
— Traquete?

10 **Que vem a ser «balalaica»:**

— O mesmo que timbales?
— Espécie de guitarra da Rússia?
— Sinônimo de sanfona?

11 **Camurim é:**

— Um peixe?
— Armadilha para pegar onça?
— Espécie de rêde?

12 **Depilar é:**

— Derrubar casas?
— Queimar roças?
— Arrancar cabelos?

13 **Empáfia é:**

— Ciúme?
— Inteligência?
— Arrogância?

14 **Uma pessoa com frenesi, está:**

— Excitada?
— Dormindo?
— Tranqüila?

15 **O occipital fica:**

— Na parte posterior do crânio?
— No pé?
— No externo?

Resposta 0: estado primitivo — Homem-macaco.
De 1 a 3: cultura inferior — Selvagem.
De 4 a 6: cultura média — Estudante ginasial.
De 7 a 11: cultura superior — Universitário.
De 12 a 14: um sábio.
Tôdas as 15: um gênio em pessoa.

(RESPOSTAS NA PAG. 50)



Esta aqui é uma «Hyla Coerulea», ou «rã branca das árvores», procedente da Austrália. Mrs. White a advertiu: «Olhe aí, menina! Cuidado com a água fervendo!» Parece que ela entendeu.

ÊLE, A MULHER E AS RÃS

AS RÃS SÃO EXCELENTE MANJAR ★ MAS ÊSTE CASAL GOSTA DELAS PARA DIVERTIR ★ UMA CASA SEM CRIANÇA DÁ NISSO ★ UM CÃOZINHO QUE SENTE CIÚMES ★ PASSATEMPO CURIOSO.

Fotos KEYSTONE

CADA pessoa tem lá sua mania. Há indivíduos que colecionam selos de correio, garrafas vazias, programas de cinema, objetos de barro, caixas de fósforos vazias, tampinhas de garrafa e tantas outras coisas que a civilização criou e não sabe como acabar. A questão é principiar um «hobby» dêsses, como se diz em inglês, para tornar mais elegante a mania. Entretanto, ainda não sabíamos que havia um cidadão em Hornsey, Norte de Londres, na Inglaterra, que se dedica a êste curioso «hobby»: colecionar rãs. Mr. White tem a mania desde menino. Sempre foi um admirador de rãs. Sua coleção é hoje a mais completa, pois que contém batráquios de quase todos os pontos da Terra. Quase todos os dias é êle chamado a comparecer ao aeroporto da capital britânica, a fim de receber novos pupilos, isto é, novos espécimes de rãs, que



Belo e raro exemplar de «Hyla Aurea», ou então, «rã dourada das árvores», também procedente do nordeste da Austrália, para êle.



O totó parece que não vai com essa rã. Êle sabe que ela pretende pular no prato de biscoitos, e, com razão, está a ponto de dar o teco.

lhe chegam em caixas e latas. Essas rãs lhe são enviadas mediante permuta, com outras que êle expede a fãs raníferos por êsse mundo de meu Deus, num intercâmbio dos mais interessantes. Mr. White é funcionário de uma firma de rádios e radar. Mas, à noite, nos domingos e feriados, êle fica inteiramente dedicado às suas rãs, fazendo estudos sôbre os hábitos e a inteligência dos bichinhos. São as rãs colocadas em tanques e pias dotadas de todo confôrto ranal. Vermes e insetos lhes servem de alimentos. Muitas delas saem dos seus aposentos e ficam a pular pela casa de Mr. White, não sendo de estranhar que algumas pulem aos ombros de visitas que nada têm a ver com tais adidos da casa do ilustre amigo. Sua espôsa também é apaixonada pelas rãs, o que muito contribui para a maior harmonia do lar. Imagine-se se assim não fôsse... Naturalmente que há alguém que não se mostra muito contente com os batráquios. E' o cãozinho; mas, no fim, o ciúme, canino se converte em tolerância e tudo fica azul.



A criação doméstica de rãs de Mr. Norman White já conta com duas mil, de diferentes procedências e raças. Como êles gostam muito de banhos à noite, o «papai» lhes faz os gostos, como se vê.

A SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE 5 E 11 DE SETEMBRO DE 1953

(Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

CARNEIRO (21/9 — 20/10) — As favorabilidades continuarão, no seu caso, possibilitando-lhe a realização de antigos propósitos. Os astros influirão benèficamente sôbre suas atividades na vida profissional e na vida doméstica.

TOURO (21/10 — 20/11) — Não fuja da linha que lhe foi traçada na semana anterior, pois os aspectos estão imperantes, vão se repetir no próximo período. Fuja das inovações, das reformas, de tudo o que fôr estranho às atividades normais.

GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Os astros terão uma atuação benigna, no seu caso, na semana entrante. A não ser o perigo de acidente a que estará sujeito no dia 10, tudo o mais correrá favoràvelmente.

CANCER (23/12 — 20/1) — Não se exceda nem na alimentação nem em libações. Sua saúde está ameaçada, dadas as más configurações dos astros na sexta casa do seu horóscopo. Do mesmo modo, não inicie viagem nos dias 6 e 8.

LEÃO (21/1 — 20/2) — Sua linha de conduta deve ser algo diversa da que foi observada na semana anterior. Os astros lhe favorecerão as iniciativas e até mesmo a publicidade. Projete-se, proclame-se, faça insinuações e será bem sucedido.

VIRGEM (21/2 — 22/3) — Os negócios sofrerão uma espécie de parada no próximo período. As conseqüências de qualquer ação forçada, serão as mais desfavoráveis para suas finanças e para sua economia. Fique no terreno, como se diz, quando não é conveniente avançar.

LIBRA (23/3 — 20/4) — Sua chance continua em ascenção. Estamos marchando para a fase dominante do seu signo de nascimento. Sua posição nos próximos sete dias, será de perfeito equilíbrio.

ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — Suas favorabilidades continuarão. Todos os empreendimentos estarão bem astralizados, assim como as providências que tomar, visando o fortalecimento de sua economia. Tenha cuidado, apenas, com os fatos morais, mantendo uma linha de conduta irrepreensível.

SAGITÁRIO (21/5 — 23/6) — A situação estará bem atenuada, no seu caso, podendo, até mesmo, forçar um pouco as solicitações que desejar fazer, antecipando-as ou aumentando os objetivos.

CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — A ambiência vai melhorar extraordinàriamente. Os negócios serão mais fáceis e mais lucrativos. No setor sentimental haverá uma perfeita correspondência de sentimentos e de afeição. Não haverá perigo de perjuro ou de traições.

AQUÁRIO (23/7 — 21/8) — A semana não se prestará para a assinatura de contratos, para a emissão de títulos e documentos que importem em obrigações financeiras futuras. Dificilmente poderá saldá-las na data precisa.

PEIXES (22/8 — 20/9) — A semana poderá proporcionar-lhe surprêsas as mais agradáveis, inclusive a visita de pessoa capaz de lhe resolver os problemas que o preocupem no momento.

OS NOMES DA SEMANA

Setembro	5 — Jaime	—	Sílvia
"	6 — Eudes	—	Maria
"	7 — Ladislau	—	Margarida
"	8 — Natalino	—	Regina
"	9 — Graciano	—	Íris
"	10 — Eulógio	—	Vicência
"	11 — Aurélio	—	Auta

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Setembro	5 — 12º 37' 04"	(Signo da)
"	6 — 13º 35' 18"	(Virgem)
"	7 — 14º 33' 33"	(")
"	8 — 15º 31' 51"	(")
"	9 — 16º 30' 09"	(")
"	10 — 17º 28' 30"	(")
"	11 — 18º 26' 52"	(")



MILÃO DITA A MODA

Last Fashion — de Milão — *Três encantadores modelos: vestido em algodão laranja, com listas negras; vestido em linho creme e verde; e blusa estampada em verde e diversas tonalidades de amarelo.*

A Itália vem se colocando, ano a ano, cada vez mais na vanguarda, no terreno da moda. As criações de seus costureiros estão se tornando famosas e, hoje, um Veneziani, um Schubert, um Vanna, ou Modella, podem aparecer de cabeça levantada ao lado de Dior, Fath e outros "bigs" da alta costura francesa. Chegou-nos, agora, notícias muito frescas dos últimos desfiles realizados em Milão. Desfiles de meia estação, que para êles chega o outono, quando para nos vem a primavera. Os modelos são alegres, graciosos, juvenis, com detalhes românticos (uma aplicação florida, borlas, bordados) bem ao gôsto latino. As côres alegres das atuais coleções milanesas, parecem vibrar em contraposição ao céu enublado, sob o qual as árvores, pouco a pouco, começam a se desfolhar, nas tardes de vento frio.

Vemos que lá a moda continua a ditar as saias largas, de comprimento um pouco abaixo da barriga da perna. Conseguirá Dior impor seu ponto de vista favorável à saia curta, às elegantes milanesas? Esperemos pelos próximos desfiles... — FLAMA.



Last Fashion — *Vestido em sêda pura, estampada, em cinza aço e branco. Saia pregueada.*

Veneziani *(Milão) — Saia em linho negro com bordado em ráfia, verde claro. Blusa verde, em malha de algodão.*





Last Fashion *(Milão) — Vestido em sêda, lisa e estampada, em vermelho sôbre fundo branco.*



Modella *(Milão) — Saia em linho verde oliva. Aplicação de rêde negra e margaridas brancas. Blusa de malha.*

NUM BAILE DO "OUTRO SÉCULO"...

AS vêzes deparamos com páginas deliciosas, quando folheamos velhos livros e velhas revistas. Um dia, caiu-me às mãos o «Novo Almanaque Luso-Brasileiro», de 1889. Achei tão pitoresca a descrição que aí encontrei de um baile, que transcrevo-a para as leitoras desta secção. O relato foi contado, em carta, por d. Adelaide Maria das Neves, à sua amiga, d. Aurélia Teles.

Ei-lo:

«Não imaginas, minha querida amiga, a satisfação que tive quando me foi entregue um bilhete no qual me convidavam para uma «soirée», dada nesta cidade, em benefício das famílias dos infelizes que pereceram no terrível incêndio do teatro do Pôrto.

Dei um pulo de contentamento e, confesso-te, se não fôsse com mêdo de ser repreendida por meu marido, com certeza dançaria um solo naquele momento.

Não obstante a alegria que experimentei, não deixei de pensar em ti, e com pesar, por saber que te tinhas retirado para a tua aprazível vivendo em S. Domingos, aonde, a estas horas, estarás gozando os suaves perfumes das variadas flores do teu jardim.

No entanto, preparei-me da maneira como pude, não com o fim de realçar entre as belezas parisienses, mas sim para me apresentar com a necessária decência, e de não ser excluída de dançar uma vertiginosa «valsa a dois tempos», de que muito gosto, por ser a dança que mais se coaduna com meu gênio, pela voluptuosidade.

A sala estava ricamente adornada, por todos os lados seviam flores de várias qualidades, as quais espargiam, em todo o recinto, um aroma para mim um pouco desagradável e incomodativo, e até vi, em um lindo vaso do Japão, os lados se viam flores de várias qualidades, as camélias. As damas e cavalheiros traziam elegantes tualetes e, de todos, os que mais me prenderam a atenção foram a menina A... e o senhor S..., dois entes dignos um do outro que, de braços dados, passeavam dum extremo a outro do vasto salão. Falavam devagar, de forma a não se poder perceber o que diziam.

Assentei-me próxima duma janela, após uma «valsa a dois tempos», regida pelo insigne rabequista Ramos.

O interessante par, também fatigado pelos efeitos da mesma valsa, refugiou-se no vão da mesma janela, aonde eu estava, e, então, pude ouvir, sem querer, o seguinte diálogo, trocado entre êles:

— Sente-se muito fatigada, minha senhora? — perguntou êle, um pouco perturbado.

— «Nhor, não» — respondeu ela, suspirando.

— Mas... V. Excelência parece estar um pouco indisposta. Se não fôsse por me julgar importuno pedir-lhe-ia um favor.

— «Que que é»?

— De me dizer o que sente.

— «Num é nada. Só coração qui tá fatigado».

— Quer que lhe dê um remédio magnífico para essa fadiga, que diz ter no coração?

— «Paque? Nhor num é dotô!»

— Bem sei que não sou médico, mas talvez possa curar o mal de que está sofrendo.

— «Num é capaz...

— Porque não sou capaz?

— «Pa mode nada» — disse ela sorrindo.

— V. Excelência é muito caprichosa. Sei que sofre, e sem razão, por que sabe que a amo.

— «A mim?»

— Sim, a si mesma, minha senhora.

— «Mim também gosta de nhor.»

— Oh, sou feliz. Dancemos, minha senhora.

Neste momento rompe a orquestra com uma polca, e os dois jovens namorados desaparecem no meio da multidão...»

....

Curiosa época, essa, de 1889, em que as declarações se faziam com «V. Excelência», para cá, e «minha senhora», para lá, e em que as jovens senhoritas nem sabiam falar direito o português!... Como os bailes são diferentes, hoje em dia! — L.J.

SUGESTÕES PARA O LAR



JANELA PROBLEMA — Como colocar uma cortina em certas janelas que são verdadeiros «problemas» decorativos? Essa é uma das questões que atormentam as donas de casa, pois os apartamentos modernos, construídos vizando os maiores lucros comerciais por metro quadrado, nem sempre possuem as janelas colocadas da forma mais estética. No entanto, a solução, na maioria das vêzes, poderá ser encontrada com um pouco de paciência. Vejam o exemplo da fotografia. A janela do quarto não sòmente está fora do centro (lado direito), como, também, possui em baixo uma prateleira para livros.

● Para começar, procure tratar tôda a parede como se fôsse uma: única unidade. Coloque um reposteiro que a cubra inteiramente, em tecido estampado, em côres que se harmonizem com a decoração do aposento. Na verdade, são dois reposteiros, um mais comprido e outro mais curto, êste terminando sôbre a estante de livros. A parte mais curta: é a que se abre, deixando aparecer a janela. A outra é fixa. Deixando de lado as cortinas, observe, também, a solução para se ter espaço para duas camas de solteiro e duas cômodas, num aposento de dimensões exíguas. Sugestão dos decoradores de Greef. — Nike.



TRUQUES PARA OS OLHOS

VOCÊ gosta de aparentar olhos grandes e brilhantes. Naturalmente, pois, assim, terá a fisionomia mais irradiante e jovem. Olhos cansados devem ser tratados. Se os seus estão irritados, devido ao esfôrço diário, da excessiva claridade, ou da poeira, lave-os com uma solução de água destilada e bórax (uma colher das de chá para uma xícara dágua). Já que estamos falando de olhos, eis um truque para torná-los maiores, que talvez você ainda não conheça: A atriz da Warner, Ann Miller, costuma usá-lo muitas vêzes. Compre uma caixinha de «make-up» branco, em creme. Com um pincel fino, faça uma linhazinha branca, cuidadosamente, marcando a borda das pálpebras inferiores que fica junto aos olhos. O branco do «make-up» se confundirá com o branco dos olhos e êles parecerão maiores.

★ A melhor *maneira de* escovar os cabelos *é inclinar a cabeça para a frente e passar a escôva da nuca para o alto da cabeça, ou seja, da raiz dos cabelos para as pontas. Depois, então, torne a escová-los, no sentido normal dos cabelos.*

★ Evite fazer muitos gestos *enquanto estiver conversando com alguém. Gestos em excesso não são nada elegantes, e dão a impressão de que você não sabe se fazer entender direito por palavras apenas.*

★ Se quer *usar* sombra para os olhos, *escolha tonalidades naturais e não as novidades exóticas, que ficam melhor para as atrizes, e, assim mesmo, quando estão no palco. Use-as castanho, cinza ou azul. Passe apenas nas pálpebras superiores, espalhando cuidadosamente.*

BRAÇOS

É um êrro pensar que os braços naturalmente finos podem ser engrossados com muita ginástica. Se os ossos são muito finos, só conseguirá, assim, aumentar os músculos, que se tornarão salientes, acentuando as angulosidades. Se seus braços estão nesse caso, faça exercícios moderados, suaves, preferìvelmente ao som da música, para que êles conservem uma forma delicada. Passe sôbre os mesmos lanolina ou creme de beleza, amaciando-lhes a pele. Já os braços gordos, que têm tendência a ficarem flácidos, precisam de alguma ginástica mais violenta, assim como duchas diárias de água fria. Existem, também, cremes que adelgaçam, e que são indicados para os braços muito gordos.

UM POUCO DE BELEZA

LÁBIOS RACHADOS

A beleza dos lábios é indispensável à beleza do rosto. No entanto... muitas mulheres gastam um dinheirão com a compra de cremes e loções para a pele e não se dão ao trabalho de perder, nem um minuto diário, cultivando a beleza dos lábios. Já falamos aqui sôbre os exercícios que poderão tornar os seus lábios mais sedutores, fazendo-os mais espessos. Hoje vamos tratar de outro problema: lábios rachados.

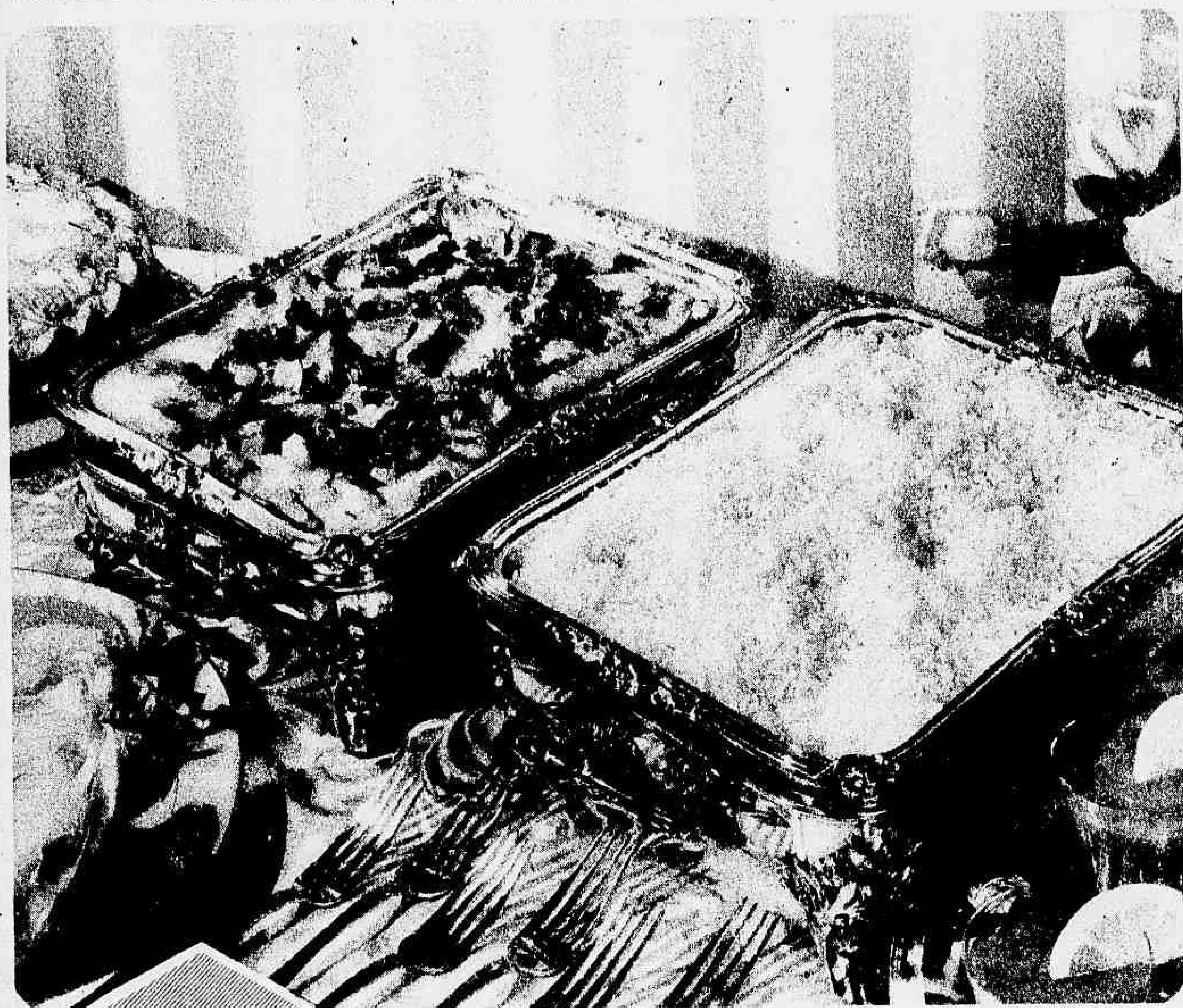
● Os lábios rachados envelhecem a fisionomia, e tiram muito de sua atração. Qual o homem que pensaria em beijar uns lábios cheios de gretas e encarquilhados? E você, naturalmente, embeleza-se mais para agradar a «um homem» do que por qualquer outra coisa... Os lábios racham quando são expostos a um frio intenso, ao sol muito forte, ou ao vento salgado das praias. A melhor proteção é passar alguma substância gordurosa, e os batons são o que se recomenda. Não deixe de usar baton porque vai fazer uma excursão na Pedra do Sino, em Teresópolis, ou na praia de Itacoatiára, em Niterói. Ao contrário, além de embelezá-la, contribuem para manter os seus lábios lisos, sem rachas.

● Um produto que torna os lábios macios e corrige as rachas eventuais é a lanolina. Passe um pouco antes de deitar à noite, depois de ter tirado o baton, e use também durante o dia, por debaixo dêste. Você voltará de seus passeios com os lábios mais viçosos, sem as feias rachas provocadas pelo sol ou pelo frio. — Júlia de Milo.



— Nada é melhor para a proteção dos lábios contra os rigores de um vento frio ou de um sol forte, do que uma camada de baton, diz convincentemente, a bela «estrêla» Anne Crawford, da Paramount.

WEEK-END NA COZINHA



Carne à Stroganoff — *é um prato conhecido há muitos anos, e muito apreciado. Sirva-a com uma boa travessa de arroz. Se quiser completar o cardápio com uma sobremesa "especial" aqui está, também, a* "Torta Supreme" de Côco"

TIA DULCE

CARNE "À STROGANOFF"

INGREDIENTES

- 1/3 de xícara de manteiga
- 1/2 xícara de cebolas picadas
- 250 gramas de palmitos picados
- 600 gramas de carne, cortada em cubinhos de 4 a 6 centímetros
- 2 colheres, das de sopa, de farinha de trigo
- 1 xícara de caldo, para sopa
- 2 colheres, das de sopa, de pasta de tomate
- 1 colherinha de môlho inglês
- 1/4 de xícara de creme de leite
- 1/2 xícara de nata de leite (grossa)
- 1/2 colher, das de chá, de sal

MANEIRA DE FAZER

1. Derreta, numa frigideira, 2 colheres, das de sopa, de manteiga. Junte as cebolas, e refogue-as, até ficarem tostadas. Depois, tire-as da frigideira e reserve.
2. Derreta mais 2 colheres, das de sopa, de manteiga, na frigideira. Junte os palmitos e refogue-os, até ficarem ligeiramente dourados, depois, retire-os e deixe de reserva.
3. Derreta o restante da manteiga na frigideira. Passe a carne em farinha de trigo e depois passe-a na manteiga, até ficar bem tostada.
4. Ponha numa panela maior a carne tostada (junto com o caldo que por acaso houver na frigideira), junte o caldo para sopa, 1/2 colher, das de chá, de sal, e as cebolas. Cubra a panela e deixe cozinhar em fogo brando, até que a carne fique bem tenra (perto de 1 hora e 1/2).
5. Acrescente, então, a pasta de tomates, o môlho inglês, o creme e a nata de leite, e os palmitos. Esquente ràpidamente.

TORTA "SUPREME" DE CÔCO

INGREDIENTES

- 3 colheres, das de sopa, de açúcar
- 6 colheres, das de sopa, de farinha de trigo
- 1 pitada de sal
- 2 xícaras de leite
- 2 gemas de ôvo, ligeiramente batidas
- 1 1/2 xícaras de côco ralado
- 1 1/2 colheres, das de sopa, de essência de baunilha
- 1 colher, das de sopa, de manteiga
- 2 claras
- 4 colheres, das de sopa, de açúcar
- 1 crosta de torta, já assada (prepare-a seguindo sua receita preferida)

MANEIRA DE FAZER

1. Misture o açúcar, a farinha e o sal; ponha o leite, e esquente em banho-maria. Junte as gemas e, sempre no fogo, misture devagar.
2. Quando a mistura estiver bem unida, junte 1 xícara de côco ralado. Deixe ferver por uns 5 minutos, ou até que engrosse, sem parar de mexer.
3. Cubra e deixe cozinhar mais uns 10 minutos. Tire do fogo e junte a manteiga e a essência de baunilha.
4. Bata as claras em ponto de neve. Acrescente 4 colheres, das de sopa, de açúcar, gradualmente, e bata em ponto de suspiro. Junte à mistura quente. Deixe esfriar. Derrame dentro da crosta de torta (que também deve já estar fria), e espalhe por cima o côco ralado restante.

CONSELHOS ÚTEIS

☆ O bôlo *de aniversário das crianças deve ser sempre feito em casa. Precisa ser leve, com uma massa boa, preparada com ingredientes de ótima qualidade, para que não faça mal à garotada.*

* * *

☆ A pia de *mármore de sua cozinha está encardida? Forre-a com duas ou três camadas de fôlhas de papel. Derrame por cima água sanitária, e deixe 15 minutos. Depois, lave com sabão. Ficará alvinha!*

* * *

☆ Um bom *sistema para conservar frescos os ovos, mesmo se não tiver geladeira, é pô-los 5 segundos em água fervendo, antes de guardá-los. A albumina das claras, com o calor, forma uma capinha que protege os ovos.*

* * *

☆ Quer um *recheio delicioso para sanduiches? Esmigalhe sardinha em lata, com azeitonas e nozes moídas, junte um pouco de môlho para salada como tempêro, e passe essa pasta no pão, torrada ou biscoito de sal.*

Águas da Prata

(ESTADO DE SÃO PAULO)

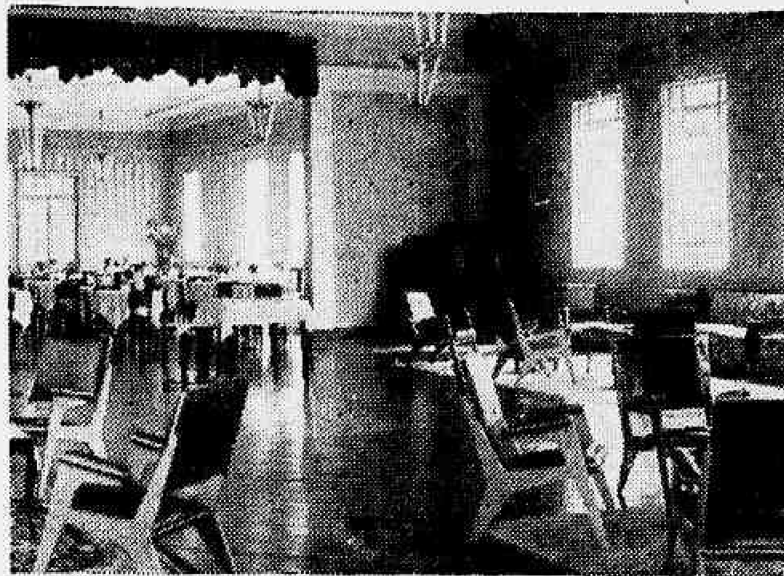
«A VICHY BRASILEIRA»

Entre as riquíssimas fontes hidrominerais de que é fértil o Brasil, as ÁGUAS DA PRATA, são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nível do mar de clima ameno em tôdas as estações do ano, ÁGUAS DA PRATA, oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de «Piscina do Boi», «Cascatinha dos Amôres», «Fonte Antiga», «Fazenda das Carpas», «Fazenda Retiro», «Fonte do Paiol», «Fonte Vilela», «Pedra Balão» e muitas outras de riqueza paisagística sem igual.

À natureza juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aqüista.

Fonte Vilela — Poderosa água radioativa com 89 matchs de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.



O confortável salão de estar, comunicando-se com a sala de jantar.

GRANDE HOTEL PRATA

O mais bem montado da Estância, com 55 apartamentos e 55 quartos confortàvelmente mobiliados e telefone em todos os aposentos, está situado a dois passos das principais fontes de água mineral e responde a todos os requisitos modernos.

Para divertimento e comodidade de seus hóspedes dispõe de Salão para crianças, para chá e jogos; ótimo salão de Estar e para Festas; Cinema modernamente instalado; Bilhar e Snooker; Barbearia e Manicure.



Um aspecto da majestosa varanda do Hotel, recanto ideal para repouso.

COZINHA DE 1º ORDEM e REGIMENS DIETÉTICOS

RESERVA DE APOSENTOS:

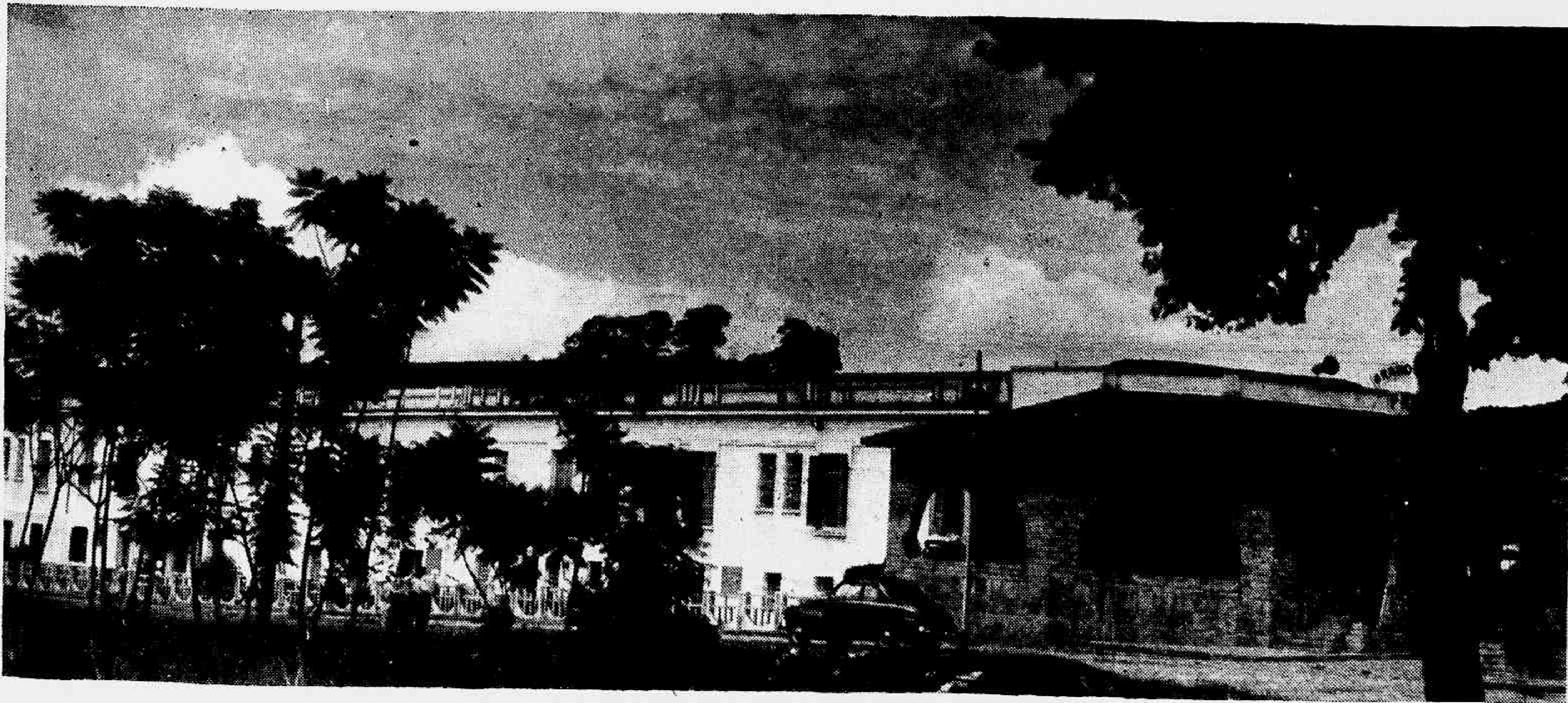
Pelas Emprêsas de Turismo ou diretamente para o GRANDE HOTEL PRATA, Águas da Prata, Estado de São Paulo por carta, telegrama ou pelo telefone nº 20.

Até 30 de dezembro 20% de desconto nos preços da tabela.

ÁGUAS DA PRATA é servida pela magnífica Emprêsa de ônibus VIAÇÃO COMETA S. A., que circula por centenas de cidades do país e que mantém 10 ônibus diários para São Paulo.



A grande e alegre sala de jantar, belamente arejada e ilumineda.



Vista geral do Grande Hotel Prata.



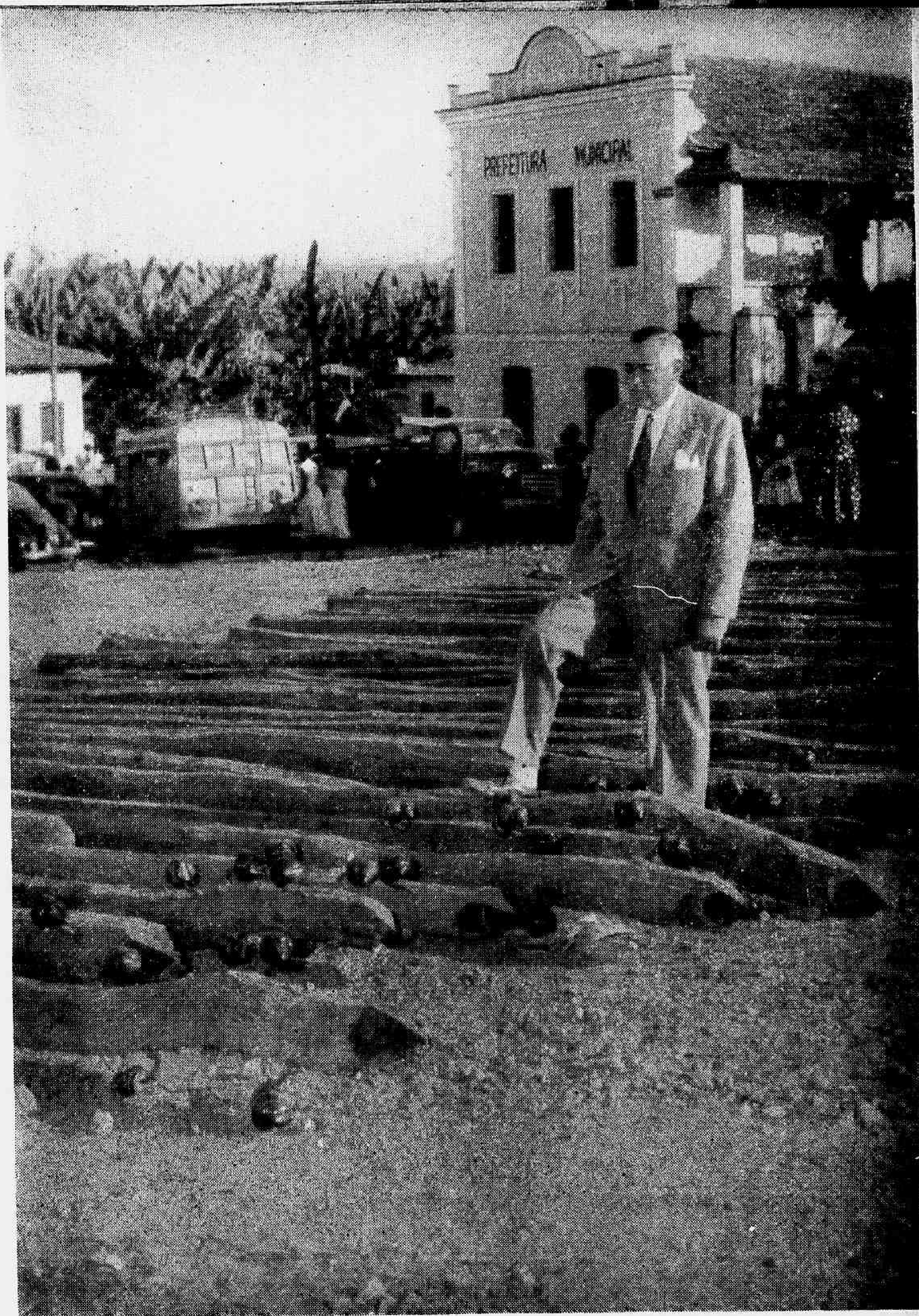
Pagou sua promessa a N. S. da Saúde de Lagoa Santa, acompanhando a procissão com uma coroa de velas acesas na cabeça.

NO JUBILEU DE LAGOA SANTA

A TERRA MAIS VELHA DO MUNDO ★ MILAGRES DE N.S. DA SAÚDE E... DA PREFEITURA ★ QUANDO ABACAXI NÃO SIGNIFICA "AZAR" ★ PREPARANDO A CIDADE PARA RECEBER TURISTAS ★ A INGLÊSA INDIGNADA E A RESPOSTA-PERGUNTA DO PREFEITO.

Texto de JOEL MOREIRA
Fotos de ARNALDO VIEIRA

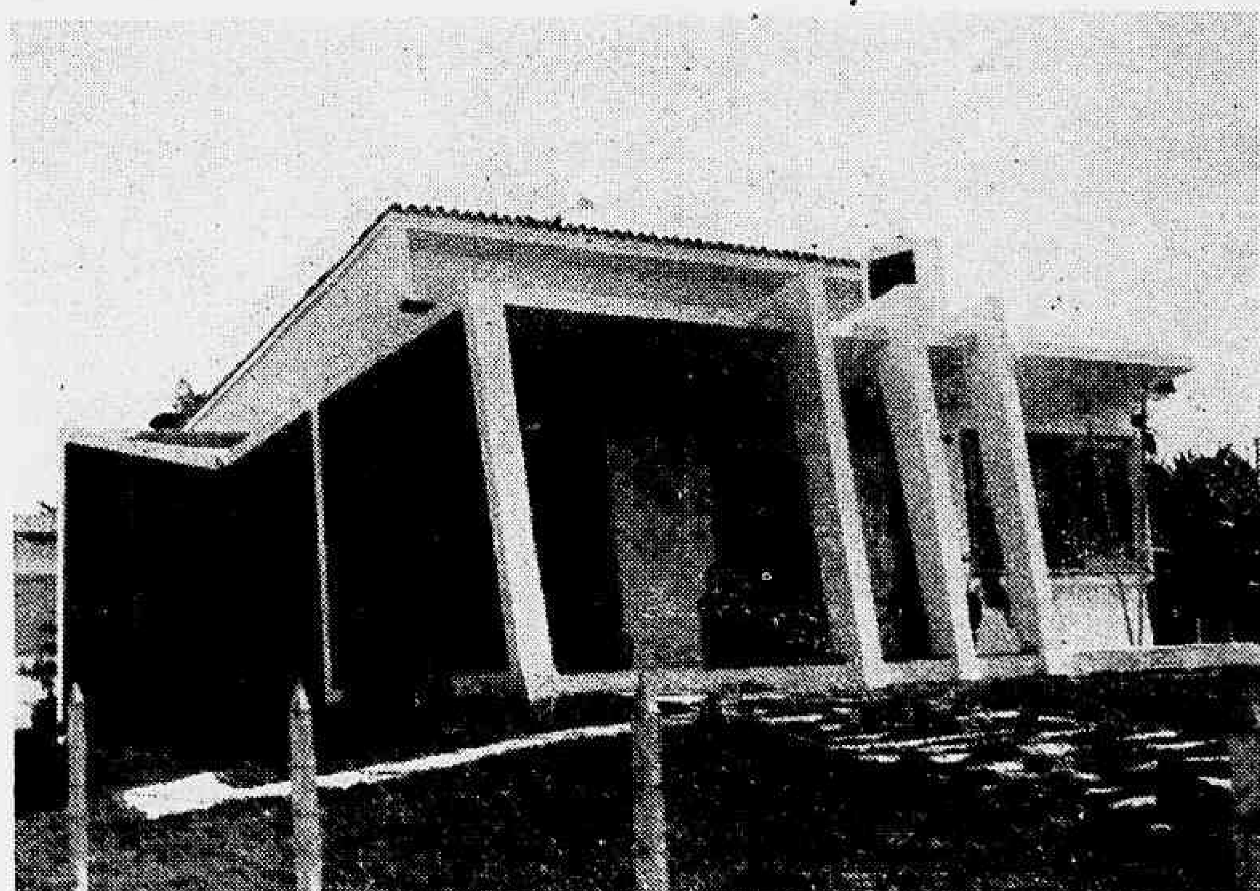
DIZEM os naturalistas e geólogos, que a zona onde está situada a cidade de Lagoa Santa, é a mais velha, ou uma das mais velhas terras do mundo. O sábio Peter Wilhelm Lund, pelos espécimes colhidos na lagoa e adjacências, provou a tese. Antes da era geológica em que apareceu o «homo sapiens», já existiam ali ursos, répteis, peixes de formas extintas há milênios. Entretanto, para os habitantes da região, nada de milagres da ciência. O que interessa é o milagre de N. S. da Saúde, padroeira da cidade mais do que bi-centenária. Aproveitando a ocorrência de seu «Jubileu», a 15 de agôsto, fomos visitar Lagoa Santa. A matriz possui numerosos «ex-votos» de pessoas que foram curadas pela fé na Virgem da Saúde. Os antigos habitantes da região, porém, dirigiam suas súplicas às virtudes curativas da lagoa, sôbre a qual há muitas lendas. As suas águas se tornaram santas inesperadamente. De humilde poço surgiu a maravilhosa lagoa que hoje vemos; às margens os peregrinos se espalhavam, banhando o corpo afetado, ou bebendo da água milagrosa, que curava chagas e panarícios, febre tífica e reumatismo. Não há quem não possua na família daquelas redondezas, alguns casos de cura sensacionais. Mas, um dos verdadeiros milagres por nós observados, é o da Prefeitura. Lagoa Santa é município sem maiores rendas, sem indústria e sem comércio. A policultura, que já foi florescente, com variada produção, limita-se hoje ao plantio e colheita de abacaxis, com exportação imediata para S. Paulo e Rio, especialmente. Há extensos campos dessa fruta tropical. Lagoa Santa, pela falta de calçamento urbano, água e luz, afugentava os visi-



O Pref. Júlio C. de Lacerda, examina os postes para iluminação, a inaugurar-se a 15-11-1953.

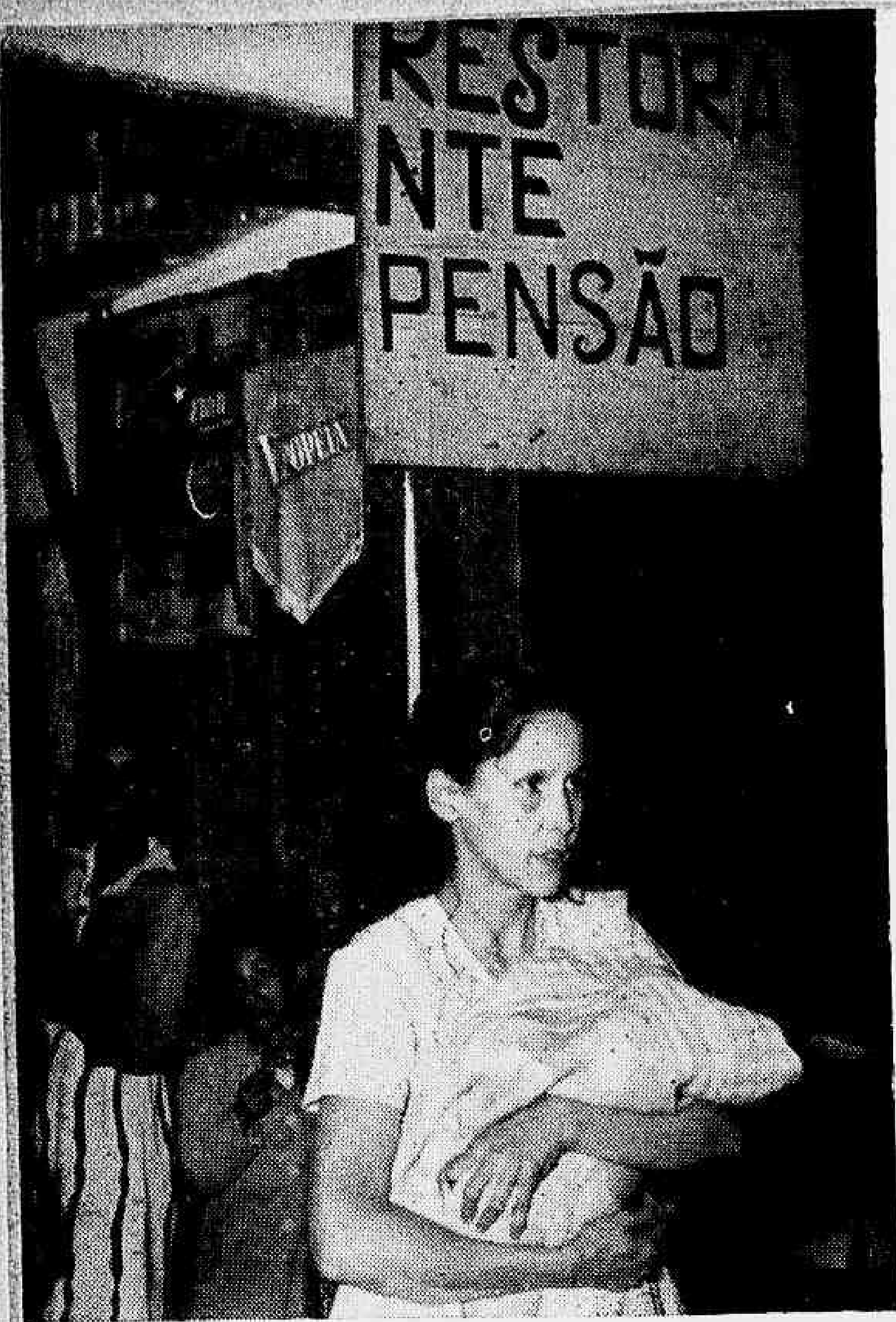


Nesta casa estiveram hospedados o Imperador D. Pedro II e a Imperatriz Tereza Cristina. Onde está o automóvel, estêve a liteira da soberana.



Em roda da lagoa erguem-se atualmente belíssimas vivendas em arrojados estilos moderníssimos, contrastando com casas em visível ruína.

NO JUBILEU DE LAGOA SANTA



Romeira com seu filhinho, ao sair do «Restorante», onde fôra comprar ligeira «quitanda», após acompanhar com devoção a procissão.

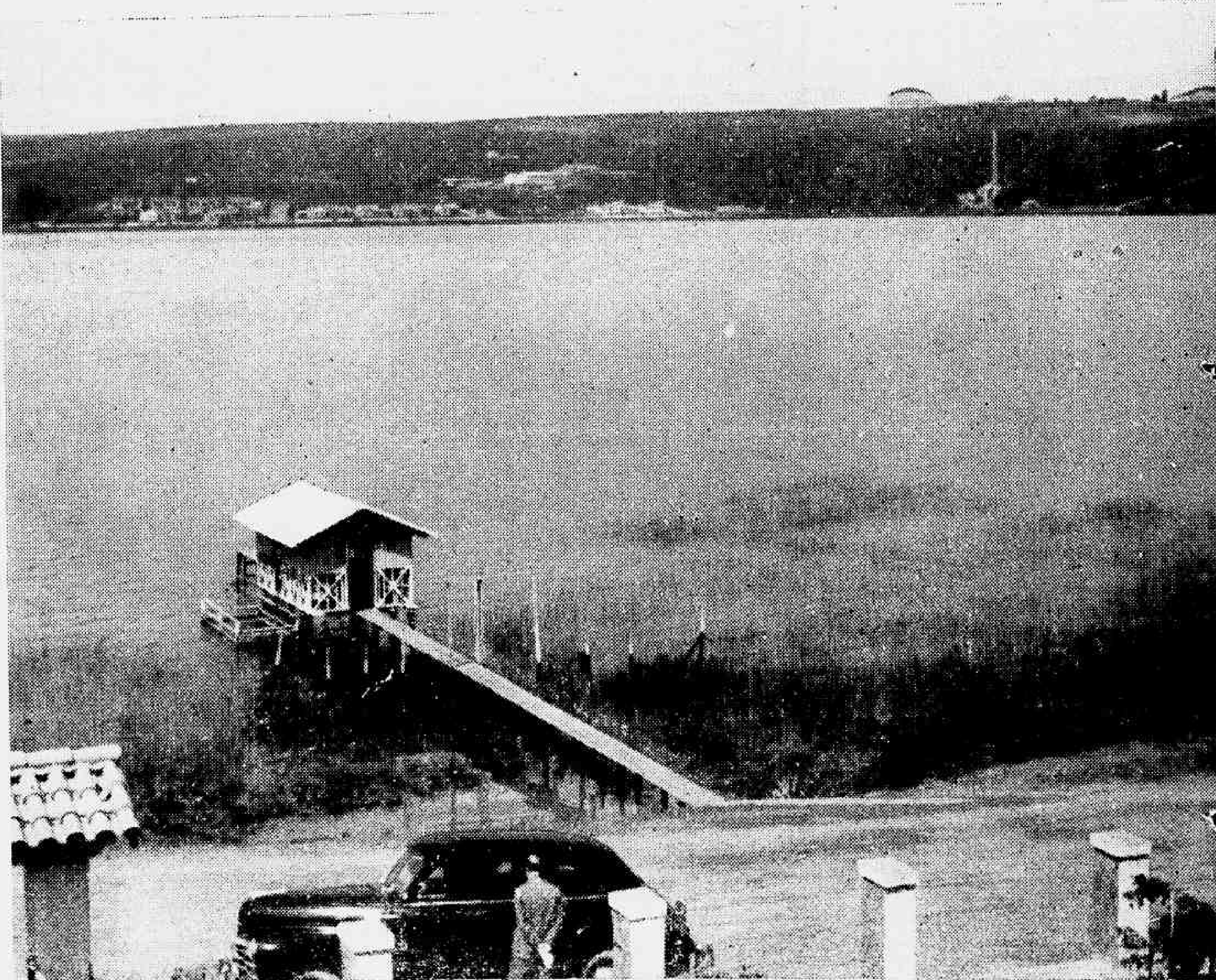
tantes. Mas o Prefeito Júlio Clóvis de Lacerda, ao assumir o govêrno, procurou normalizar a situação financeira da Prefeitura e empreendeu uma série de melhoramentos urbanos, que são, indiscutìvelmente, um milagre: calçou as ruas Barão do Rio Branco, Professôra Cecília Dolabela Portela, Praça Dr. Lund, estando iniciados os calçamentos de outras vias públicas, num total de 9 mil metros quadrados; abriu novas ruas e as pavimentou; normalizou a serventia das margens da lagoa, permitindo que cada proprietário de casa ou terreno ali, pudesse construir sua «ponte-trampolim», mediante uma anuidade razoável à Prefeitura; a instalação de luz pública e particular foi atacada com fervor, e mais de oitocentos postes de madeira, vindos dos confins de Minas com a Bahia, já estão prontos para ser fincados, sustentando a rêde aérea; espera inaugurar a luz, a 15 de novembro, devendo custar mais de dois milhões e duzentos mil cruzeiros. O Estado e a União ajudaram na parte técnica e algum material para a linha de transmissão, entre Lagoa Santa e a sub-estação da Companhia Industrial de Belo Horizonte, localizada em Dr. Lund; depois da luz, a água. Que problema! Terá que ser a cidade abastecida por meio de poços artesianos, pois o sub-solo é rico em água potável. O povo tem confiança na administração e, por isso, o tesouro municipal tem melhorado na arrecadação. O Prefeito, homem radicado ao local, ali casado e com filhos, embora pertencente a um partido, dedica-se exclusivamente à administração, que, em verdade, o empolga. Depois do calçamento, luz, água e urbanização, um hotel para turistas e «week-



Praça Dr. Lund, centro urbano da cidade de Lagoa Santa, Minas Gerais. O edifício assobradado, à esquerda, é a Prefeitura Municipal. As barracas rústicas foram erguidas em função



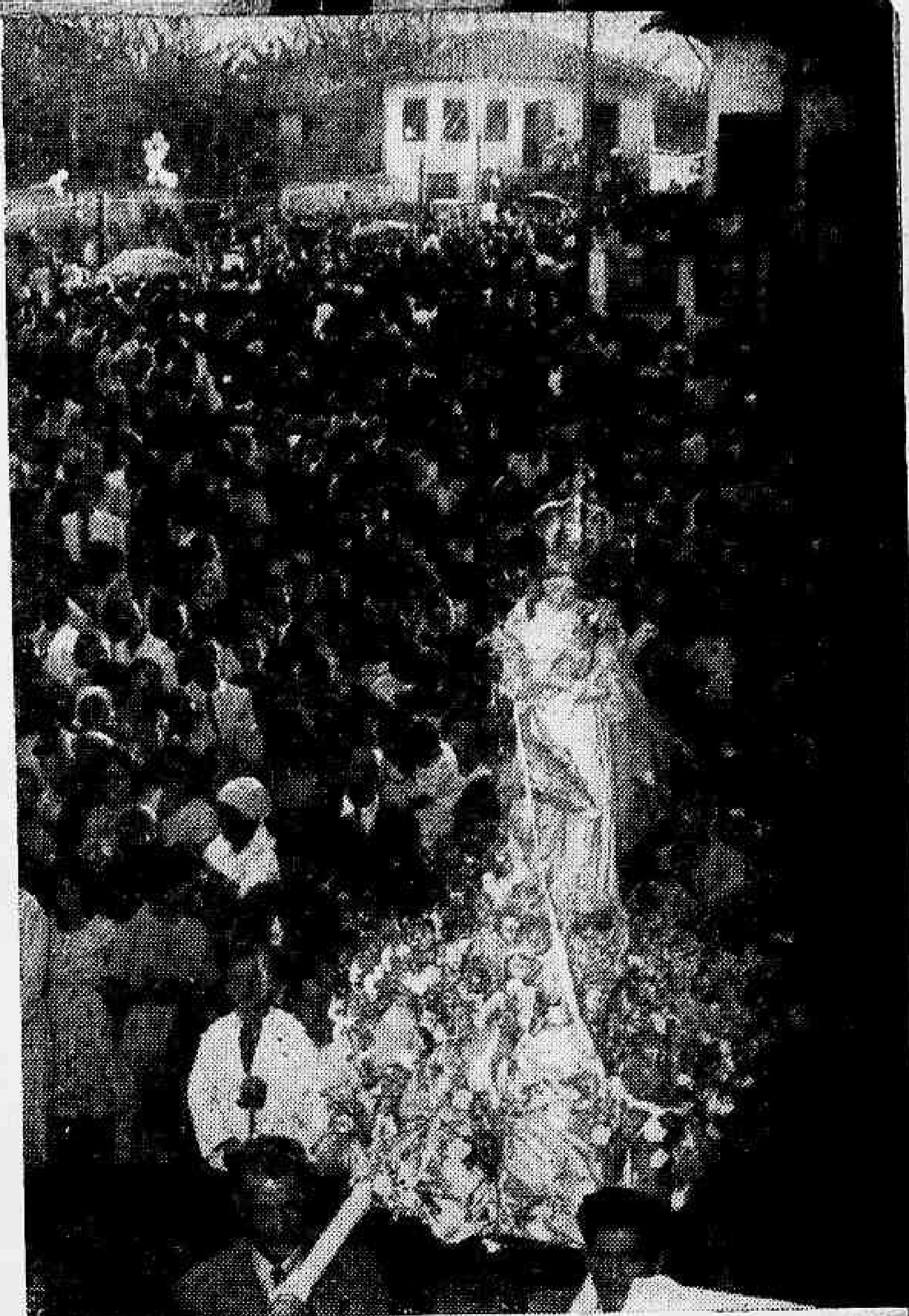
Uma é de Salvador, Bahia, (ao centro), e as outras são de Belo Horizonte e de São Lourenço, tôdas são fãs da encantadora lagoa.



Panorama da famosa lagoa de tantas tradições e milagres de três séculos passados. Com os seus 8 quilômetros de circunferência, a lagoa atrai turistas e gente abastada de Belo Horizonte.

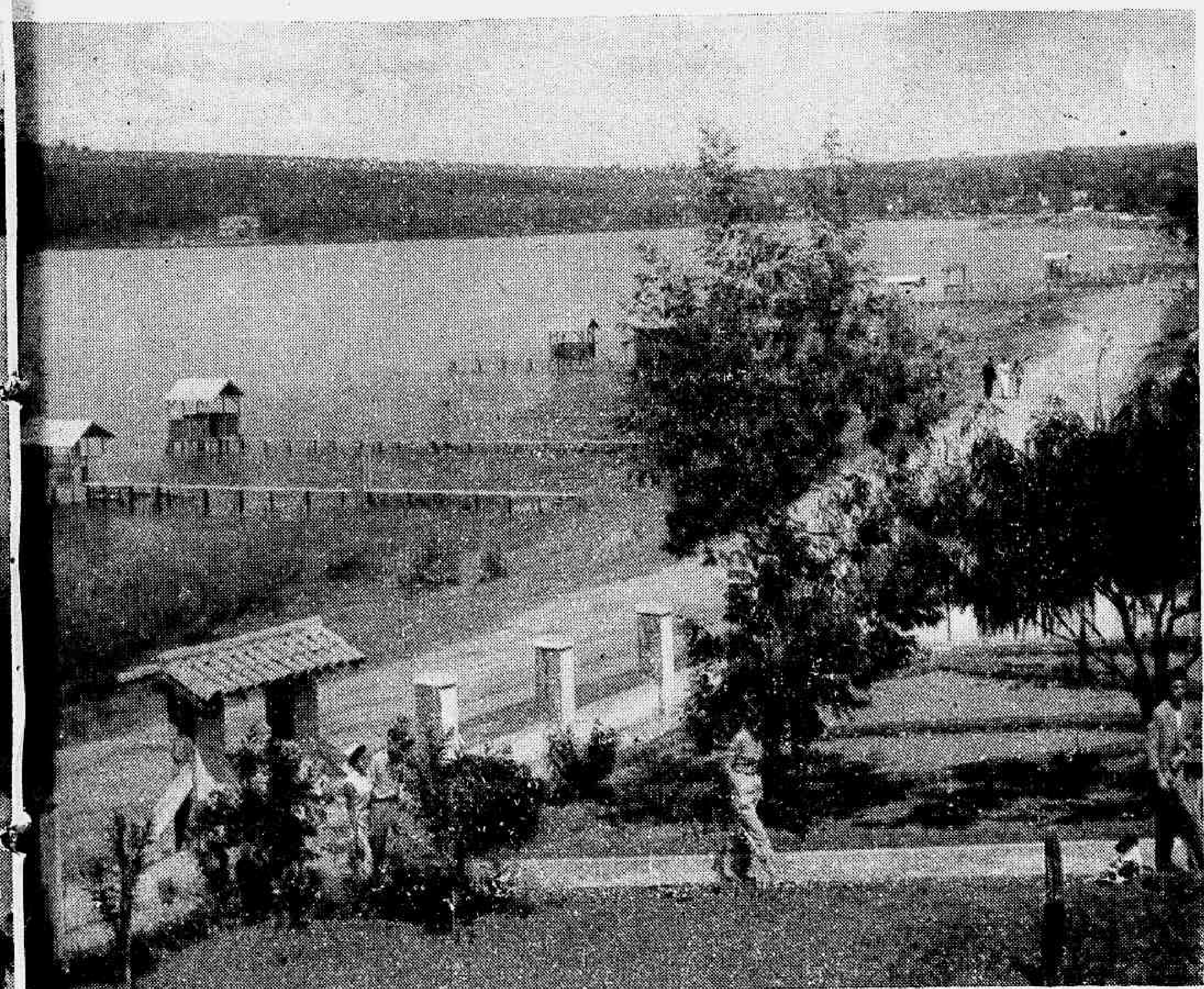


dos festejos do «Jubileu» de N. S. da Saúde, cuja matriz vemos à direita. A casa que está à direita da igreja é a mais antiga de Lagoa Santa. A pavimentação é obra do atual Prefeito da cidade.



O andor de Nossa Senhora da Saúde, ao sair da igreja para a procissão do «Jubileu», acompanhado por mais de 20 mil fiéis e peregrinos.

end». Para isso a Prefeitura doou sete mil metros quadrados para a construção do Grande Palace-Hotel de Lagoa Santa, cuja pedra fundamental acaba de ser lançada. O edifício terá 60 apartamentos para aluguel, além de 120 em condomínio, em dois blocos de 3 andares. Segundo se espera, estará terminado em dezoito meses. Perguntamos ao Prefeito o motivo por que não se intensificava o turismo para Lagoa Santa, e êle nos respondeu: «No momento seria criar inimigos para nossa terra. O que fizemos ainda não pode atrair turistas. Depois que estivermos com a cidade tôda pavimentada, com a avenida que circunda a lagoa, urbanizada, com o Grande Hotel funcionando, então sim, voltaremos nossos olhos para o turismo.» Demos-lhe razão. O sr. Júlio Lacerda é homem de muita sensatez e probidade administrativa. Contou-nos um episódio ilustrativo: certa senhora inglêsa fôra a Lagoa Santa e, indignada com a falta de bom hotel, censurou os poderes públicos. Então o Prefeito, com a maior calma dêste mundo, respondeu com uma pergunta. «Minha senhora: os poderes públicos a convidaram?» Ela percebeu a lógica e entregou os pontos. Possui Lagoa Santa muito coisa digna de ser vista. Além da lagoa, proporcionando banhos e passeios a botes e lanchas, há nas proximidades as grutas da Lapinha, notáveis pelas suas proporções e beleza interna. Tudo isso terá seu tempo, quando o Prefeito realizar o plano de urbanização e turismo da cidade, verdadeiro milagre, para um erário pobre, sem maiores recursos que os da arrecadação normal, o prestígio do povo e a mais férrea vontade de vencer.



que ali constroi vivendas de moderníssima arquitetura. Cada proprietário tem direito a uma «ponte-trampolim», de uso privado. Ao fundo, sôbre a colina, os edifícios da Fábrica de Aviões.



Homem verdadeiramente religioso e popular o Prefeito Lacerda, remodelador da Lagoa Santa, acompanhou a procissão ao lado da família.

PASSATEMPO

LIDERGRAMA Nº 70

A	Ajuda; socorro	114	21	10	76	53	130	106
B	Agradecido	27	17	42	129	88		
C	Trace; faça riscos	113	45	59	95	123	9	
D	Nunes	48	104	6	84	60		
E	Fuga; evasiva	18	44	90	51	71	108	
F	Tem conhecimento	3	119	91	78	32	20	103
G	Grande agitação	1	30	107	13			
H	Surrados; muito usados	94	54	75	38	120	72	110
I	Que não são sólidas, fortes	16	55	23	63	93	43	
J	Rude; grosseiro	126	96	39	86	56	124	99
K	Recorre; chama em auxílio	25	101	35	12	121		
L	O que há de melhor	117	15	92	29			
M	Entram na composição	80	109	5	70	102	40	68
N	Freiras de caridade	127	49	14	87	34		
O	Caminhos estreitos; veredas	89	47	65	31	74	128	
P	Alimenta-se	98	81	115	64			
Q	O dia que passou	7	77	105	122	100		
R	Tempo assinalado (pl.)	41	50	118	69	33		
S	Reflexo; fama (pl.)	67	112	79	26			
T	Respira dificilmente	11	37	52	131			
U	Curadas	19	4	28	125	46	36	62
V	Pessoas delicadas, amáveis	8	61	24	58	85		
X	Fantasiar; pôr na idéia	82	57	73	111	22		
Y	Desejo de vingança (pl.)	2	97	66	116	83		

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra numa casa. Transportam-se depois para o quadro debaixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras e, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras e trazem os sinais da pontuação.

			G 1	X 2		F 3	U 4	M 5	D 6	Q 7	Y 8	
C 9	A 10	T 11	K 12	G 13	N 14		L 15		I 16	B 17	E 18	U 19
F 20	A 21	W 22	I 23		V 24	K 25	S 26		B 27	U 28	L 29	G 30
O 31	F 32	R 33		N 34	K 35	U 36	T 37	H 38	J 39		M 40	
R 41	B 42	I 43		E 44	C 45	U 46	O 47	D 48	N 49	R 50	E 51	
T 52	A 53	H 54	I 55	J 56	W 57	V 58	C 59	,	D 60	Y 61	U 62	I 63
P 64	O 65	X 66	S 67	M 68		R 69		M 70	E 71	H 72		W 73
	O 74		H 75	A 76	Q 77	F 78	S 79	,	M 80	P 81	W 82	X 83
D 84	V 85		J 86	N 87	B 88		O 89	E 90	F 91	L 92	I 93	H 94
	C 95	J 96	X 97		P 98	J 99	Q 100	K 101	M 102	F 103	D 104	
Q 105	A 106	G 107	E 108		M 109		H 110	W 111	S 112	C 113	A 114	P 115
X 116	L 117	R 118	F 119		H 120	K 121		Q 122	C 123	J 124	U 125	J 126
N 127	O 128	B 129	A 130	T 131						Otaner-Rio		

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA Nº 69 — L. DE CASTRO. ANITA GARIBALDI. "Não há poder algum capaz de subjugar o instinto guerreiro de um indivíduo, mormente nascido do desejo de empregá-lo em prol da liberdade de povos oprimidos pela dor e pela tirania".

BERLIM PERGUNTA

(Cont. da pág. 31)

As ordens da administração oriental foram dadas para quem quisesse ver o que se passava naquele setor, e o repórter Frischauer, com o fotógrafo McKeown puderam documentar com filmes esta excursão pela Berlim Oriental; mas, depois que irrompeu a crise tremenda de meados de junho, tiveram as autoridades soviéticas que fechar novamente as fronteiras, e impedir que o fato se repetisse. Logo depois começaram a ser distribuídos os chamados «pacotes Eisenhower», gratuitamente, aos necessitados alemães da Berlim soviética. O govêrno dêsse setor tomou tôdas as providências para estancar essa «invasão», ordenando que os policiais arrebatem das mãos dos seus patrícios os gêneros obtidos. E fizeram mais: para a contra-propaganda, empilham os alimentos e dizem que devem ser recambiados para a zona Ocidental a fim de serem distribuídos aos trabalhadores desempregados da Berlim do Oeste . . . Os alemães vêem essa disputa, assistem a êsse duelo perigoso, capítulo alarmante da «guerra fria», e perguntam a si mesmos: «Que virá depois de tudo isso?».

AS TRÊS IRMÃS

(Continuação da página 19)

porém, notando nêle algo de diferente. Minha amiga melhor o pressentiu . . . Como o calor se tornasse sufocante na varanda, resolvemos passar para a sala de visitas, onde permanecemos longo tempo. Para afugentar aquêle vago e inexplicável pressentimento que angustiava, principalmente, o coração de Angela, concordei em que ela, instada pelo noivo, fôsse ao piano. Tocou muito e com sentimento. Não sei por que razão ao lhe pedir cantasse «O Rosário», uma das nossas músicas prediletas e que ela interpretava muito bem, recusou-se a fazê-lo. Não insisti. Foi quando a pretinha da casa veio com recado de d. Ana Rosa de que a merenda estava pronta. E à mesa, entre uma chávena e apetitosas iguarias, no intervalo da conversação que explodiu a notícia, dada por êle mesmo, do seu breve regresso a S. Paulo. Da mesma maneira como sabia polir os têrmos empregados em suas agradáveis conversações, dando-lhes um cunho de nobreza e distinção, também soube polir os que usou para a desculpa, admitida como justa, da sua próxima partida. Alegou não poder, infelizmente, permanecer mais tempo na Vila, para onde viera, a princípio, em busca de descanso. Chegara mesmo a pensar, como diversas vêzes nos afirmara, em fixar-se ali, mas havia já um colega exercendo a profissão. Receava melindrá-lo abrindo o seu escritório e, baseado nos seus princípios de honestidade e justiça, repudiou a idéia. Restava-lhe, portanto, partir. Incompatíveis, porém, com a sua natureza leviana e inconseqüente — tardiamente compreendidas sob tantos disfarces, — sempre seriam essa honestidade e justiça manifestadas naquela noite, a fim de nos impressionar e comover. Disse-nos que num centro maior outras seriam as suas possibilidades e, triunfar na carreira, era o seu objetivo, o seu ideal. Angela disfarçou tanto quando pôde a surprêsa que a notícia lhe causara. Sentimos todos o mesmo desaponto.

Depois disso, uma sensação quase de pesar nos invadiu e a conversa, entre nós, esmoreceu. Quando o carrilhão, com seu badalar sonoro, anunciou 22 horas, José Luís pediu licença para se retirar. Naquela noite não nos foi possível insistir para que se demorasse mais.

Alguns dias depois recebo, em casa, um recado de Angela pedindo-me fôsse vê-la imediatamente. Sem atinar com o motivo procurei atendê-la com presteza. Fui encontrá-la deitada, pálida e abatida, com os olhos vermelhos de tanto chorar. Não me disse uma palavra. Estendeu-me, apenas, uma fôlha de papel, na qual José Luís procurava justificar-se apresentando uma série de imprevistos que o obrigavam a partir repentinamente, sem tempo sequer para levar à noiva as suas despedidas. Partia agradecido e enlevado pelas atenções de que fôra alvo por parte de todos; dela, principalmente, levava uma saudade e ternura infinitas. Não consolidava o compromisso de noivado, mas confiava no futuro e, se brilhante, viria buscá-la para dêle participar. Não tive palavras para dizer à minha amiga o que do advogado eu pensava naquele instante. Votei-lhe, apenas, profundo desprêzo e indiferença.

Depois Angela adoeceu. Se foi conseqüência do abalo moral sofrido, nós todos ignoramos. Receamos pela sua vida. Seu físico reagiu; o que não reagiu, porém, foi o seu espírito. Longa, pois, foi a convalescença. Tornou-se desde então, apática e indiferente, perdeu o gôsto pelas coisas da vida e desinteressou-se por tudo quanto outrora lhe causava prazer e alegria. Não mais aludiu ao seu passado amoroso, nem de leve mencionou o nome daquele que, injustamente, lhe roubara a felicidade. Respeitamos o seu silêncio, mas longe dela, quantas vêzes, censuramos o procedimento ignóbil do advogado.

Tempos depois mudava-me, definitivamente, para S. Paulo. Angela sentiu a minha partida, mas soube encará-la com a mesma serenidade com que passara a encarar todos os fatos da sua vida. Vez ou outra nos correspondíamos, até que um dia, numa carta lacônica, dava-me conta, com aparente indiferença, do casamento de José Luís. Foi a última carta que recebi de minha amiga.

Soube depois, contado por Maria Emilia, com quem casualmente me encontrei, da sua entrada para o convento. Houve, dissera-me ela, muita relutância da parte de todos, mas Angela fôra inflexível na sua decisão. Quis ir vê-la mais tarde no convento. Achei-a bonita no seu hábito de religiosa embora lhe notasse, através de aparente serenidade, todo o tormento de sua alma. Pouco conversamos. Ao pretender censurá-la por uma resolução apressada, Angela sorriu docemente e abaixando os olhos fitou a cruz que trazia ao peito. Percebi então que a havíamos perdido e por culpa de quem não a soubera merecer. Mas Deus conquistara para Si aquêle nobre coração que a Ele se consagrava sem reservas.

Perdemos a Angela. Hoje ela pertence a um outro mundo, no qual nos é vedado penetrar.

E ali sentada, naquele mesmo banco, [illegible] os olhos para fugir à visão de um passado com Angela, feliz e despreocupada nos seus 20 anos, para dar lugar à Irmã Maria do Calvário, com seu sorriso triste numa fisionomia aparentemente tranqüila, no seu hábito de religiosa, trazendo no peito a Cruz de Cristo e dentro da alma a cruz do seu [illegible] sofrimento.

ARABELLE a última sereia



Arabelle vendo Pat, o Chefe de Polícia, entre os desconhecidos, cai em seus braços e aproveita a oportunidade para fazer diversas perguntas.



Mas, antes de êle responder, um oficial toma a palavra e diz à moça que se torna necessário um sacrifício dela, por alguns dias.



Trata-se da segurança do país. Ha, na China, enorme contrabando de ópio e de armas, o que ameaça sèriamente os Estados Unidos da América do Norte.



E' preciso agir com a máxima discrição e, também, que ela seja dada como desaparecida — termina o oficial, com enorme surprêsa para a jovem Arabelle.



Ouvindo a explicação do oficial, Arabelle procura, com os olhos, o seu amigo Pat, o Chefe de Polícia, como a pedir-lhe um conselho. Pat adivinha o pensamento e, no mesmo instante, lhe faz um sinal de aquiescência.



Arabelle reconhece que não pode ter um dia de prazer na vida e, dominada por êstes pensamentos, sonha com «Flor-Azul», com John e com o seu querido Bimbleton...



O oficial lhe diz que ela vai ficar ali durante algumas horas, devendo ser, posteriormente, incumbida, pelo govêrno de **seu país**, os Estados Unidos, de uma missão ministerial.



Enquanto isso, John e seu pai, mister Bimbleton, em Los Angeles, chegam à redação do «Yankee Star», no momento em que seu amigo, o redator Pat, tem uma conferência com os colegas.



Ao lhes pedirem que tivessem paciência e aguardassem um instante num dos corredores, os visitantes se surpreenderam com o movimento incomum da redação, denotando algo anormal.



Intrigado com o que via, John pediu um daqueles cartazes e, juntamente com seu pai, ficou indignado. O jornalista estava preparando a vida da jovem Arabelle para ser contada em quadrinhos...



Não suportando a afronta, John Bimbleton invade o gabinete do diretor do jornal, com quem vai tomar satisfações, indignadíssimo com o fato...



— «Como é que você, Pat, dizendo-se amigo de meu pai, vai publicar uma história destas? Isso é uma vergonha!» — disse John



— «Meu caro, tenha calma, muita calma! O meu jornal está com a história sensacional de todo o ano, e eu não vou deixar passar...»



— «Podemos contar a história de Arabelle, a última sereia, em quadrinhos. Se você quiser, poderá supervisioná-la. Proibir, isso nunca!» — disse Pat.

História de VANIA LAUREZ **Desenhos de JEAN HACHE**

!! Senhora!

Na toilette diária nunca deve ser esquecida a sua HIGIENE ÍNTIMA

Metrolina

ANTISSÉPTICO
ADSTRINGENTE
BACTERICIDA

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quitino Pinheiro Ltda. — Rua de Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº ......

NOME ....
RUA .... Nº ......
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

PUXE PELO CÉREBRO

RESPOSTAS DA PÁGINA 36

1 — Oitenta
2 — Suécia e Dinamarca
3 — 15 milhões de dólares
4 — Oito e vinte e três da manhã
5 — 78 milhões (entre civis e militares)
6 — Cr$ 23.800.000,00
7 — Futebol
8 — O cabo Orange
9 — Âncora
10 — Espécie de guitarra da Rússia
11 — Um peixe
12 — Arrancar cabelos
13 — Arrogância
14 — Excitada
15 — Na parte posterior do crânio.

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Rua Maranguape n.º 15 - 1.º — Lapa, para remessa do programa e bases do curso.

Sensacional!

CR.$ 50 ÁLBUM RUBRO NEGRO
CR.$ 40 ÁLBUM CRACK
CR.$ 5 CRACK VIDA DO CRACK ADEMIR BIGUÁ ZIZINHO CASTILHO SANTOS PINGA

Pedidos pelo Reembôlso Postal à Editôra Brasilidade Limitada. Rua da Quitanda nº 59-2º and. Rio de Janeiro — C. Postal 2733

À venda nas bancas de jornais

"MUIÉ MACHO, SIM SINHÔ"

(Continuação da página 21)

Ao nosso lado, alguns homens discutiam, no intervalo de um para outro quadro. Alguém ousara dizer que a morena sedutora não era mulher, mas homem. A discussão foi se tornando mais acirrada, até que resolvemos participar da mesma. Finalmente, conseguiu-se encontrar uma fórmula conciliatória: iríamos até os bastidores entrevistar Ivana.

Minutos depois, estávamos diante da beldade francesa. A princípio, não duvidamos de que fôsse realmente uma representante do belo sexo. Mas pouco a pouco, pelo tom da conversa, acabamos notando certas peculiaridades de verdadeira «paraíba». Finalmente, depois de algumas frases de francês arranhado, Ivana nos disse que era Ivan.

— Ivan de que? — perguntamos.

E o rapaz resolveu falar, denotando um certo senso de humor:

— Ivan Monteiro Damião. Nasci em Rouen, França, no mês de fevereiro de 1933. Fiz o curso secundário completo e estudei «ballet» clássico, durante três anos. Dancei no «Follier Bergeres» durante vários meses, sendo contratado recentemente para vir atuar no Teatro Recreio e, agora, também, na Boîte Monte Carlo.

— Quer dizer que a idéia de vestir-se como mulher apareceu aqui no Brasil? — inquirimos.

— Não. Quem me sugeriu tal caracterização foi uma artista de cinema, durante minha estada na Itália, na «tournée» que realizei com «Le Carroussel», através daquele país. Noruega, África do Norte.

— Então foi assim que Ivan se transformou em Ivana?

— Exatamente. Depois de um pequeno estudo de minhas possibilidades como «vedette», resolvi dedicar-me a êsse papel e tenho obtido bastante sucesso.

— Quanto a isto, estamos plenamente de acôrdo. E agora uma última pergunta: seu sobrenome sugere descendência portuguêsa ou brasileira; poderia esclarecer-nos a respeito?

— Descendo de portuguêses mesclados com franceses.

— Quando terminar sua atuação em palcos brasileiros, pretende seguir para outro país da América?

— Não. Deverei retornar à França.

Ainda admirados com a perfeição pela qual Ivan imita o sexo oposto, despedimo-nos, já com a curiosidade satisfeita, e alertados, para o futuro, no caso de encontrarmos alguma outra beleza sedutora em nosso caminho. Tudo é possível nesta época de tarados e taradas, até mesmo o fato de uma «frágil donzela» pertencer ao sexo masculino...

FRANCESCA DA RIMINI

(Continuação da página 35)

Em um dos salões do castelo de Polenia, destinado ao trabalho de agulha e manutenção das roupas, entre peças de brocados, damascos, veludos, finos tecidos de linho, véus diáfanos, trabalhava Francesca no seu enxoval, junto com três amigas: Ornella, Violante e Gioietta.

Ornella, loura, delicada, dois anos mais moça que Francesca, também era órfã de mãe, pode-se dizer que vivera mais no castelo de Ravena do que no seu nativo, de Forlimpopoli. Era filha do mais valoroso e forte capitão a serviço dos Polenta. Êle, obrigado pela sua profissão de soldado a permaecer longe da filha, que ficara órfã de mão ao nascer, confiara-a a Ombretta, que a educara junto com Francesca.

Violante, uma moreninha gorducha, viva e tagarela, era filha do chefe de armas do castelo. Saíra do convento, onde estudara, aos doze anos, e tornara-se amiga de Francesca e Ornella. As três jovens haviam crescido querendo-se muito bem, e dividindo entre si as pequenas alegrias, as leves tristezas, e as aindas vagas esperanças. Tôdas três haviam aprendido, juntas, a tocar o alaúde, a cantar e a dançar, com uma senhora florentina, que se estabelecera em Ravena há alguns anos. A velha senhora era misteriosa. Vivia com uma empregada muda, uma porção de gatos e cães e uma sobrinha belíssima, de quinze anos, que ninguém jamais vira nas ruas de Ravena. As duas tinham uma vida completamente isolada e pobre. A jovem bordava paramentos e toalhas para as igrejas dos conventos; a velha senhora pintava iluminuras em missais e dava aulas de canto, dança e música às jovens ricas e nobres da Ravena.

A sobrinha da velha senhora chamava-se Gioietta. Devia chamar-se luz, sol, estrêla, tal a luminosidade que irradiava sua beleza. Um estranho fascínio se despreendia da linda jovem com cabelos côr de cobre que, sob a luz do sol, formavam em tôrno de sua fronte branquíssima uma auréola fulva e cintilante. Os olhos, muito pretos, tinham a maciez do veludo, e a meiguice de uma pomba. Alta, fina, delicada, seu andar era sinuoso e seus passos os de uma deusa.

Francesca, com sua natureza instintiva e impetuosa, oferecera amizade a essa jovem de beleza admirável e, a princípio Ornella e Violante tinham-se sentido enciumadas. Afeiçoavam-se, porém, um pouco mais cada dia, a Gioietta.

Francesca não conseguia compreender como a jovem podia passar tôda a vida naquela casa mal cheirosa, cheia de gatos e coisas velhas e mofadas, junto à tia, a bordar e a desfilar as contas do rosário. Convidou Gioietta para ir viver no castelo, mas foi difícil vencer a desconfiança da velha senhora que, de modo nenhum, queria se afastar da sobrinha. Francesca, porém, que não estava habituada a perder uma luta, nem a ver contrariados seus desejos, tanto fêz e tanto disse que, finalmente, levou para o castelo a solitária jovenzinha, na garupa de seu próprio cavalo. Desde êsse dia as três amigas tornaram-se quatro.

As risadas das quatro jovens repercutiam, alegres e límpidas, entre os meandros do castelo, e faziam sorrir o nobre Guido e todos os armígeros. A música dos seus alaúdes, a harmonia de suas canções, fundiam-se, muitas vêzes, com o estridor das armas e o tropel dos cavalos. A juventude é generosa e expansiva.

As primeiras confidências, as primeiras esperanças ingênuas, entrelaçaram-se com os primeiros sonhos. De olhos fechados e de olhos abertos sonhavam com o amor. A primeira a ficar noiva foi Francesca, mas não entrou com isso a alegria na alma da jovem.

— Francesca viste como, no torneio da Ascensão, Reginaldo de Rovere lançava olhares para Gioietta?

— Vês sempre as coisas com tua imaginação, Ornella. Reginaldo não olhava para mim. Êle é muito grande senhor para olhar uma pobrezinha como eu... Precisa de outra jovem para se casar. Uma castelã como Francesca, por exemplo.

— Obrigada... mas não fico lisongeada. Êle não se interessa por mim, mas por ti. Não sou cega, e vi bem. Também vi sir João fazer a côrte a Violante.

— Pode ir fazer a côrte a outra. Prefiro ser freira a me casar com um homem que não me agrada.

— Vou me casar e nunca vi meu espôso. Se êle se parece com um seu irmão, que conheci dois anos atrás, naturalmente não é para se desprezar. Desde que nasci trago em mim o destino de uma castelã — casamento de conveniência. Confio em Deus e na afeição de meu pai que não há de querer tornar infeliz sua filha única.

— Lembro-me, também — e a voz de Ornella era levemente mordaz — lembro-me do quando perdeste o sono e o apetite pelo lindo irmão de teu futuro marido.

— Quando soube, porém, que era casado, recuperei o sono e o apetite.

— Mas não encontrou logo a paz de espírito.

Passavam o dia nessas conversas sôbre acontecimentos inevitáveis e sonhos impossíveis; doces nostalgias, comovida espera e a preparação do enxoval de Francesca.

(Cont. no próximo número)



«Não quero saber de política. Sou, apenas, uma mulher doméstica». Na verdade ela é figura de proa do «Movimento Social Italiano».

A "OUTRA" EDA CIANO

AQUELA linda mulher que conheci em seu luxuoso apartamento, em Roma, à via Angelo Sicoki é, agora, uma sombra do passado. Eda Ciano, viúva do conde Galeazzo Ciano e filha de Benito Mussolini, passou pelo Rio a bordo do «Augustus». Na própria lista de passageiros figurava como doméstica, com 42 anos de idade. Note-se que há 12 anos, no apogeu do fascismo, ela desembarcou no Brasil com tôdas as honras dispensadas a um diplomata e sujeita a um amplo programa de festas organizadas pelo Itamarati. Mas isto foi no tempo do Fascio, em que a irrequieta mulher enfeixava a maior soma de prestígio, depois do seu pai, o Duce.

Mas tudo ruiu em 25 de julho de 1943, quando seu espôso, um rapagão bonito e escolhido a dedo para marido, traiu o Duce na reunião do Grande Conselho e assinou uma ordem de prisão contra Mussolini, com a colaboração de Dino Grandi. Até então, Eda dava cartas na política internacional. Uma Cleópatra mirim...

SEM AMIGOS, SEM FLORES E PRISIONEIRA DO CAMAROTE Nº 12, A FILHA DO DUCE PASSOU PELO BRASIL ★ NÃO RECEBEU, SEQUER, UM CONVITE PARA ALMOÇAR EM TERRA ★ MAIS UM NOIVADO ★ O TÚMULO DE BENITO MUSSOLINI ★ ENFIM, O "AUGUSTUS" ZARPOU PARA BUENOS AIRES.

Reportagem de **EDMAR MORÉL**
Fotos de **ALBERTO FERREIRA**

A "OUTRA" EDA CIANO



A condêssa Eda Ciano em agôsto de 1953. Sombra de uma mulher outrora poderosa, com o prestígio e a vivacidade de uma Cleópatra...

SOMBRA

Lembro-me, perfeitamente, do primeiro encontro com a condêssa, com os seus cabelos à Greta Garbo, penteado tão explorado pelos caricaturistas. Recordo o seu salão de recepção, cheio de estatuetas de marfim, pinturas antigas e modernas, tapêtes persas, obras de arte. Num pequeno canto, o retrato de Mussolini.

Vejo-a, agora, num corredor do «Augustus», com os cabelos bem curtos, magra, triste, silenciosa e de olhar perdido. O rosto cheio de rugas e modestamente vestida, como se fôsse uma emigrante. De elegante, sòmente os óculos escuros e um pequeno camafeu...

NO CAMAROTE

Eda Ciano viajou no camarote nº 12 e em Barcelona e Dakar, portos de escala do transatlântico, a filha do Duce não recebeu a rapaziada da imprensa. Só uma noite jantou no salão. Está bastante abalada dos nervos, certamente pela sua colaboração ao «Movimento Social Italiano», sociedade tìpicamente fascista. Durante algum tempo Eda dirigiu o semanário «Insieme» e participou de alguns comícios mais ou menos fracassados.

A condêssa — ela faz questão de ser tratada desta maneira — como se estivesse permanentemente a recordar a sua vida faustosa de antes, está alquebrada. A família Mussolini, que tinha mais prestígio do que a própria Côrte do Rei Victorio Emanuel, perdeu tôda a sua importância. Um dos filhos do Duce, de nome Romano, andou ganhando a vida tocando violino num «cabaret» de segunda classe em Londres. A sua irmã Ana Maria, todavia, estuda inglês, enquanto Victorio reside em Buenos Aires, há vários anos. Dona Raquel, a admirável espôsa do Duce, mora num modesto apartamento e vive dos direitos autorais de livros sôbre a vida do ditador italiano. Até hoje não recebeu uma lira de pensão, quando as leis asseguram aquêle direito, uma vez que o Duce, bem ou mal, foi um Ministro de Estado. Eda, como viúva de um conde de opereta, tem uma pensão.

OM AMÔRES DA CONDÊSSA

Os amôres da condêssa, como se fôsse uma Rita Hayworth, são conhecidos na Europa. Ela mesma propalou que iria contrair matrimônio com um general polonês, de nome Dimitri. Um outro jornal, porém, disse que o militar era russo. Um Bareloff qualquer... Na primavera de 1952 era noiva de um joalheiro famoso em Roma.

Eda Ciano, já no salão de inverno do «Augustus», recebeu flores de sua filha Raymunda, que reside numa fazenda de café, em Ribeirão Prêto, em São Paulo, casada com o jovem Alessandre Giunto, filho do ex-Ministro fascista Giunto. Aqui a condêssa faz questão de dizer que o genro é descendente direto de Napoleão Bonaparte e cita outros parentescos importantes.

Tudo, agora, é simples na vida de Eda. Contemplo o seu vestido



Magra, bastante alquebrada, a condêssa Ciano contempla, melancòlicamente, a objetiva da «Revista da Semana». Está noiva de um general.



Apenas um médico italiano estêve a bordo do transatlântico «Augustus», em missão estritamente profissional. Ei-lo ao lado da condêssa Eda Ciano.



O único brinde em honra à condêssa, na longa viagem do «Augustus». Mãe e filha bebem um Porto. O genro Giunto não apareceu.

Até seus cabelos à Greta Garbo desapareceram. Na primavera de 1952, êles eram bem louros e sedutores. Hoje, após um ano, são castanhos.

de linho claro. Não vejo jóias. Apenas um relógio de pulso. Até aquela arrogância e gestos característicos de Mussolini desapareceram. É, apenas, uma mulher sem vida, rumo a Buenos Aires, em busca de um clima ameno, onde espera curar o seu sistema nervoso tão abalado.

O TÚMULO DO DUCE

No dia em que Eda transitou pelo Rio, numa nevoenta manhã, os jornais publicaram um telegrama de Roma, anunciando que fôra localizado o túmulo de Mussolini, notícia absurda, pois a sepultura do tirano é segrêdo de Estado e, apenas, De Gasperi, Schelba, Ferrari e Aguesina conhecem o local. O próprio Frei Zucca, que recolheu os despojos de Mussolini, retirado do cemitério de Mussoca por três jovens fanáticos fascistas, disse-me, num convento, em Milão:

— Recebemos os despojos do Duce em 7 de maio de 1946 e após três meses entregamos a ossada ao govêrno.

A própria família ignora a tumba. Eda Ciano, falando sôbre o assunto, assim respondeu a um jornalista, em tom dramático:

— Não falem sôbre isto pelo amor de Deus. A minha família desconhece o local da sepultura.

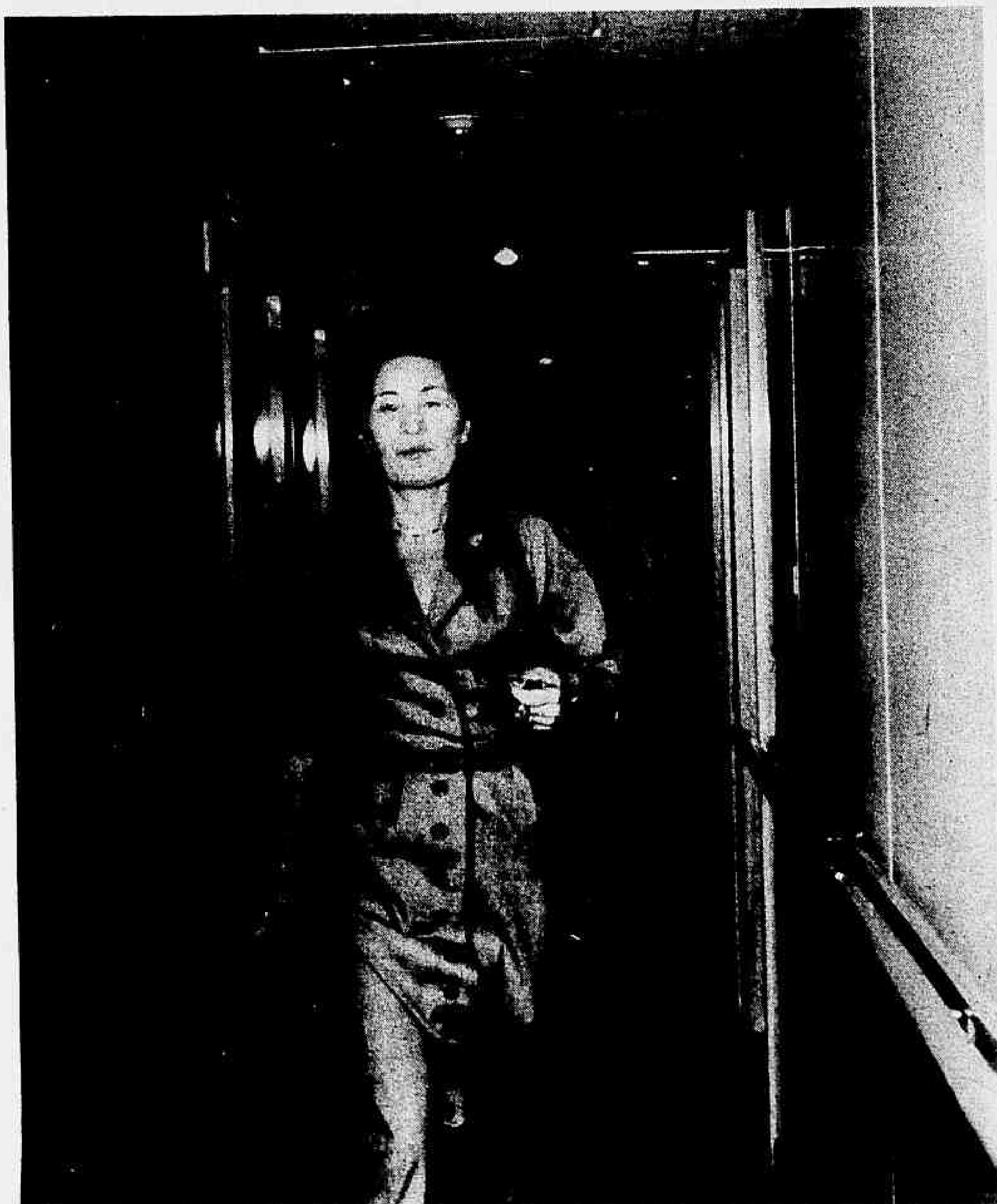
Várias perguntas foram feitas e quase tôdas respondidas com evasiva. Posso adiantar, pelo que ouvi dos próprios lábios de Eda, que ela não pretende escrever nada sôbre o seu pai, nem mesmo um propalado livro.

A sua grande mágoa é contra os alemães. O seu espôso que traiu miseràvelmente o próprio sogro, pediu proteção à embaixada do Reich, em Roma, para embarcar com destino a Madrid. Acontece que o comandante do avião nazista o levou para Munich e daí para Verona, sendo fuzilado em janeiro de 1944. O Duce já não tinha as rédeas do govêrno, pois fôra prêso em 25 de julho de 1943 e sôlto pelos nazis em 12 de outubro de 1944, quando rumou para o norte e fundou a efêmera República de Salô...

OS AMIGOS DESAPARECEM

A antiga prisioneira de Lipari, onde cumpria pena de dois anos, quando foi beneficiada com uma anistia do govêrno de De Gasperi, teve uma melancólica passagem pelo Rio. Os amigos de outrora, que há 13 anos serviram de tapête, desapareceram. Nenhum dêles subiu a bordo do «Augustus». Não recebeu um só ramalhete de flores — salvo da filha. A despeito do navio ter permanecido doze horas fundeado na Guanabara, não teve um só convite para almoçar em terra, fazendo refeição na transatlântico, em companhia de sua filha Raymunda. Nem o genro apareceu.

Ao anoitecer, o «Augustus» rumou para Buenos Aires, levando no camarote nº 12 a sombra de uma ex-mulher poderosa...



Modestamente vestida, sem um adôrno de destaque, a filha de Benito Mussolini, mais parece uma emigrante em busca da América.



Aspecto aterrador de Sami-Cefalônia, após o primeiro abalo sísmico, e quando no intervalo para o segundo tremor, um grupo de homens que se abrigara, corre desabaladamente para suas casas destruídas pelo traiçoeiro fenômeno da natureza, a fim de salvar alguma coisa, inùtilmente.



Uma velhinha de Itaca, entre seus pertences, olha desolada para os pavorosos efeitos do horrível abalo sísmico, que além de destruir totalmente a infeliz cidade, deixou ainda 400 mortos.

TERREMOTOS NA GRÉCIA

A terra nas ilhas gregas do Mar Jônio parecia que estava a dançar conga. Cefalônia e Itaca, as mais atingidas, tiveram suas cidades destruídas por um dos maiores e mais devastadores abalos sísmicos dos últimos tempos. Cem mil edifícios foram esbarrondados, indo a milhares as vítimas humanas entre mortos e feridos. A desolação em tôda a vasta zona por onde viajaram heróis lendários da Odisséia cantada por Homero, despertou a piedade do mundo inteiro. Muitos países providenciaram alimentos e roupas destinados às vítimas sem lar, enquanto milhares de feridos eram evacuados pelas autoridades gregas para cidades do continente onde houvesse recursos médicos e assistência imediata. A ilha de



Lembrando a hecatombe dos tremendos bombardeios da aviação na última grande guerra mundial, os repetidos abalos de terra em várias cidades da tradicional Grécia, arrasaram cem mil habitações, deixando-as no estado deplorável em que aparece esta habitação de Cefalônia.

CEM MIL CASAS DESTRUÍDAS ★ NA REGIÃO DAS VIAGENS DE ULISSES ★ O MUNDO INTEIRO DEPLOROU A CATÁSTROFE ★ DUZENTOS MILHÕES DE DÓLARES PARA A RECONSTRUÇÃO GERAL

Itaca foi sacudida por violentos tremores durante três dias seguidos, morrendo sob os escombros das casas despedaçadas, mais de quatrocentas pessoas, com milhares de feridos. Os prejuízos do povo foram completos, nada ficando para aproveitar em milhares de habitações, tudo reduzido a frangalhos. Ao manifestar-se a comoção sísmica, os habitantes que puderam, saíram para a rua, ou procuraram abrigos mais seguros; mas, milhares dêles não tiveram tempo e, nas próprias ruas, o chão se abria e os destroços dos edifícios iam matando e ferindo os fugitivos em pânico. Parecia o fim do mundo, afogando as populações em fumo, poeira e chamas dos incêndios provocados pela catástrofe inenarrável.



Um ferido dentre centenas dêles, desembarcando no pôrto de Pireu, procedente da arrasada localidade de Cefalônia. Essa cidade e a de Zante tiveram que ser evacuadas imediatamente.





As balas disparadas pelos policiais fizeram outras vítimas, além do deputado Tenório. Também a senhora Celita Gonzaga foi atingida.

O delegado de Duque de Caxias, Albino Imparato, ouvido pela reportagem, dá a versão dos graves acontecimentos à sua maneira. Nada viu.

COMPLOT PARA ASSASSINAR O DEPUTADO TENÓRIO CAVALCANTI E O PREFEITO DE CAXIAS ★ ACUSADO COMO RESPONSÁVEL O DELEGADO LOCAL, ALBINO IMPARATO ★ RAJADAS DE METRALHADORAS CONTRA O PRÉDIO DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL ★ FERIDO O DEPUTADO E OUTRAS PESSOAS ★ TRISTE HOMENAGEM AO PATRONO DA TERRA.

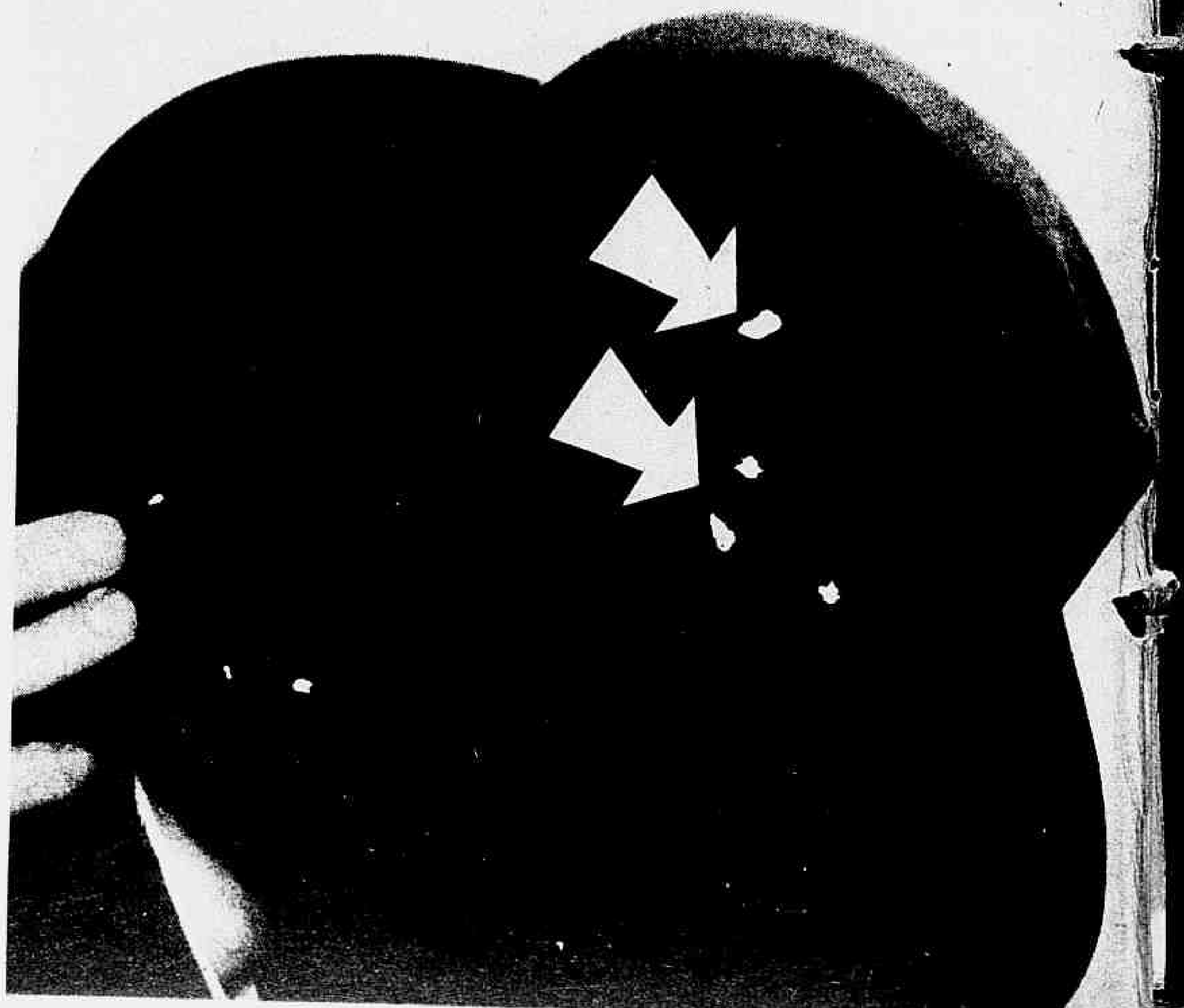
Texto de DEMÓSTENES VARELA **Fotos de PIETRO FANTAPPIÉ**

TRÊS cidades no Brasil têm o nome do patrono do nosso Exército, marechal Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias: uma no Rio Grande do Sul (Caxias do Sul), outra no Maranhão (Caxias) e ainda uma outra no Estado do Rio (Duque de Caxias). Curioso é que as duas primeiras são das mais pacatas e ordeiras do país, com proveitoso desenvolvimento cultural e industrial. A do Rio de Janeiro, exatamente a que serviu de berço ao herói de Itororó, que antigamente chamava-se Pôrto da Estrêla, é a mais barulhenta e menos desenvolvida, explicando-se a flagrante disparidade única e exclusivamente devido a política que é mau conduzida. Pois bem. Isto mesmo vem de ser agora corroborado quando ali se comemorava, com grandes festejos cívicos e sociais, a data do 150º aniversário do Duque de Caxias. Na Associação Comercial realizara-se uma conferência a cargo do sr. Afonso Arinos de Melo Franco, que fôra assistida por altas personalidades. Seguiu-se um baile que foi oferecido à população da cidade pelo seu prefeito, sr. Braulino de Matos Reis. A festa ia animada, as moças da sociedade local dançando alegremente quando, de repente, rajadas de metralhadoras se confundiram com os acordes sonoros da orquestra. O pânico tomou conta de todos. Senhoras, moças e rapazes, atônitos, puseram-se a gritar por socorro, sem saber o que realmente estava acontecendo. Pouco depois, tudo se aclarava com a chegada no recinto da festa, ensangüentado e empunhando um revólver, o famoso deputado Tenório Cavalcânti. E êle avisou: «Não é com vocês. Fiquem calmos. São os sicários da Polícia de Caxias, tendo à frente o próprio delegado Albino Imparato, que querem assassinar a mim e ao prefeito.» Mais tarde soube-se dos pormenores. Embriagados, os investigadores Bereco, Barros, Jardim e Sergipe resolveram tirar a limpo uma antiga rivalidade, escolhendo, exatamente, aquela oportunidade. O parlamentar alagoano enfrentou os policiais, sendo ferido na mão direita. Um balaço varou o seu chapéu e a sua caminhonete ficou crivada de balas. Os policiais, segundo o deputado, usaram metralhadoras de mão. Quatro pessoas, além do sr. Tenório Cavalcânti, sofreram ferimentos e foram medicadas no Hospital Getúlio Vargas, de onde o parlamentar comunicou o fato ao presidente da Câmara dos Deputados, sr. Nereu Ramos.

A caminhonete do discutido político da cidade de Duque de Caxias foi visada pela horda de desordeiros. O carro ficou crivado de projéteis.



O chapéu do parlamentar alagoano foi varado por dois balaços. Por um triz o sr. Tenório Cavalcânti não foi atingido pelos que dispararam.



Depois de medicar-se, do próprio hospital o deputado Tenório Cavalcânti comunicou os graves acontecimentos ao sr. Nereu Ramos, presidente da Câmara dos Deputados.



NOV… E EM CAXIAS:

E… PA TENÓRIO À MORTE

ÚLTIMO FLASH



O inquérito em tôrno do caso
«Última Hora» prossegue in-
tenso. Nomes de grande impor-
tância na vida do país já de-
puseram perante os inquirido-
res da Comissão Parlamentar
instituída para isso. Outras per-
sonagens estão depondo, en-
quanto novos convidados se
aprestam para cumprir o seu
dever. A papelada sobe... so-
be... Já está à altura de meio
metro, tudo dactilografado pe-
la funcionária d. Judith Muniz
Barreto que, sòzinha, vai supor-
tando a inundação de fôlhas e
mais fôlhas, tudo catalogado,
anotado, fichado, datado com a
maior precisão. Até quando? É
difícil prever. O que se pode
garantir, porém, é que aumen-
tam os papéis e a expectativa
geral, cresce o trabalho da Co-
missão e de d. Judith, que, por
sinal, não se mostra cansada e
acha que não precisa de aju-
da. E todo mundo está à espe-
ra de que chegue a definir-se
a culpa dos que estiveram in-
cursos nas penas previstas em
Lei, nesse rumoroso caso, que
continua a interessar a opinião
pública do país. E temos que
anotar uma minúcia curiosa:
não são os documentos autoa-
dos em volumes, e sim arruma-
dos em pastas diversas que,
afinal, formam o todo. Uma téc-
nica nova, parece que sòmente
adotada no inquérito parla-
mentar. (Foto de ARNALDO
VIEIRA).

MÓVEIS, TAPÊTES E CORTINAS



Projeto da CASA NUNES



TAPÊTES E PASSADEIRAS DE FORRAÇÃO

em côres lisas e com flores

TAPÊTES FEITOS A MÃO

verdadeiras obras de arte

GRUPOS ESTOFADOS

— especialidade de nossas oficinas —

VENDAS A VISTA E A PRAZO



Uma
tradição
de
bom gôsto

CIGARROS
hollywood



UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88.913